

Priscila Ribeiro Dorella

Silvio Julio de Albuquerque Lima:

Um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América
Hispânica no Brasil

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2006

Priscila Ribeiro Dorella

Silvio Julio de Albuquerque Lima:

Um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América
Hispânica no Brasil

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2006

A meus pais

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à profa. Kátia Gerab Baggio, que me orientou com dedicação, entusiasmo e rigor.

Sou muito grata aos professores Antonio Mitre e José Carlos Reis pelas leituras atentas e importantes sugestões durante o Exame de Qualificação.

Agradeço à profa. Cristina Campolina por me ajudar amavelmente com indicações bibliográficas durante divertidas conversas.

Agradeço à profa. Maria Ligia Coelho Prado pelo carinho que me recebeu em sua disciplina e pelas consideráveis contribuições que essa experiência me proporcionou.

Agradeço aos meus colegas de América Latina pelas discussões estimulantes e significativas. As amigas de Breno, Claudia e Natally foram descobertas felizes dessa etapa.

Às minhas queridas amigas de graduação Alessandra, Carolina, Camila e Luísa agradeço ao fato de sempre terem transformado as minhas angústias em motivos de confiança.

Agradeço a Francisco de Vasconcelos e a Joaquim Eloy dos Santos pelas contribuições inestimáveis com as fontes e pela carinhosa atenção.

A oportunidade de lecionar disciplinas de História da América na Universidade Federal de Minas Gerais, como Estágio Docente, e na Universidade Federal de Viçosa, como professora substituta, foram essenciais no aprimoramento do meu ofício. Sou muito grata aos alunos pelo convívio e pelas reflexões expostas.

Aos novos amigos que a Universidade Federal de Viçosa me proporcionou agradeço o carinho. Luiz Vailati me acompanhou de perto nas últimas etapas da dissertação. Agradeço-lhe muito. Pela sua gentil e inteligente presença.

À minha grande família agradeço o incentivo e o apoio nos momentos mais difíceis.

Agradeço, em especial, à minha querida prima Rosalie Pinheiro Valadares por acompanhar a minha trajetória com grande entusiasmo.

Dedico este trabalho aos meus pais – Lucia e Marcelo – com enorme gratidão e alegria.

Finalmente, agradeço à UFMG e ao CNPq pelo apoio institucional.

Resumo

Este trabalho recupera a trajetória intelectual de Silvio Julio de Albuquerque Lima, um precursor acadêmico dos estudos hispano-americanos no Brasil. Desde o século XIX, a intelectualidade brasileira elaborou discursos, predominantemente negativos, em relação à América Hispânica. A escolha do autor teve como premissa básica o fato de sua visão ser um dos primeiros contrapontos a essa tendência, o que possibilita ampliarmos a reflexão sobre a América Latina no Brasil. O estudo compreende a análise das interpretações construídas por Silvio Julio sobre a América Latina e discute como a sua militância pelo mútuo conhecimento desses países, somada ao seu temperamento difícil, contribuíram, em grande medida, para transformá-lo em um intelectual esquecido e deslocado. A trajetória do autor evidencia a sua inserção na tradição utópica latino-americana, que preza pela aproximação desses países como fator essencial para o desenvolvimento cultural, político e econômico dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Silvio Julio, intelectuais, América Latina, historiografia, identidades.

Abstract

This work brings forward the intellectual trajectory of Silvio Julio de Albuquerque Lima, an academic pioneer of the Spanish American studies in Brazil. Since the XIX century, the Brazilian intellectuality elaborated speeches, mainly negative, about the Spanish America. The author's choice had as basic premise his vision being one of the first counterpoints to this tendency, which lets us enlarge the reflection about Latin American in Brazil. The study brings the analysis of the interpretations by Silvio Julio about Latin American and discusses how his militancy for the mutual knowledge of these countries, along with his temperamental behavior strongly, contributed to turn him into forgotten and out of place intellectual. The author's trajectory shows his insertion in the utopic Latin American tradition, which tells the approximation among these countries to be an essential factor for their cultural, political and economic development.

KEYWORDS: Silvio Julio, intellectuals, Latin America, historiography, identities.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 -A trajetória intelectual de Silvio Julio.....	24
1.1. Silvio Julio e sua “missão intelectual”.....	28
Capítulo 2 -As interpretações brasileiras sobre a América Hispânica e o ibero-americanismo de Silvio Julio.....	57
Capítulo 3 -Reflexões acerca da obra de Silvio Julio.....	76
3.1. Sobre a escrita da história na América Latina.....	76
3.2. Um intérprete da cultura hispano-americana.....	79
3.2.1. Bolívar: um herói para o Brasil?.....	85
3.2.2. José Martí: o latino-americanista exemplar.....	93
3.2.3. Rodó: uma orientação do “espírito latino-americano”.....	96
Capítulo 4 -Silvio Julio: um intelectual deslocado.....	106
Considerações finais	126
Fontes e Bibliografia	
1- Obras de Silvio Julio sobre as Américas.....	128
2- Outras obras de Silvio Julio.....	129
3- Artigos sobre Silvio Julio.....	130
4- Entrevistas.....	131
5- Bibliografia geral.....	131
6- <i>Sites</i> consultados.....	137
7- Anexos: Imagens.....	138

*“(...) O que penso de tudo isso é que as aventuras que andamos buscando nos trazem mais dores de cabeça e incômodos que qualquer outra coisa. Até agora, só conseguimos apanhar mais que burros de carga. Essa tal de cavalaria andante está me saindo muito mal...
-- Como sabes pouco, meu pobre Sancho! – respondeu Dom Quixote. – Não entendes nada de nada e muito menos de cavalaria. Que aventura é maior para um guerreiro do que vencer dura batalha?
-- Talvez seja assim, já que nada entendo disso. Mas até agora, só o que ganhamos foram pauladas, murros, cacetadas e outros agrados que não me agradam. Ainda não vi vantagem nenhuma em tudo o que fizemos.*

■ *Realmente. Estes maus momentos são uma pena que estou pagando e, infelizmente, deves pagar comigo. Mas, com o tempo, verás que tudo irá bem e teremos nossas compensações”.*

■ **Dom Quixote, Miguel de Cervantes**

Introdução

A proposta deste estudo consiste em desvendar a trajetória intelectual e analisar parte significativa da obra do pernambucano Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), um dos primeiros acadêmicos brasileiros a se dedicar, sistematicamente, a estudos sobre a América Hispânica. Esse intelectual atuou como historiador, professor, ensaísta, jornalista, filólogo, poeta e contista, publicando, ao longo da sua vida, quase 40 livros sobre história, literatura e folclore na América Latina.

A contribuição de Silvio Julio¹ para a historiografia brasileira acerca da América Latina é inegável, por sua vasta e erudita produção. Lecionou durante muitos anos na Universidade do Brasil (atual UFRJ), no Rio de Janeiro, ocupando a cátedra de História da América e mantendo vínculo com algumas das mais importantes universidades hispano-americanas, entre elas a *Universidad Mayor de San Marcos*, no Peru, na qual lecionou de 1960 a 1973, beneficiando-a com a doação voluntária de toda a sua biblioteca. Somando-se a isso, orientou, entre outras, a primeira tese de doutorado em história, defendida por uma mulher, no Brasil, a historiadora Eulália Lobo, especialista em História Hispano-americana.

No entanto, Silvio Julio é, atualmente, um autor desconhecido no Brasil. Suas obras, desde 1915 até 1983 (primeira e última publicações), praticamente não foram reeditadas e não são indicadas como referência para a compreensão dos estudos latino-americanos no Brasil. Além disso, não existem pesquisas acadêmicas sobre a vida e obra desse autor, que procurou promover, no Brasil, uma “tenacíssima campanha hispano-americanista”². O *site* da Academia Petropolitana de Letras (única referência biográfica do autor encontrada na

¹ Nome com o qual o autor assinava suas obras.

² Essa campanha está relacionada à divulgação, no Brasil, de volumes de crítica, história e folclore sobre a América Hispânica, com o objetivo de diminuir o desconhecimento brasileiro com relação a essa “outra” América. JULIO, Silvio. *Apostolicamente*. Rio de Janeiro: Casa de Cervantes, 1926.

internet) endossa que, pela sua “bagagem literária”, sua produção, “(...) deveria ser reeditada e adotada pelas cátedras de nossa história hispano-americana”.³

Esses indícios nos levaram ao interesse pela sua obra e à reflexão sobre o que a historiografia brasileira seleciona como relevante ou como legítimo para ser lembrado. Sabemos que, devido a um sistema educacional precário, o Brasil possui sérias dificuldades com a sua memória histórica, o que equivale a dizer que, no país, o exercício coletivo de ordenação e organização do mundo apresenta aspectos tão problemáticos que são capazes de comprometer, até mesmo, a noção de cidadania⁴. Ao observarmos a historiografia brasileira sobre essa “outra” América, a América Hispânica, percebemos lacunas historiográficas ainda mais graves.

Essas constatações, por outro lado, não explicam por si só o fato de que muitos intelectuais brasileiros como Silvio Julio, que trabalham com temas pouco visitados, sejam desconsiderados na própria instituição acadêmica, em prol de outros.

Ronaldo Conde Aguiar⁵, ao realizar um estudo sobre Manoel Bomfim, intitulado *O rebelde esquecido*, afirma que há no meio intelectual brasileiro uma “hierarquia de relevância” que tende a privilegiar autores estrangeiros em detrimento de autores brasileiros. Além disso, há, segundo ele, um consenso de que somente nomes consagrados da história intelectual brasileira são capazes de apontar as causas mais profundas das mazelas sociais e políticas do país. De acordo com essa lógica, os intelectuais pouco conhecidos ou mesmo esquecidos não nos serviriam para pensar a história porque o pensamento social brasileiro é, notavelmente, excludente.

Procurando desconstruir esse paradigma seria interessante pensarmos sobre o esquecimento como um aspecto da memória histórica, que opera realizando escolhas. Dessa

³ Disponível em: http://www.apcl.com.br/noticias/coluna_silviojulio.html 07/09/03

⁴ Ver: José Murilo de Carvalho é uma das principais referências no estudo sobre a questão da cidadania na república brasileira.

maneira, a disposição para esquecermos determinados ângulos do passado histórico revela sinais tão significativos sobre o que valorizamos quanto a disposição que temos de lembrar, em grande medida, de determinados acontecimentos e autores.

Diante dessa problemática da lembrança e do esquecimento, que envolve o discurso histórico, levantamos algumas questões sobre o trabalho intelectual de Silvio Julio: Porque um intelectual tão erudito não é lembrado? Autores pouco editados e citados são autores de pouca relevância? Quais seriam os motivos que fizeram dele um autor esquecido? Qual a razão do silêncio que se abateu sobre a memória desse intelectual brasileiro, tão prestigiado nos países hispano-americanos? O fato de termos uma cultura profundamente marcada por uma tradição eurocêntrica foi responsável por ficarmos de costas para a América Hispânica? O que significava ser, no Brasil, um dos precursores em estudos hispano-americanos? Como explicar a estratificação dentro do campo intelectual, onde alguns autores são reconhecidos e outros esquecidos? Que relações podem ser estabelecidas entre as obras e os contextos em que foram produzidas? A difícil sociabilidade de Silvio Julio teria comprometido o reconhecimento da sua obra no Brasil? A qualidade do seu trabalho seria discutível, segundo o julgamento dos que o receberam?

Apesar das dificuldades em lidar com essas indagações, elas são, ao nosso ver, extremamente instigantes. Temos a oportunidade de refletir, no Brasil, sobre temas relacionados ao papel da intelectualidade, dos projetos editoriais, do discurso histórico e suas ligações com a política, a memória, e também, nesse caso, com a construção da identidade brasileira em relação à América Hispânica.

A produção historiográfica sobre os intelectuais começou a crescer e a ser valorizada, segundo René Rémond, a partir da década de 1970, época em que a história política sofreu uma considerável transformação. Durante muito tempo, a história política foi

⁵ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: ANPOCS: TOPBOOKS, 2000.

acusada de ser elitista, factual, biográfica, descritiva, linear, em comparação com as histórias seriais, quantitativas, analíticas e estruturalistas que estavam em voga (a tradição marxista e a historiografia francesa dos *Annales*). Assim, as histórias políticas dos intelectuais não encontravam grande receptividade e, para tanto, tiveram que se modificar.

De acordo com Francisco Falcon, os novos condicionamentos históricos foram, nesse sentido, determinantes para uma nova história política:

Os fatores históricos mais mencionados compõem uma estrutura explicativa em três etapas: o advento da sociedade pós-industrial, cuja lógica se baseia no domínio tecnológico, consubstanciado na informática, sobre um conjunto de seres humanos massificados e manipulados pela mídia; o retorno do acontecimento como notícia e a percepção aguda do caráter eminentemente político das decisões governamentais compreendidas na designação políticas públicas; a universalização da burocracia (Weber) e a programação de vastos setores das atividades sociais. Como consequência disso, as decisões propriamente políticas recobram importância, adquirem um peso específico muito grande, levando a uma politização inevitável dos acontecimentos, atitudes, comportamentos, idéias e discursos.⁶

Nesse novo contexto, o estudo da história política reajustou os seus instrumentos e multiplicou os seus materiais, não restringindo seu objeto a uma visão centralizadora e institucionalizada do poder político, incorporando outras dimensões sociais do saber, como a economia, a mídia, o imaginário político, as tradições culturais, a teoria literária, a lingüística, a filosofia e a análise do discurso, ampliando, com isso, as possibilidades de apreensão do conhecimento histórico nessa linha. Ultimamente, percebemos nessa mudança dos “princípios de inteligibilidade” uma série de pesquisas que investem na formulação de conceitos e hipóteses sobre os intelectuais como agentes colaboradores da sociedade, por participarem, em certa medida, da modificação das formas de sociabilidade, autorizando novos pensamentos e transformando as relações com o poder.⁷

Vale ressaltar que a história política/intelectual não se compromete somente com o estudo tradicional dos grandes pensadores que marcaram um tempo e influenciaram as gerações posteriores. Essa história se compromete, atualmente, com “as mil degradações do

⁶ FALCON, Francisco. “História e Poder”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.77.

modelo original” ao se preocupar em acompanhar, fundamentalmente, o trabalho das idéias na sociedade política, sendo que o resgate de intelectuais esquecidos tornou-se um ponto relevante para o esclarecimento do passado, uma vez que podem ter exercido tanto uma influência cultural quanto política⁸.

Jean-François Sirinelli, no seu artigo intitulado “Os Intelectuais”, salienta que a definição do que seja intelectual é extremamente imprecisa pelo “caráter polissêmico” e pelo “aspecto polimorfo” do seu meio. Porém, ele defende duas acepções do intelectual, “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e ‘mediadores’ culturais, e outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”⁹. Acreditamos que uma não exclui necessariamente a outra, assim, consideraremos as duas definições para pensar o autor em questão.

A dinamização da história política e a implosão da concepção meramente representacional do seu discurso, reordenaram as novas tendências da historiografia ocidental. Paul Ricoeur e Michel Foucault foram alguns dos principais agentes dessa mudança.

Ricoeur¹⁰, por refletir sobre a maneira como a narrativa histórica constrói um discurso capaz de colaborar com a criação de novas “realidades”. Desse modo, não devemos pensar na narrativa discursiva como exterior às “realidades”, uma vez que é constituída por elas.

Foucault, por sua vez, contribui para a historiografia, de forma decisiva, ao “sublinhar o papel dos discursos, das práticas discursivas, em estreita conexão com os saberes, os poderes e suas relações recíprocas”¹¹.

⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. São Paulo: USP, *Estudos Avançados*, 1991, p.178.

⁸ WINOCK, Michel. “As idéias políticas”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p.276.

⁹ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: *Op. cit.*, p.242.

¹⁰ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994, vol. 1.

¹¹ FALCON, Francisco. “História das idéias”. *Op. Cit*, p.115.

Segundo Foucault, devemos considerar que o discurso intelectual é sinônimo de poder não só porque transforma a consciência das pessoas, mas, também, “(...) o regime político, econômico, institucional de produção da verdade”¹².

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.¹³

Entretanto, quando nos encontramos diante do esquecimento das obras de certos intelectuais e procuramos resgatar essas memórias perdidas no tempo, nos indagamos sobre em que espécie de poder e de “verdade” os discursos históricos são fundamentados socialmente. Como diria Le Goff: Onde se estabelece essa “luta pela dominação da recordação?”¹⁴ Segundo Foucault, o que sustenta a “verdade” intelectual e o seu reconhecimento social é:

....um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como os sistemas de livros, da edição, das bibliotecas (...), mas (...) mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é valorizado, distribuído e de certo modo atribuído. (...) essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no ‘discurso verdadeiro’.¹⁵

Nesse viés, esse “discurso verdadeiro” sobre aquilo que é mais apropriado ou não de ser consumido é construído, em parte, por uma “rede” de sociabilidade. Procuramos, diante disso, inventariar qual a “rede” de sociabilidade a que pertenceu Silvio Julio, pois “todo intelectual organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de

¹² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p. 14.

¹³ Idem, *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.10.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas. Editora da Unicamp, 1990.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.18.

afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”¹⁶.

Nessa “rede”, em que se relacionam as origens do despertar intelectual e político, os projetos editoriais têm um papel essencial, pois são meios literários que permitem esclarecer as “vontades de verdade”, as atitudes de uma corporação e o encaminhamento das idéias.¹⁷

Esse encaminhamento das idéias, segundo André Belo, pelos meios de sociabilidade e pelas editoras, revela, mais uma vez, que os livros – produto do trabalho intelectual – são mais do que objetos materiais. São, também, representações da sociedade da qual fazem parte com suas narrativas, memórias e idéias.

Qualquer livro, em qualquer época, seja ele impresso ou manuscrito, traz em si, para além das marcas de um trabalho intelectual, marcas de práticas artesanais ou industriais, marcas de uma relação com o poder ou com outros indivíduos, marcas de um produto destinado a ser vendido ou trocado, marcas do estatuto social dos seus autores, marcas da relação do texto com o leitor, marcas de um uso da língua, enfim, marcas de um proprietário ou mesmo de um ato de leitura. Tudo o que está no livro, em qualquer livro, nos reenvia para fora dele.¹⁸

O livro, portanto, é o principal objeto discursivo a ser analisado nesse trabalho de história intelectual, obrigando-nos a conhecer o contexto em que foi produzido para melhor compreendê-lo. Torna-se necessário, desse modo, sabermos das condições e dos processos que determinam as construções de sentido como, por exemplo, as correntes filosóficas que interferem, direta ou indiretamente, nas representações, nas visões de mundo, condicionando sistemas de percepção, de apreciação e de classificação¹⁹.

O estudo biográfico sobre Silvio Julio se coloca, nessa direção, como um dos componentes principais desse trabalho. Ao longo da pesquisa sobre o autor, encontramos poucas referências consistentes sobre sua vida e obra.

Nessa busca pelos “sentidos de uma vida” pública, Philippe Levillain sustenta que:

¹⁶ SIRINELLI, Jean François. *Op. cit.*, p. 248.

¹⁷ WINOCK, Michel. *Op. cit.*, p. 288.

¹⁸ BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 104.

A biografia histórica hoje reabilitada não tem como vocação esgotar o absoluto do “eu” de um personagem, como já o pretendeu e ainda hoje pretende mais do que devia. (...) Ela tampouco tem que criar tipos. Ela é o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre o passado e o presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida. Seu método, como seu sucesso, devem-se à insinuação da singularidade nas ciências humanas, que durante muito tempo não souberam o que fazer dela.²⁰

A realização de uma reconstituição exaustiva da vida do autor em questão não está, desse modo, nos objetivos da pesquisa, e sim o entendimento de aspectos de sua vida que influíram, de forma determinante, no seu percurso intelectual, na sua produção historiográfica, pois sabemos que as idéias não agem sozinhas. Como orienta Sirinelli, nos estudos sobre as relações entre vida e obra de intelectuais,

deve [a biografia] sugerir ao historiador a pista dos “boatos”: sem reduzir o estudo dos intelectuais ao de um triângulo mágico situado entre o Sena e as ruas do “Quartier Latin”, o diz-que-diz que aí corre sobre a saúde, os amores, as evoluções políticas, as adesões e as defecções, as rupturas e os reencontros, as bruscas conversões e as ilusões perdidas, é um objeto de história, na medida em que esses elementos influem – às vezes – no funcionamento desse ecossistema que é a *intelligentsia*. E isto sem precisar afirmar ‘que está na essência da *intelligentsia* acreditar em certos rumores’²¹

Seguindo o caminho da história dos intelectuais, devemos considerar, de acordo com Sirinelli, dentro das “genealogias de influências”, não só as “redes” de sociabilidade e a análise biográfica, mas também, as noções de geração e itinerário.

A geração está relacionada a acontecimentos fundadores que marcam uma época e compõe uma memória coletiva que influencia toda a vida.

Quanto ao itinerário, esse pode ser entendido como o caminho político/intelectual seguido pelo autor. Podemos avaliar se o seu percurso seguiu uma linha reta, sem mudanças, ou se seguiu linhas fragmentadas e até contraditórias. Nesse caso, sua trajetória precisa ser balizada e, sobretudo, interpretada, para que possamos entender suas relações com a sua produção intelectual e o contexto histórico em que o autor está inserido.

¹⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. “A história intelectual em questão”. In: LOPES, Marco Antonio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 19.

²⁰ LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René. *Op. cit.*, p. 176.

²¹ SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.*, p. 242.

Uma outra questão metodológica que vale a pena explanarmos se refere à maneira como trataremos as representações do passado, presentes no discurso histórico de Silvio Julio. Além da busca pela herança das idéias, pela forma de produção e circulação das obras, que possibilitam uma pluralidade de leituras - ou, como diria Koselleck, um “horizonte de expectativas”²² -, devemos considerar também a construção do texto, o que implica em desvendarmos a sua concepção de tempo histórico, os seus critérios de exposição e a sua análise discursiva, com suas narrativas, fatos, acontecimentos, conceitos e categorias históricas. Pretendemos procurar nas entrelinhas de suas narrativas aquilo que é próprio do autor, aquilo que o identifica e, ao mesmo tempo, encaixa o texto no seu contexto para discutirmos aspectos da memória histórica e da nação brasileira inserida na América Latina.

Acreditamos que o que é relevante na história intelectual não são apenas os valores intrínsecos à obra do autor estudado, mas a maneira como ela venha a ser problematizada. A tarefa que o pesquisador tem a cumprir, nesse caso, é a de “tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas e veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época”²³.

No que se refere à América Latina, acreditamos que recuperar o olhar de Silvio Julio sobre ela pode auxiliar na compreensão das relações intelectuais entre o Brasil e a América Hispânica, pois a escassa produção intelectual brasileira sobre essa área de estudos insistiu, durante muitas décadas, em uma visão preconceituosa sobre os países hispano-americanos. A exemplo disso, no período em que Silvio Julio começou a produzir suas obras (1915) o Brasil procurava, segundo Kátia Gerab Baggio, consolidar sua identidade nacional reforçando, na maioria das vezes, suas diferenças em relação aos países da América

²² KOSELLECK, R. “Champ d’expérience” et “horizon d’attente”: deux catégories historiques. In: *Le Futur Passé*. Paris: EHESS, 1990.

Hispânica, o que é relativamente compreensível, uma vez que conflitos fronteiriços ajudaram a gerar desconfianças mútuas. No entanto, o Brasil, até hoje, “(...) oscila entre o sentimento de ser, ou não, parte integrante da América Latina”²⁴.

Entendemos que os discursos de intelectuais brasileiros sobre a América Hispânica, na sua maioria, foram, durante muito tempo, como considera Maria Ligia Prado, “(...)‘verdadeiras narrativas míticas’ que têm dupla finalidade, a explicativa e a mobilizadora”²⁵. Isto é, esses discursos contribuíram para a construção de uma memória negativa a respeito dessa “outra” América, que se firmou no senso comum. O nosso trabalho procura, nesse sentido, contribuir para ampliar o debate acerca da nossa relação com essa “outra” América.

As obras de Silvio Julio foram produzidas, muitas vezes, como constatamos anteriormente, em momentos de desinteresse e preconceito do Brasil em relação aos países hispano-americanos. Realizando um contraponto a essa tendência negativa, o autor afirma, nos seus estudos, que a América Hispânica merecia ser pesquisada pelos brasileiros porque temos uma tradição ibérica comum, o que proporciona um aprendizado mútuo, sendo a tradição ibérica considerada por ele constituinte da nossa “Pátria Maior”²⁶ – a América Latina.

Essa questão é confirmada, por exemplo, ao observarmos que as referências por ele utilizadas em seus livros são, na grande maioria, de fontes hispano-americanas, e que suas relações com muitas das universidades desses países foram perceptivelmente estreitas. Além disso, criticava os discursos brasileiros nacionalistas que sustentavam ser o Brasil o melhor país da América Latina.

²³ SIRINELLI, Jean-François. *Op.cit.*, p. 261. Sabemos que uma época não tem apenas uma cultura política, mas uma cultura política dominante.

²⁴ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: FFLCH – USP, 1998 (Tese de Doutorado), p. 209.

²⁵ PRADO, Maria Ligia Coelho. “O Brasil e a distante América do Sul”. São Paulo: *Revista de História USP* – Humanitas Publicações FFLCH – abril/ 2002, p.132.

Ora, qual a razão de que dispõe o Brasil para, na América, tornar-se senhor da exclusividade em coisas intelectuais? Que misterioso privilégio é esse, que o faz, entre as nações ibéricas do nosso continente, dono da melhor e quiçá única cultura? Por que, não havendo até hoje descoberto o intrínseco caráter de sua mentalidade, nem organizado o seu celular critério filosófico-social, deprecia a labuta do espírito mexicano, que é impressionante, a do espírito colombiano, que é firme, a do espírito platino, que é insaciável?²⁷

Atualmente, percebemos a existência, cada vez mais expressiva, de pesquisadores brasileiros dedicados aos estudos hispano-americanos. Vale destacar, a exemplo disso, a criação da ANPHLAC²⁸ – Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha, fundada em 1993. No entanto, acreditamos que não se consegue, ainda, afirmar se o motivo dessa aproximação se origina da percepção de que a América Latina possui fortes laços identitários, que geram um interesse mútuo cada vez maior, ou se essa aproximação não seria, apenas, mais uma entre as várias possibilidades de nos conectarmos com o “outro”, nesse acelerado processo de globalização em que vivemos.

Nessa direção, ao analisarmos a trajetória e a produção intelectual de um dos precursores, no Brasil, de estudos acadêmicos sobre a América Hispânica, temos o intuito de resgatar uma memória que se perdeu para ampliarmos, assim, as possibilidades de se pensar a América Latina no Brasil. Pois, como constata Prado, “(...) é difícil pensar a América Latina a partir do Brasil, onde não existe uma tradição de estudos latino-americanos”²⁹. Silvio Julio sentia o mesmo, revelando em 1944: “Vindo da América Espanhola, o Brasil não aceita nada. Repudia tudo, com hierática displicência”.³⁰

Apesar das mudanças ocorridas nos últimos tempos, a carência de estudos revela, também, que a tradição política e cultural brasileira em relação à América Hispânica construiu um imaginário político repleto de representações contraditórias, o que implica na

²⁶ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*. 3ª edição. Salvador: Livraria Progresso, 1957, p. 5.

²⁷ Idem, *Escritores antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944, p. 15.

²⁸ Essa associação procura promover o intercâmbio de pesquisadores e professores brasileiros dessa área, além de atualizar o balanço sobre a produção historiográfica brasileira voltada aos estudos latino-americanos e caribenhos e discutir a situação e as perspectivas do ensino de História da América, no Brasil. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac>

²⁹ PRADO, Maria Ligia Coelho. *Op. cit.*, p. 147.

tentativa de construção de uma identidade latino-americana que é, até hoje, problemática. Quanto à análise de uma visão negativa brasileira sobre a América Hispânica, no Brasil, esta pode ser compreendida, de acordo com Antoine Compagnon, como um “paradoxo que salta aos olhos”³¹, pois procuramos explicar pelo contexto histórico essa problemática tradição política e cultural precisamente porque essa escapa ao contexto e sobrevive a ele.

Ao tratar dessas identidades latino-americanas temos que lidar com a noção de alteridade, pois a identidade se forma a partir do “outro”. Ou seja, a partir do olhar em direção ao “outro” é que podemos ir ao encontro de nós mesmos. O “outro” pode ser aos nossos olhos maravilhoso, terrível, diferente e até mesmo incognoscível, porém é na presença dele que construímos aquilo que somos e aquilo que não somos – a nossa identidade.

Estudar aspectos da construção da identidade nacional através da visão de um intelectual brasileiro que defendeu a necessidade de conhecermos a América Hispânica foi, também, uma das possibilidades que orientou o caminho para entendermos, um pouco melhor, o nosso “espaço de experiência”³² latino-americano. Acreditamos, como sustenta Alain Rouquié, que:

Se a existência de uma América Latina é problemática, se a diversidade das sociedades e das economias se impõe, se a delimitação das diferentes nações é um dado básico de seu funcionamento, não deixa de ser verdade que uma relativa unidade de destino, mais sofrida que escolhida, aproxima as “repúblicas irmãs”. Ela é legível nas grandes fases da história, perceptível na identidade dos problemas e das situações que enfrentam atualmente essas nações.³³

³⁰ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p. 24.

³¹ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2001, p.22.

³² KOSELLECK, R. *Op. Cit.*

³³ ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991., p.27.

* * * *

A dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a trajetória política e intelectual do pernambucano Silvio Julio de Albuquerque Lima.

É importante ressaltar que esse capítulo é uma aproximação biográfica, uma vez que as fontes encontradas sobre a sua trajetória privilegiam, em excesso, determinados períodos de sua vida em detrimento de outros. Esse aspecto ocorre devido ao fato de que as fontes encontradas são, em grande medida, do próprio autor e de amigos, que procuraram enaltecer a importância de seu trabalho não só como historiador, mas também como um grande conhecedor da literatura, lingüística, folclore e arqueologia latino-americana.

Ângela de Castro Gomes, em seu livro *Escrita de si – escrita da História*, afirma que, para a análise desse tipo de registro, devemos considerar duas posições básicas:

De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma ‘representação’ do seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma ‘invenção’ do próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora. Uma dicotomia que tem sido apontada como um falso paradoxo, mas que pode ser útil para se entender a dinâmica própria da escrita de si.³⁴

Dessa maneira, a constatação da inexistência de pesquisas acadêmicas sobre Silvio Julio revela o desafio de iniciarmos uma reflexão da vida e da obra desse autor esquecido.

O segundo capítulo é dedicado a discutir as principais interpretações históricas sobre a América Hispânica que ganham ressonância na sociedade brasileira e a visão ibero-americanista de Silvio Julio. Tomamos por base algumas interpretações recentes sobre esse assunto, como as de Antonio Candido, *Os brasileiros e a nossa América*³⁵; Kátia Gerab Baggio, *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das*

³⁴ GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si – Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.16.

³⁵ CANDIDO, Antonio. “Os brasileiros e a nossa América”. In: *Recortes*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993, p.130-139.

*primeiras décadas republicanas*³⁶; José Murilo de Carvalho, *Brasil: outra América?*³⁷; Maria Ligia Prado, *O Brasil e a distante América do Sul*³⁸ e Maria Helena Capelato, *O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano*³⁹. Seleccionamos o texto de Silvio Julio *Considerações sobre o americanismo no Brasil*⁴⁰ para a ampliação dessa discussão.

O terceiro capítulo faz uma reflexão sobre a obra de Silvio Julio. Dividimos esse capítulo em dois tópicos.

No primeiro tópico expomos a sua concepção de história. Utilizamos como referência o livro que publicou, em Lima, sobre metodologia da história, denominado *Del estilo de la historia*⁴¹, de 1969. Essa obra tem o intuito de traçar os problemas enfrentados pelos historiadores da América Latina e refletir sobre os caminhos metodológicos mais pertinentes para pensarmos a historiografia ibero-americana.

No segundo tópico procuramos demonstrar como o “espaço cultural latino-americano”⁴² aparece nas obras do autor. Seleccionamos para esse tópico 5 obras: *Cérebro e coração de Bolívar*, de 1931; *Escritores antilhanos*, de 1944; *José Enrique Rodó e o cinqüentenário do seu livro Ariel*, de 1954; *Ensaio sobre a história dos povos americanos*, de 1961; *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-América*, de 1983.

A escolha está relacionada à diversidade dos assuntos tratados – o que enriquece e amplia a discussão -, e às datas de publicação das obras, que possibilitam observar o

³⁶ BAGGIO, Kátia Gerab. *Op. Cit.*

³⁷ CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: outra América?” In: *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998, p.269-274.

³⁸ PRADO, Maria Ligia Coelho. *Op. Cit.*

³⁹ CAPELATO, Maria Helena. “O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) A grande transação*. São Paulo. Ed. Senac. 2000, pp.286-315.

⁴⁰ JULIO, Silvio. “Considerações sobre o americanismo no Brasil”. In: *Escritores antilhanos*.

⁴¹ Idem, *Del estilo de la historia*. Lima:Universidad de San Marcos, 1969.

⁴² Conceito que procura compreender a América Latina levando em consideração as múltiplas identidades culturais que interagem nesse espaço. GARCÍA CANCLINI, Nestór. *A Globalização Imaginada*. São Paulo. Editora: Iluminuras, 2003. A apropriação desse conceito de García Canclini, nesse trabalho, veio do entendimento de que Silvio Julio compartilha dessa mesma visão de multiplicidade cultural dentro do espaço latino-americano.

percurso de Silvio Julio nos estudos sobre a América Latina. A idéia não é analisar em profundidade cada uma das interpretações, mas pensá-las de acordo com as principais temáticas enfatizadas pelo autor como, por exemplo, as culturas ibero-americanas e as literaturas hispano-americanas.

É importante salientar que, nessas obras, Silvio Julio trabalha como uma espécie de intérprete do pensamento político e cultural hispano-americano. O seu esforço está voltado, preponderantemente, para apresentar, ao leitor brasileiro, autores hispano-americanos do século XIX e início do XX. Pensadores como Simón Bolívar, Andrés Bello, José Martí, Ricardo Palma, Manuel González Prada, Rubén Darío, José Enrique Rodó, entre outros, foram alvos de sua dedicação.

Um dos objetivos do autor era criar uma aproximação cultural entre os países latino-americanos. Para Silvio Julio:

As literaturas americanas não pregam o ódio; não adoram déspotas, não criam místicas individuais, não se conformam com a estupidez futurista. Quem as conhece e as cultiva sabe que elas constituem uma só orientação e que enviam ao futuro uma só mensagem: unionismo, solidariedade, confraternização pela beleza.⁴³

Observamos que as principais referências do autor encontram-se em três fundamentais matrizes do pensamento latino-americano: Simón Bolívar, José Martí e José Enrique Rodó. Diante disso, optamos por discutir as suas interpretações em relação aos mesmos.

Veja a exemplo, o livro de Silvio Julio *Cérebro e coração de Bolívar*, de 1931. Esse livro é um dos primeiros estudos, produzido por um brasileiro, dedicado exclusivamente à vida e à obra de Bolívar. O autor enfatiza uma imagem mítica de Bolívar, contribuindo, assim, para a difusão do discurso utópico bolivariano na América Latina.

Esse discurso está inserido em uma das várias dimensões do pensamento utópico latino-americano, que tem suas origens, de acordo com Carlos Fuentes, na “descoberta” da América:

⁴³ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.55.

... o continente americano tem vivido entre o sonho e a realidade, tem vivido o divórcio entre a boa sociedade que desejamos e a sociedade imperfeita que realmente vivemos. Temos persistido na esperança utópica porque fomos fundados pela utopia, porque a memória da sociedade feliz está na própria origem da América; e também no final do caminho, como meta e realização das nossas esperanças.⁴⁴

A intenção dessa abordagem é discutirmos a utopia bolivariana presente na obra de Silvio Julio, considerando o contexto histórico brasileiro em que foi produzida.

Por fim, o quarto capítulo procura pensar o deslocamento do autor, tanto do ponto de vista da sociabilidade e das temáticas trabalhadas, quanto das posições ideológicas defendidas. A proposta de pensar Silvio Julio como um intelectual deslocado nos ajuda a compreender a militância presente em sua obra, pois ao lidar com questões tão pouco visitadas pela intelectualidade brasileira, como é o caso das culturas hispano-americanas, o autor procura chamar a atenção do público, atuando através de uma linguagem agressiva e engajada.

⁴⁴ FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado: Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Rio de Janeiro:

Capítulo 1

A trajetória intelectual de Silvio Julio

Como sabemos, a História se compromete em resgatar o vivido dos homens, ao longo dos tempos, e as “histórias” desse vivido. As metodologias mais adequadas e os temas privilegiados para a elaboração desse saber sempre foram variáveis, de acordo com os valores que cada época e cada sociedade determinaram como os mais apropriados.

No Brasil, após a independência em 1822, muitos pensadores se ocuparam em construir narrativas históricas que traçaram possíveis identidades para a nova nação que se formava⁴⁵. A preocupação com a “questão nacional” liderou, durante décadas, a pauta das discussões sobre História no país, estimulando muitos intelectuais a conhecer, retratar, entender e descobrir o Brasil.

Essas discussões sobre as identidades do Brasil foram extremamente profícuas, uma vez que contribuíram para mapear as semelhanças e diferenças entre os brasileiros e, principalmente, entre os brasileiros e as outras nações. O “outro” era um contraponto para se pensar o Brasil. Tanto um olhar predominantemente positivo em direção à Europa quanto um olhar frequentemente negativo em direção à América Hispânica eram referências que serviam para a construção da nacionalidade brasileira.

O primeiro grande esforço oficial nessa direção foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838. Essa instituição procurou elaborar uma maneira de pensar a história do Brasil dando valor ao Império, à herança portuguesa e à unidade do território.

Com a Proclamação da República, em 1889, as bases para se pensar a nação mudam e tradições políticas como o liberalismo, a república e a Ilustração francesa

Rocco, 2001, p.9.

ganham importância numa sociedade que enfrentava o desafio da herança escravagista, latifundiária e patriarcalista.

Nos anos 1920 despontava no Brasil um movimento significativo de intelectuais extremamente insatisfeitos com a organização política e sócio-econômica do país. A Primeira República decepcionava por uma série de projetos frustrados e corruptos, que evidenciava uma enorme incapacidade técnica e administrativa dos seus governantes. Essa década vivenciou o surgimento do Partido Comunista Brasileiro, do movimento tenentista, da Semana de Arte Moderna, que revelaram, em maior ou menor grau, uma resistência à situação vigente.

Vale pontuar que os intelectuais que se comprometeram a refletir sobre a composição da nação brasileira eram, nesse período, de diversas tradições políticas. Atuavam não só através da produção de livros, mas também como professores, diplomatas e jornalistas. De acordo com Nicolau Sevcenko:

Por trás da metamorfose estética transparece a mudança da condição social do escritor. Anteriormente, sua situação era de membro ou cliente virtual da elite monárquica, alocada no topo absoluto da hierarquia social e legitimada por uma concepção sobranceira e imponderável da ordem da sociedade. Agora, desprende-se da situação do velado mecenato, passando a uma condição de categoria social isolada, disputando a sobrevivência no concorrido mercado urbano recém-ativado e a participação no sistema de hegemonia no espaço público da nova república.⁴⁶

A década de 1930 foi uma das épocas que presenciou uma profunda preocupação com a identidade nacional brasileira. O governo Vargas criou projetos políticos nacionalistas, centralizadores e burocráticos com intensa participação e contribuição de diversos intelectuais brasileiros, que, a partir de suas perspectivas particulares, procuraram fazer da escrita um instrumento de transformação social e política.

⁴⁵ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª edição: São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.276.

Podemos observar, assim, que a profissionalização do trabalho do historiador no Brasil esteve intimamente conectada ao desenvolvimento do Estado moderno e ao projeto de constituição da nacionalidade.

Entretanto, esse desafio com o qual se ocuparam muitos intelectuais, ao longo de décadas, gerou no sistema educacional brasileiro um certo prejuízo em relação à produção de um conhecimento mais profundo e crítico sobre outros países. Além disso, ao se atribuir determinadas particularidades ao Brasil, sem o conhecimento criterioso das histórias de outros países, corre-se o risco de tornar único o que pode ser, também, uma característica do “outro”. Lúcia Lippi de Oliveira, em seu livro *Americanos*, observa:

(...) Devemos lembrar que o desconhecimento [do outro] é mais geral do que está sendo mencionado. Sabemos pouco da história de Portugal, da Espanha, da Itália, para mencionar apenas países latinos. Talvez a exceção seja mesmo o caso francês, já que as demais histórias têm pouco espaço no universo acadêmico brasileiro.⁴⁷

Atualmente, nota-se um aumento do interesse por uma visão histórica mais ampla. Essa renovação do sentido histórico, imposta pelo acelerado processo de globalização, exige, como afirma Néstor García Canclini, “(...) conhecer melhor os outros e indagar, com o maior rigor possível, como podem conviver nossas diferenças e qual é o futuro da produção cultural própria em concorrência e intercâmbio com a de outras regiões.”⁴⁸

Nessa direção, refletirmos sobre o Brasil na América Latina, através da visão de Silvio Julio, é um caminho distinto para pensarmos o Brasil, pois, como mostra García Canclini, existe uma história mais ou menos comum que nos une em um “*espaço cultural latino-americano*”.

Silvio Julio trabalhou principalmente pela defesa do mútuo conhecimento entre o Brasil e os países hispano-americanos, o que denominou como *Ibero-americanismo bolivariano*, procurando compreender as diferenças e semelhanças entre esses países.

⁴⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte, Ed: UFMG, 2000, p.31.

⁴⁸ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo, Editora Iluminuras, 2003, p.94.

Ressaltou também, ao longo de sua trajetória intelectual, os problemas de privilegiar excessivamente a produção de uma história nacional brasileira em detrimento de outras histórias, pois de acordo com o autor, isso impediria o país de conhecer proficuamente o “outro” e a si mesmo. Sobre o nacionalismo afirma:

A historiografia, ou se estuda com elevação, crítica científica e verdadeiro senso de justiça ou não passa de romance aviltado pelo interesse dos partidos e dos indivíduos sem moral. Nacionalismo furente, raivosa patriotaria não é luz, mas trevas e negação da inteligência, que pertence a humanidade e nunca viveu cercada dentro de um quintal, de uma fazenda, de um município. Meter a liberdade de pensar num uniforme e acorrentá-la à delegacia de polícia do bairro não nos parece que seja prestar serviços à sociedade em que vivemos, porque isto representa atraso, retrogradação, inferioridade.

Aprendamos com Alexandre Herculano o certo neste assunto:

“O patriotismo pode inspirar a poesia; pode aviventar o estilo; mas é péssimo conselheiro do historiador. Quantas vezes, levado de tão mau guia, ele vê os fatos através do prisma das preocupações nacionais, e nem sequer suspeita que o mundo se rirá, não só dele, o que pouco importará, mas também da credulidade e ignorância do seu país, o qual desonrou, crendo exaltá-lo”.⁴⁹

A sua postura sobre o nacionalismo era, para a época, um tanto quanto incomum e radical, uma vez que a idéia em voga, como procuramos ressaltar, era se voltar para as questões “essencialmente” brasileiras. Em relação à sua linguagem agressiva, podemos adiantar que isso gerou para ele sérios problemas de sociabilidade. Assim, para trabalharmos com suas idéias, pretendemos primeiramente revelá-las à luz do meio em que foram desenvolvidas. Esse primeiro capítulo procura tratar de parte da sua vida para uma melhor compreensão do seu perfil intelectual.

É importante pontuar que a trajetória de vida de um intelectual não segue um desenvolvimento linear, pois não é feita somente de relações de causa e efeito, o que desafia muitas vezes a inteligência organizadora do real. Seguimos, assim, um traçado do vivido de um intelectual que contribuiu para a diversificação e renovação do *corpus* documental brasileiro.

⁴⁹ JULIO. Silvio. *Escritores antilhanos*.p. 20.

1.1 Silvio Julio e sua “missão intelectual”

“*Eu nasci mais ou menos Dom Quixote*”

Silvio Julio, *Estudos hispano-americanos*, 1924

Silvio Julio de Albuquerque Lima nasceu no dia 19 de novembro de 1895 no Recife, Pernambuco. Atuou como historiador e professor, tendo sido um dos primeiros acadêmicos brasileiros a se dedicar com afinco aos estudos sobre a América Hispânica.

As informações sobre a sua infância limitam-se à mudança do Recife, com sua família, para o Rio de Janeiro, quando tinha dois anos de idade. O motivo da transferência foi o trabalho militar de seu pai, o General Melquisedeque Albuquerque Lima⁵⁰. Pertencia a uma tradicional família nordestina, mas, diferentemente de muitos intelectuais brasileiros do período, sua família não era abastada⁵¹.

Orgulhava-se de ser Albuquerque Lima por ter essa família uma forte tradição republicana que vinha desde as lutas de 1817⁵² e 1824⁵³ contra a monarquia. Pela mesma razão, admirava os seus conterrâneos, que eram considerados republicanos doutrinários, como Abreu e Lima⁵⁴.

Vale ressaltar que essa “aversão” que “herdou” da monarquia irá marcar profundamente a sua visão sobre a história latino-americana, pois, para ele, “(...) o

⁵⁰ O general Melquisedeque Albuquerque Lima, além de seguir com rigor a carreira militar, escrevia sobre a história militar do Brasil para jornais e revistas. Após o seu falecimento, em 1941, Silvio Julio doou grande parte da obra do pai ao General Umberto Peregrino, presidente, na época, do Instituto Nacional do Livro. Considerações retiradas das anotações pessoais de Silvio Julio. VASCONCELOS, Francisco de. *Arquivo pessoal*. Juiz de Fora, 2005.

⁵¹ A intelectualidade brasileira do início do século XX era, em grande parte, originária de famílias oligárquicas. Ver: PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

⁵² A chamada Revolução Pernambucana de 1817 foi um movimento fortemente influenciado pelos ideários da Revolução Americana e da Revolução Francesa contra a monarquia portuguesa no Brasil.

⁵³ A Confederação do Equador de 1824 foi inspirada por ideais republicanos e nutriu um sentimento separatista.

⁵⁴ Vale destacar que o pernambucano Abreu e Lima (1794-1869) alistou-se, em 1818, nas tropas de Simón Bolívar participando das campanhas pela independência da Venezuela e da Colômbia. Destacou-se como estrategista, o que lhe garantiu a patente de general e o título de *Libertador da Nova Granada*, e chegou a

coloniato português e a monarquia bragantina, que odiavam os espanhóis e queriam ignorar, em vão, toda a grandeza da sua cultura, foram as duas causas do insulamento brasileiro na América dos séculos XVIII, XIX e XX.”⁵⁵

É importante observar, ainda, que a historiografia brasileira preocupou-se predominantemente em reafirmar as rivalidades e diferenças entre o Brasil e a América Hispânica. Essa visão ressalta que a administração do Brasil Colônia foi mais centralizada, o processo de independência brasileiro negociado e a unidade do território mantida, em contraste com as guerras de independência e a divisão em várias unidades do território hispano-americano.

A produção intelectual esteve presente na vida de Silvio Julio desde a juventude. No Colégio Militar, no Rio de Janeiro, onde o autor estudou de 1908 a 1913, publicou entre 1911 e 1914, na *Aspiração* – revista estudantil dos cadetes da Casa de Tomás Coelho –, seus primeiros trabalhos filosóficos e literários.

O Colégio Militar era, naquela época, uma instituição pública de grande prestígio, e um dos fatores que contribuía para isso era seu corpo docente, que lecionava também no Colégio Pedro II. Conviveu com homens como Oswaldo Aranha, Canrobert Pereira da Costa, Luis Carlos Prestes, entre outros. Silvio Julio descreveu sua formação no Colégio Militar como a verdadeira base de toda a sua trajetória intelectual.

Nossos inesquecíveis professores nos ensinaram a morrer pelo Brasil, sem cometer a estupidez de julgar crime ou infelicidade ser francês, italiano, espanhol, chileno, paraguaio, colombiano. Além desta norma ecumênica e cristã, com eles soubemos que nossa pátria se situa no Novo-Mundo e é a nação ibero-americana.⁵⁶

O autor entendia que o Brasil possuía uma identidade mais ampla, ao pertencer a uma nação maior, a “nação ibero-americana”. Esse seu olhar é um tanto quanto curioso,

chefe do Estado-maior do exército Libertador. Disponível em: www.dec.ufcg.edu.br/biografias/joselnac.html
01/09/06

⁵⁵ JULIO, Silvio. *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*. Rio de Janeiro: MEC, 1954, p.5.

⁵⁶ Idem, *História, arqueologia e lingüística*. Rio de Janeiro, Revista Continente editorial, 1983, p. 16.

uma vez que grande parte dos intelectuais defendia, nessa época, o Brasil em detrimento da América Hispânica. Ao analisar a visão da intelectualidade brasileira das primeiras décadas republicanas sobre a América Hispânica, Baggio constatou, nas obras da maioria dos autores analisados, a presença de imagens que enfatizaram a “anarquia, caos social, desordem, instabilidade, barbárie, atraso, militarismo, autoritarismo, ditadura, violência política, convulsão, fragmentação, federalismo degenerado, guerras civis, caudilhismo, demagogia, selvageria”.⁵⁷

Como contraponto a essas visões negativas, notamos que na trajetória intelectual de Silvio Julio ocorreu uma simpatia, cada vez maior, pela cultura espanhola e, mais ainda, pela culturas hispano-americanas, o que o tornaria, posteriormente, um ibero-americanista engajado. O grande pivô dessa simpatia foi a Livraria Espanhola do granadino Samuel Nuñez López, fundada em 1909, no Rio de Janeiro⁵⁸.

Essa livraria era freqüentada, segundo o próprio autor, por intelectuais como Ruy Barbosa, Barbosa Lima, Pinto da Rocha, Carlos Maúl, Agripino Grieco, Silva Lobato e outros que estavam à procura de obras de literatura, medicina, engenharia etc. Os estudantes mais carentes e dedicados eram beneficiados por Samuel Nuñez López com livros e um espaço destinado a leituras. Apesar do Rio de Janeiro ser o maior centro cosmopolita do Brasil, esse espaço era um ambiente raro, uma vez que a maioria das obras oferecidas no mercado brasileiro era de autores franceses.

⁵⁷ BAGGIO, Kátia Gerab. *Op.Cit.* p.207.

⁵⁸ No livro de Silvio Julio denominado *Três estudos sobre a Argentina*, publicado em 1923 pela Editora 'O Norte', encontra-se a seguinte propaganda da Livraria Espanhola:

“LIVRARIA ESPANHOLA de Samuel Nuñez López (Fundada em 1909) – Esta casa possui grande variedade de livros, assim artísticos como científicos, não só dos meus afamados escritores espanhóis, mas também de todos os sábios e literatos do mundo. Qualquer publicação espanhola que seja solicitada será fornecida com presteza. A quem os pedir serão enviados boletins mensais e catálogos gratuitos. Poesia, romance, crônica, crítica, história, filosofia, teatro, filologia, gramática, geologia, física, química, direito, engenharia, medicina, farmácia, odontologia, indústria, comércio, agricultura, etc. RUA DA ALFANDEGA, 47 – Rio de Janeiro.”, Contra capa. In: JULIO, Silvio. *Três estudos sobre a Argentina*. Rio de Janeiro: Editora “O Norte”, 1923. Ver: Anexos: Figura 2.

Silvio Julio escreveu um pequeno texto sobre *A cultura espanhola no Brasil*, em 1926, em que demonstrava indignação pelo fato de que, nas 161 bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro, a maioria dos livros era francesa:

(...) Franceses... 80.675; Portugueses... 61.697; Ingleses... 14.509; Alemães... 2932; Espanhóis... 2532.⁵⁹

A grande aceitação de obras francesas na sociedade brasileira da época, em detrimento de outras, revela que o modelo de civilização era, fundamentalmente, francês. A França, nesse período, representava a civilização ocidental e o seu idioma possuía o prestígio de ser o idioma da cultura. Desse modo, a influência espanhola era periférica.

Vale pontuar que esse interesse pela França não era apenas dos intelectuais brasileiros, mas dos intelectuais latino-americanos, de um modo geral. Pablo Neruda, em suas memórias, observava:

(...) todos os poetas e pintores latino-americanos tinham os olhos fixos em Paris.⁶⁰

De acordo com Suzana Zanetti, a França, além de representar uma espécie de “meca del arte y la cultura modernos”, significava, também, para os hispano-americanos:

...una profusa labor religadora no sólo en lo que hace al conocimiento de los hispano-americanos entre si, sino en cuanto a dar las bases para la recepción contemporánea de lo producido al otro lado del océano. Este aporte, por otra parte, se extiende también a España.⁶¹

Dessa forma, podemos perceber, no início do século XX, uma sensível diferença entre as culturas hispano-americanas que se formavam e a cultura brasileira, uma vez que os hispano-americanos possuíam uma ligação cultural mais forte e significativa com o ex-colonizador do que os brasileiros.

Alguns fatores contribuem para o esclarecimento dessas diferenças mencionadas acima, como a interferência norte-americana em vários países da América Hispânica, que,

⁵⁹ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*. p. 180.

⁶⁰ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.13.

⁶¹ ZANETTI, Suzana. “Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)”. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo; Campinas: Unicamp, 1994, p.256.

consequentemente, provocou uma resistência aos EUA e uma revalorização, por diversos intelectuais, das tradições ibéricas. Vale lembrar, também, que a maioria dos países hispano-americanos já havia proclamado a república nas primeiras décadas do XIX, diferentemente do Brasil, que proclamou a república no final do XIX. Dessa forma, havia, no início do século XX, uma excessiva preocupação dos republicanos brasileiros, principalmente os chamados jacobinos, em combater a presença portuguesa no Brasil, pois ela ainda representava a herança colonial e monárquica que eles desejavam esquecer.

Além disso, de acordo com Arnaldo Saraiva, muitos conflitos entre os brasileiros e os portugueses que viviam no Brasil ocorriam, também, devido ao:

... aparecimento de imigrações competitivas com a portuguesa, o avanço da cultura francesa, a entrada da cultura americana, e a própria teoria da prática do Modernismo, que estimulava a busca do novo e o gosto da experimentação, e que tanto favorecia o “futurismo” e o cosmopolitismo como o primitivismo e o nacionalismo.⁶²

Silvio Julio afirma que, no Brasil, durante o período colonial, as obras castelhanas como as de Miguel de Cervantes, Quevedo, Garcilaso de la Vega, Carlos de Singuenza y Góngora, Calderón de la Barca, San Juan de la Cruz, Francisco de la Torre eram familiares, porém “(...) aproveitávamos a experiência literária do idioma castelhano, embora fingíssemos que criávamos idéias e formas”. Para o autor, após a independência, nos aproximamos aos poucos da França, que passou a ser “dona das nossas atividades cerebrais”, apesar de que na Europa “ela tivesse entrado em visível e palpável declínio”.

Ninguém admitia que a Itália, a Inglaterra, a Rússia, a Alemanha, a Espanha, a Escandinávia pudessem contar com gênios iguais aos franceses, na poesia, no romance, no jornalismo, na ciência. O fanatismo cerrava as portas da mentalidade brasileira aos ensinamentos benéficos que avultavam nessas nações.⁶³

Dessa forma, o estudo mais aprofundado das obras de Cervantes, Lope de Vega, Quevedo, Calderón, Santa Tereza de Ávila, Góngora, Miguel de Unamuno, Ruben Darío,

⁶² SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p.256.

⁶³ JULIO, Silvio. *Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*. p.6.

Andrés Bello, José Joaquín de Olmedo, Ricardo Palma, José Martí, entre outros, encantou Silvio Julio e o fez se dedicar, cada vez mais, à defesa do mútuo conhecimento entre o Brasil e as culturas espanholas e hispano-americanas.

A exemplo disso, trouxe para o Brasil, com o apoio de Samuel Nuñez López, um dos precursores do modernismo espanhol - o poeta malaguenho Salvador Rueda⁶⁴ - e publicou, pela Livraria Espanhola, em 1924, patrocinada por Rogelio Santiago, o livro *Estudios hispanoamericanos*.

De acordo com Pizarro Drumond, Silvio Julio passou, então, a divulgar, no Brasil, as obras da Espanha e da América Hispânica.

... publicava artigos sobre os expoentes dessa literatura e se tornava amigo pessoal do argentino Manuel Ugarte e dos uruguaio Eduardo Acevedo Díaz, velho e glorioso romancista, Angel Estrada e Pedro Erasmio Callorda. Muito jovem, correspondia-se há esse tempo com Miguel de Unamuno, Vicente Blasco Ibañez, García Caminero, Antonio Zozaya, Maria Eugenia Vaz Ferreira, Álvaro Armando Vasseur e Juan Zorrilla de San Martín.⁶⁵

O grande interesse de Silvio Julio ao longo de toda a sua trajetória pela cultura hispano-americana não é explicável somente por esses fatos descritos acima, pois se manifestou, segundo o próprio autor, como uma paixão obsessiva que permeou toda a sua vida. Acreditamos, como afirma Sirinelli, que por mais que os historiadores queiram estabelecer uma sucessão lógica, não se encontra sempre nos antecedentes tudo aquilo que resultará deles: é o papel da contingência.⁶⁶

É importante notarmos que o fato do autor valorizar intensamente a cultura hispano-americana não significa que ele negligenciava a produção cultural brasileira,

⁶⁴ “Em 1913 Silvio Julio obteve certos recursos com a colônia espanhola residente no Rio de Janeiro e chamou no Brasil o poeta Salvador Rueda. Em agosto de 1914 Salvador Rueda visitou o Rio de Janeiro. Foi a grande vitória. Olavo Bilac disse a Silvio Julio que antes nunca ouviu falar de Salvador Rueda. A visita de Salvador Rueda provou ao Brasil que a Espanha não estava morta. (...) Eles começaram a comprar depois desse evento livros de Antonio Machado, Valle Inclán, Jacinto Otávio Picón, Blanco Fombona, Rubén Darío. Alguns como Carlos Maúl, o velho poeta popular caturro cearense, a poetiza Coelho Lisboa, os quais não ocultavam seu entusiasmo pela cultura espanhola e americana, aderiram a campanha iniciada por Silvio Julio.” GRILLO, Max. In: JULIO, Silvio. *Venezuela*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1940, p.97.

⁶⁵ DRUMOND, Pizarro. *Silvio Julio e o americanismo brasileiro*. Separata da Revista da Academia Carioca de Letras, junho de 1977, p.34.

muito pelo contrário, ele lutava pelo mútuo conhecimento desses povos. Sua obra é marcada pelo que ele denominava *ibero-americanismo bolivariano*, o que significava, para Silvio Julio, que o Brasil fazia parte desse todo. É interessante observar que a produção intelectual do autor não está voltada somente para volumes de crítica, história e folclore da Espanha e suas ex-colônias, mas, também, para estudos sobre temas brasileiros.

Nenhum programa político latino-americano obteria resultados positivos, segundo o autor, se não fosse baseado no mútuo conhecimento de diversos aspectos da vida dos povos do Novo Mundo, não só em relação à atualidade, mas em relação ao passado. Para ele, era cultural o fator determinante para o desenvolvimento político e econômico da América Latina, uma vez que os graves “erros” cometidos ao longo da história latino-americana estavam intimamente conectados com as tentativas de imposição de modelos de desenvolvimento externos, sem muita relação com a realidade cultural do continente.

Porém, o discurso militante do autor em prol do mútuo conhecimento latino-americano não evidencia uma significativa preocupação com a popularização da cultura, estando voltado efetivamente para a troca de informações e conhecimentos realizados nos meios acadêmicos, ou seja, era a defesa do mútuo conhecimento entre elites intelectuais. Orgulhava-se de ser parte dessas elites intelectuais e freqüentar diversas academias de história, letras e folclore na América Latina. E confirmava:

Imprensa, livrarias, agremiações de fraternidade hispano-brasileira – eis a base da ação a desenvolver⁶⁷.

O latino-americanismo de Silvio Julio, além de Bolívar, foi fortemente influenciado por *Ariel*⁶⁸, de Rodó. Um exemplo que ilustra, significativamente, essa influência é o fato

⁶⁶ RÉMOND, René (org.). “Do político”. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.185.

⁶⁷ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, p.176.

⁶⁸ *Ariel* é um famoso ensaio publicado pelo uruguaio José Enrique Rodó, em 1900. O livro tornou-se um clássico do pensamento latino-americano, ao questionar o acelerado processo de modernização capitalista, criticar o *american way of life* e valorizar as heranças greco-latina e católica na América Ibérica.

dele considerar que os principais traços identitários que envolviam os países latino-americanos tinham origem nas heranças ibérica católica e greco-latina.

Em suas anotações pessoais, encontramos uma “*Orientação básica para o ibero-americanismo bolivariano*”⁶⁹, que, para além do que foi exposto acima, retrata enfaticamente Bolívar como um herói precursor da idéia e da luta por uma América unida. Ressalta também uma preocupação em atentar as autoridades para a necessidade do ensino brasileiro ter a disciplina de América Latina como fundamental para o conhecimento do Brasil na América⁷⁰.

Paralelamente ao desenvolvimento desse interesse ibero-americanista, Silvio Julio matriculou-se, em 1914, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, então dirigida pelo conde Afonso Celso. O autor não terminou o curso de Direito no Rio de Janeiro, mas as influências de professores como Silvio Romero e Pinto da Rocha foram, segundo ele, marcantes, não só pelas lições de América, mas pelos referenciais de literatura e folclore.

Durante esse período, publicou artigos na revista da Faculdade, denominada *Época*, dirigida por Duque Costa e Cláudio Ganns. Entre seus colegas, estavam Hugo de Carvalho Ramos, Renato Almeida, Ribas Carneiro, Sabóia Lima, Alceu de Amoroso Lima. No que se refere à vida estudantil desses anos, o autor revelou:

No meu tempo de estudante de Direito poucos eram os colegas que se metiam em problemas políticos, e esses não participavam dos grupos intelectuais da Faculdade; constituíam seu mundo fora dela... ali pelo Largo de São Francisco, nos comícios... pelas proximidades do horrível pardieiro em que funcionava a Câmara dos Deputados... pelos arredores do Senado da República, onde discursavam tribunos como Ruy Barbosa e Barbosa Lima... Predominavam três ordens de acadêmicos: os que se aprofundavam por matérias jurídicas; os que se apaixonavam pela literatura e filosofia; os da maioria amorfa, neutra e já profissionalizada por necessidade.

⁶⁹ Considerações retiradas das anotações pessoais de Silvio Julio. VASCONCELOS, Francisco de. *Arquivo pessoal*. Juíz de Fora, 2005.

⁷⁰ Vale observar que, segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt: “A História da América [na primeira metade do século XX], ao ser dada separadamente da História do Brasil, não possibilitava um estudo sincrônico e, portanto, de difícil entendimento da inserção do Brasil em uma história americana. Restava a possibilidade dos alunos aprenderem o sentido de uma identidade latino-americana, o qual o Brasil não pertencia”. In: *Ensino de história da América: reflexões sobre problemática de identidades*. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/anphlac/revista/numero04_arquivo_3.pdf 07/09/06

Não houve nunca espírito fraterno e coeso entre os três grupos de estudantes. O ensino superior no Brasil jamais contou com meios e atrações que favorecessem a formação da mentalidade universitária. Tudo nele sempre foi ocasional, desconexo, quase caótico.⁷¹

Esse aspecto demonstra, em parte, a fragilidade institucional, nos anos 1910, do meio acadêmico brasileiro, uma vez que, apesar de abarcar várias tendências teóricas e políticas, não havia uma “mentalidade universitária”. Prado afirma que o Brasil, no que se refere à educação, possuía, nesse período, “a falta de uma tradição de ensino superior”⁷², uma vez que na colônia e no período monárquico as elites políticas não se comprometeram, seriamente, com esse setor.

Além disso, as primeiras universidades brasileiras, como a Universidade do Brasil (atual UFRJ), Universidade de Minas Gerais (atual UFMG) e Universidade de São Paulo só surgiram a partir da década de 1920, diferentemente, por exemplo, da América Hispânica, que teve 23 universidades fundadas ainda no período colonial.

Silvio Julio, para manter seus estudos, lecionava e publicava artigos em jornais como *A Semana*. Nessa época, Oswaldo Aranha⁷³, um influente amigo da Faculdade de Direito, convidou-o para trabalhar e terminar seus estudos no Rio Grande do Sul. O autor aceitou o convite, viajando antes, com Aranha, para o Uruguai e a Argentina, a fim de participar de uma homenagem ao ibero-americanista uruguaio Héctor Miranda.

A participação de Silvio Julio nessa cerimônia estava relacionada à sua eleição como representante estudantil da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, do Rio de Janeiro. Na viagem, conheceu aqueles que viriam a ser alvos de sua imensa admiração, como os uruguaio José Enrique Rodó e Juan Zorrilla de San Martín⁷⁴, e os argentinos José

⁷¹ JULIO, Silvio. *Apud*. VASCONCELOS, Francisco de. *Silvio Julio: um clarão na América*. Petrópolis, 1975, p.12.

⁷² PRADO, Maria Ligia Coelho. “Universidade, Estado e Igreja na América Latina”. In: *América Latina no século XIX Tramas, Telas e Textos*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2004, p. 107.

⁷³ Oswaldo Aranha tornou-se mais tarde um notável político do Rio Grande do Sul que teve, também, intensa participação no governo federal.

⁷⁴ Juan Zorrilla de San Martín (1855-1931) foi um importante poeta e prosador uruguaio. Escreveu obras como *Jesuítas* (1879) e *La epopeya de Artigas* (1910).

Ingenieros, Leopoldo Lugones e Manuel Ugarte⁷⁵. Essa experiência contribuiu para reafirmar o seu gosto pelos estudos hispano-americanos.

Mudou-se para Porto Alegre, continuando o seu curso de Direito e seus escritos. Publicou, em 1916, pela Livraria do Globo, vários ensaios num volume intitulado *Espelho*, sobre literatura do Brasil, de Portugal e da América Hispânica. Além disso, escreveu para a revista *Kodak* e o jornal *Última Hora*. Em 1918, formou-se em Direito, na mesma cidade. Vale mencionar que o autor nunca chegou a advogar, dedicando-se à pesquisa, ao ensino, ao jornalismo e à política.

Viveu também em Itaqui e Santiago do Boqueirão, trabalhando como professor e escrevendo para jornais da região, como *A Fronteira*, *A Nação Uruguaiana* e *Republicano*. Desenvolveu nesse tempo vários estudos sobre o folclore gaúcho. A sua biblioteca, que tanto prezava, ia sendo formada, em grande medida, através das encomendas pelo correio às livrarias brasileiras, portuguesas e francesas, e, também, através de viagens ao Uruguai em busca de obras sobre a cultura hispano-americana.

Conviveu, no Sul, com alguns intelectuais expressivos como Zeferino Brasil e André Carazzoni, com os quais discutia sobre política e polemizava, com sua opinião contrária à política autoritária do governador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros.

Em 1917, casou-se com Carmem Lemos Bastos, com quem teve três filhos. No ano seguinte, recebeu um telegrama de seu pai, acerca da possibilidade de um emprego de catedrático interino de português no Colégio Militar, do Ceará. Mudou-se, assim, para Fortaleza, exercendo essa atividade por dois anos, além de fundar um jornal intitulado *O Tacape*.

Esse jornal teve a colaboração de seu aluno Rubens Falcão, que mais tarde tornou-se Secretário da Educação do Estado do Rio de Janeiro. Em artigo publicado no jornal *O*

⁷⁵ Silvio Julio tornou-se membro honorário da *Asociación Latino Americana*, presidida por Manuel Ugarte. Essa associação foi difundida pelos universitários latino-americanos. JULIO, Silvio. *Venezuela*, p.98.

Globo, em 1962, intitulado “O Precursor Silvio Julio”, Rubens Falcão endossa que Silvio Julio foi o primeiro dos escritores brasileiros a levar a sério a pesquisa e a interpretação dos valores intelectuais da América de língua espanhola. Porém, afirma que o seu temperamento arrebatado o fez, algumas vezes, injusto nas suas observações.⁷⁶

O grande desafio de Silvio Julio, em toda a sua trajetória política e intelectual, foi lidar com a tarefa difícil, mas comum, de conciliar lógica e sentimento, razão e emoção.

Não me adivinho se me assemelho à nuvem carregada de eletricidade, ou ao pára-raios que lhe envia a carga à terra. Sei que me prejudicou em toda a existência captar desgostos e depois acusá-los, ao mesmo passo que, após o esvaziamento dos dissabores, esquecer tudo. Violento fui por índole, impetuoso fui de natureza. Entretanto, rancoroso e vingativo nunca.⁷⁷

Em 1921, no Colégio Militar do Ceará, em que Silvio Julio trabalhava, ocorreu um desentendimento, por motivos políticos, entre o governador Benjamim Barroso e o Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras, que teve como consequência o fechamento da instituição e a demissão dos seus professores. Desse modo, Silvio Julio retornou para o Rio de Janeiro.

Na capital da República, encontrou com uma antiga conhecida, a poeta Rosalina Coelho Lisboa, que contribuiu, com sua enorme influência na sociedade carioca da época, para que se tornasse membro do corpo redacional do jornal *O País*, fundado pelo fervoroso republicano Quintino Bocaiúva. Alternou o seu tempo entre o jornalismo e o magistério.

Até que, em 1922⁷⁸, envolveu-se com a deposição do presidente Epitácio Pessoa, o que ocasionou a perda do emprego e o isolamento por um período em uma fazenda, no interior de Minas Gerais. Pouco tempo depois, Silvio Julio voltou ao Rio de Janeiro como

⁷⁶ FALCÃO, Rubens. *O Precursor Silvio Julio*. Rio de Janeiro: Jornal “O Globo”, 29 – 05 – 1962.

⁷⁷ JULIO, Silvio. *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-América*, p. 290.

⁷⁸ Revolta de 1922 ou do Forte de Copacabana: movimento ocorrido no Rio de Janeiro, em julho de 1922, envolvendo militares e civis descontentes com os processos políticos da Primeira República. Estando em curso a sucessão do presidente Epitácio Pessoa, as agitações aumentaram, culminando com a prisão do ex-presidente Hermes da Fonseca, o que provocou o início do movimento. Embora logo dominado, evidenciou o desconforto de setores da classe média e de jovens militares (Tenentismo) com o regime oligárquico da “Política dos Governadores”.

partidário da campanha denominada *Reação Republicana*, capitaneada por Nilo Peçanha, contra Artur Bernardes.

Como havíamos mencionado anteriormente, a sua sociabilidade intelectual e política sempre esteve comprometida pelo fato do autor possuir um temperamento forte, que o fazia criar grandes inimizades e viver uma vida de instabilidades. Para Silvio Julio esse aspecto estava ligado, também, à dedicação a uma área de estudos muito pouco valorizada pelos intelectuais brasileiros daquele tempo – a América Latina.

Quem escreve no Brasil, sobre literatura hispano-americana, sabe que tem de enfrentar muitas dificuldades. Por isso, convém que as vença, prevenindo-se contra os prejuízos e calúnias. Antes de qualquer ato, o que cumpre o investigador é conhecer as barreiras, perigos e ciladas, para combater todos esses absurdos e conseguir implantar a verdade. Sem a determinação clara de cada antipatia, sem a avaliação completa de cada despautério, inútil será o esforço mais nobre. Assim, o historiador e crítico da cultura dos povos novomundistas que falam o castelhano se vê forçado sempre à polêmica.⁷⁹

Desse modo, encontrou no jornal um meio para polemizar com a intelectualidade, questionar a política brasileira e divulgar suas idéias sobre o latino-americanismo.

Na imprensa, manteríamos a campanha, ora esclarecendo pontos duvidosos, ora comunicando ao público os recados que recebêssemos, ora revelando novidades, ora reivindicando triunfos, ora apelidando os simpáticos à causa para um único entendimento. Dir-se-ia que este programa começa a efetuar-se com a circulação de *La estirpe*, no Rio de Janeiro.⁸⁰

No fim dos anos 1920 colaborou na *Gazeta de Notícias*, em que criou a primeira seção ibero-americanista da imprensa brasileira. Para o intelectual colombiano Max Grillo:

Su vida agitada de viajero y político de oposición no le permitia entonces la preparación de libros sólidos y eruditos. Entonces Silvio Julio dirigia periódicos, publicava panfletos e iba improvisando lo que podia escribir, que era mucho.⁸¹

É interessante observar como o desenvolvimento do “novo jornalismo”, de acordo com Sevcenko, representou um dos fenômenos mais marcantes na área da cultura e na transformação do comportamento dos intelectuais, pois contribuiu para a criação de uma “opinião pública” urbana sob a orientação dos homens de letras. No entanto, a baixa

⁷⁹ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*. p. 5.

⁸⁰ Idem. *Apostolicamente*, p.176.

remuneração e a vigorosa padronização da linguagem gerou, segundo Sevcenko, um efeito negativo sobre a criação artística.⁸²

Podemos perceber que Silvio Julio lidava com a divulgação da cultura hispano-americana como uma espécie de missão que exigia dele fé, luta e determinação⁸³. De acordo com o autor:

No que concerne à minha pessoa, devo, bem alto, gritar que labuto com fé, porém fora das igrejinhas de covadores e cabotinos, pela causa da aproximação das nações que usam o português e o castelhano.(...) Por conta própria, de cabeça erguida, sem auxílios, dediquei-me à divulgação, no Brasil, das manifestações típicas da alma hispano-americana. Pelos meus serviços, nunca solicitei condecorações, banquetes, recompensas monetárias, convites para viagens, nada, nada e nada. O meu orgulho é haver pelejado bravamente, mas gratuitamente.⁸⁴

Notamos, uma vez mais, o forte temperamento do autor e a sua trajetória “solitária” pela “aproximação das nações que usam o português e o castelhano”.

Na década de 1920, segundo Francisco de Vasconcelos, Silvio Julio colaborou, além da *Gazeta de Notícias*, com o *Correio da Manhã*; o *Jornal do Comércio*; *A Batalha*, dirigida por Carlos Sussekind de Medonça; o *Imparcial*, de José Eduardo Macedo Soares; e nas revistas *Fon Fon*, *Ilustração Brasileira* e *Selecta*, da qual foi redator.

Além disso, a Edição da Revista da Língua Portuguesa publicou, em 1927, um ensaio de Silvio Julio sobre literatura e história hispano-americana intitulado *Idéias e combates*. A Livraria Coelho Branco foi responsável pela edição de alguns trabalhos do autor como: *História e localismo* (crítica ao ufanismo brasileiro), de 1928; *Cérebro e coração de Bolívar*, de 1931⁸⁵; e *História, literatura e folclore da América Espanhola*, de 1945.

⁸¹ Idem. *Venezuela*, p.98.

⁸² SEVCENKO, Nicolau. *Op.cit*, p.119 e 126.

⁸³ Vale destacar que um dos seus livros sobre a cultura hispânica foi intitulado *Apostolicamente*.

⁸⁴ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, p.16.

⁸⁵ Este livro teve quatro edições: a primeira, de 1931; a segunda, de 1942, lançada por Vieira de Melo; a terceira, de 1957; e a quarta, de 1981, da Livraria Progresso Editora.

Participou também, em 1925, da fundação do grêmio de intercâmbio, nomeado *Casa de Cervantes*⁸⁶, que procurava divulgar a cultura hispânica no Brasil, via produção de livros, artigos, conferências, festejos e cursos nessa área. No seu livro *Apostolicamente*, publicado em 1926 por essa mesma instituição, o autor afirmou:

Já agora podemos dizer que estudam as novas gerações de escritores brasileiros os valores literários da Península Ibérica e do nosso continente. Não duvidemos do êxito dessa campanha em prol da fraternidade e mútuo conhecimento dos povos da raça a que nos honramos de pertencer, que, uns com ardor juvenil, outros com simpatia, todos os moços vão procurando ler e vulgarizar, além dos mestres da França, da Itália, da Inglaterra, da Alemanha e da Rússia, os da Península Ibérica e os do nosso continente.⁸⁷

O autor conclui, porém, que ao longo dessa *campanha hispano-americanista* “quanta risadinha idiota, quanto ar de displicência cretina tivemos que suportar! Evidentemente, envolvida pela maioria galicista, uma seleta minoria prestou-nos atenção”. A minoria à qual Silvio Julio se refere compõe-se de intelectuais como Barbosa Lima, Pinto da Rocha, Zeferino Brasil, Rocha Pombo, Basílio de Magalhães, Carlos Maúl, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira.

Entre 1930 e 1932, Silvio Julio escreveu no *Diário Carioca*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *A Manhã* sobre história latino-americana e textos críticos ao regime político da Primeira República. Esse último jornal tinha um suplemento de índole americanista, financiado pelo Itamarati e dirigido por Renato Almeida.

Apoiou Getúlio Vargas na Revolução de 1930 e na Revolta Constitucionalista de 1932, mas, após o golpe de 1937, o autor começou a bater de frente contra o regime ditatorial. Em 1943, na cidade de Niterói, Silvio Julio, inconformado com a nova ordem das coisas, foi preso ao falar contra o regime autoritário vigente. Através da ajuda de familiares e amigos, como Oswaldo Aranha, conseguiu a liberdade. Em suas memórias, o autor afirmou:

⁸⁶ Na *Casa de Cervantes* participaram intelectuais como Coelho Neto, Pinto da Rocha, Medeiros e Albuquerque, Abreu Fialho, Carlos Maúl, Saul de Navarro, etc. Ver: JULIO, Silvio. *Venezuela*, p.99.

⁸⁷ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, 1926, p.11.

(...) Quero que todos saibam que o Catedrático da Universidade do Brasil, professor com mais de cinquenta anos de serviço à pátria, Silvio Julio de Albuquerque Lima, foi arbitrariamente preso por um canalhocrata chamado Ramos de Freitas, sob um regime tirânico, despótico e metido sem a menor razão num cubículo infecto. O número, que até hoje ignoro qual seja, terá que permanecer para vergonha da cultura brasileira.⁸⁸

Silvio Julio viveu em um período da história brasileira em que existiram fortes tensões ideológicas entre as esquerdas e os movimentos de direita. O fascismo e o comunismo estavam na pauta das discussões dos intelectuais. No entanto, o autor criticava profundamente essas ideologias. Em entrevista ao jornal colombiano *El Tiempo*, de 1938, o autor afirmou:

La corrupción comunista y la grosería fascista infelizmente han penetrado en la literatura brasileña después de 1930 (...). Yo creo que los brasileños no son ni pueden ser comunistas y fascistas. El pueblo brasileño es esencial y profundamente religioso, sin fanatismo, y el Brasil es una democracia inevitable por su formación y por su destino. La literatura comunista allá fue obra del dinero extranjero o producto del snobismo de irresponsables. La fascista, declamatoria y despótica, há desaparecido con la justa derrota de los imitadores de tiranos europeos, que nunca triunfarían sobre el carácter liberal de la familia y de la sociedad nacional⁸⁹.

Pode-se perceber que suas convicções políticas não estavam em sintonia com os acirrados debates ideológicos do Brasil daquele tempo.

A Segunda Guerra Mundial, pior do que a outra, repartiu os habitantes do Brasil em duas colunas ideológicas. Num extremo, alucinados e energúmenos, os escravos de Stalin bracejam e tudo querem plebeizar. Na margem oposta, espertos, velhacos, argentários, os ianquistas moluscolizam-se à pata do burguês dos Estados Unidos.

Tacanhos, não entendem esses brasileiros desfibrados que a nossa língua portuguesa não se coaduna com a morfologia e sintaxe da que nasalizam asperamente os ianques. Tradições, costumes, sentimentos, crenças velhas desta pátria diferem das levantadas aos Estados Unidos pelos colonizadores oriundos da Grã-Bretanha.

Enfim... pior seria se metêssemos o idioma luso num campo de concentração russo!

As normas do intercâmbio intelectual das repúblicas hispano-americanas com o Brasil jamais adquiriram essas desigualdades insultantes, como as que mantínhamos e mantemos.

- Ora - gritará um broto do ianquismo, - que poderei ler ou aprender dessa América Espanhola!

Os povos não se valorizam apenas por suas riquezas e canhões (...).

Ensaístas, polígrafos, críticos, periodistas magistras não escasseiam na América Espanhola.⁹⁰

⁸⁸ Considerações retiradas das anotações pessoais de Silvio Julio. VASCONCELOS, Francisco de. *Arquivo pessoal*. Juiz de Fora, 2005.

⁸⁹ JULIO, Silvio. *Toda a América*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1939, p.222.

⁹⁰ Idem, *Rodó e o cinquentenário de seu livro "Ariel"*, p.8.

Esse trecho apresenta, além de uma linguagem agressiva, um idealismo quase quixotesco ao querer que as elites políticas e intelectuais brasileiras daquela época desenvolvessem uma sensibilidade pelos valores culturais hispano-americanos, em detrimento das opções ideológicas que se apresentavam naquele contexto.

Porém, ao analisarmos com cuidado, percebemos que a sua concepção sobre o latino-americanismo propiciava implicações ideológicas, ou seja, a defesa da união dos países latino-americanos através do mútuo conhecimento permitiria, segundo Silvio Julio, o desenvolvimento e o fortalecimento dessas nações frente ao inimigo externo.

Pensamos, entretanto, que nenhum problema atual de nossa pátria nos mostra tão imperativo, tão útil, tão interessante, quanto o de sua americanização. Nesta empresa, o Brasil republicano e democrático aumentará o seu poder moral, concorrendo para o revigoramento da economia e da política de todo o Novo Mundo. Daremos e receberemos⁹¹.

Para o autor são os inimigos externos que contribuem para inviabilizar o latino-americanismo, incentivando os nacionalismos e amesquinhando os ideais.

Debilitados pelas discórdias ou indiferentes uns aos outros, seríamos fácil presa do despotismo das nações já fortalecidas e agressoras.⁹²

A influência norte-americana era, ainda, para o autor, mais devastadora que a francesa, pois ela vinha impregnada de valores estranhos ao “espírito latino-americano”, como o utilitarismo, o materialismo e o “mau gosto”. Notamos, mais uma vez, que o autor bebe na tradição *arielista* para pensar o Brasil. Na mesma obra de 1954, afirma:

(...) Da França, pulamos aos Estados Unidos. Causa piedade investigar, hoje, a novelística macaqueada e a poética anárquica do nosso país, que agora vivem à cauda do mau gosto ianque. É que sempre oscilamos: de um lado, subservientes, entregamo-nos ao tacão de um feitor; de outro, pretensiosos, pensamos que, salvo nossos inspiradores, só nós valem na terra.⁹³

Podemos perceber a crítica de que o Brasil sempre assumiu uma postura “subserviente”, ou seja, sempre possuiu a mentalidade do colonizado mesmo sendo o

⁹¹ Idem. *Escritores antilhanos*. p.32.

⁹² Idem, *ibidem*, p.41.

⁹³ Idem, *Rodó e o cinquentenário de seu livro “Ariel”*. p.6.

Brasil um país independente. No entanto, a principal crítica de Silvio Julio está relacionada à excessiva ênfase que a intelectualidade brasileira concede à nacionalidade.

A perspectiva nacionalista adotada por parte significativa da intelectualidade brasileira, principalmente pelos membros que compunham o IHGB, contribuiu para impedir, de acordo com o autor, o mútuo conhecimento entre os povos ibero-americanos. O IHGB era, para ele, o símbolo máximo do atraso intelectual, pois os seus membros, além de desenvolverem projetos ufanistas, compartilhavam de uma profunda admiração pela monarquia.

Nos arquivos do IHGB encontra-se um documento, datado de 1930, que revela a existência de uma espécie de campanha política realizada por alguns de seus membros contra a candidatura de Silvio Julio a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. A justificativa para essa campanha, expressa nesse documento, era que Silvio Julio supostamente fazia “(...) apologia de um Solano López e de um Juan E. O’Leary ao invés de ter (...) servido à pátria batendo-se pela verdade histórica, em honra das nossas tradições”. O autor do texto, Max Fleiuss, chamou Silvio Julio de “nefasto ‘escritor’” e anexou ao documento, para fins de comprovação, um artigo que Silvio Julio publicou no jornal paraguaio “La Unión”, em 05-07-1930, denominado “La historia en el Brasil”.

O texto é uma celebração da república e uma crítica irônica aos intelectuais que defendiam a monarquia e os valores nacionais.

(...) El Brasil, tierra hospitalaria y noble, nunca provocó conflictos, no conquistó tierras tentadoras. Jamás. El tirano Solano López, alma dañada, que ambicionaba coronarse emperador, perturbó la paz en que el santo y grande Pedro II vivía. ‘Viva el Brasil!’ Esto es la historia a la manera del tremendo Instituto Histórico y Geográfico, que todavía hoy conmemora las fechas relativas a cosas de la monarquía y deja en silencio nuestra mayor empresa, 15 de noviembre de 1889, la proclamación de la república, por Deodoro, Benjamín, Floriano etc.⁹⁴

⁹⁴ Documento encontrado no IHGB redigido pelo secretário Max Fleiuss, que continha em anexo o texto de Silvio Julio publicado no Paraguai (*La Historia en Brasil*. La Unión. Asunción, Jueves 5 de Junio de 1930) In: Notação: Lata 491 Pasta 23 Título do Documento: Carta ao Dr. Max Fleiuss. Data da consulta: 29/07/2004

Nesse período, publicou livros sobre poesia, literatura e história: *Penhascos* (coletânea de artigos jornalísticos do autor sobre literatura, história e política ibero-americanas), de 1935; *Relações da língua portuguesa com a literatura brasileira*, de 1936; *Terra e povo do Ceará*, de 1936 e *Reações da literatura brasileira*, de 1938.

Observamos que parte significativa das editoras nas quais Silvio Julio publicou suas obras não eram muito conhecidas e que a publicação de suas temáticas sempre foram, segundo o autor, de difícil execução. Em relação à publicação de obras brasileiras em espanhol e de obras de língua espanhola no Brasil, o autor realizou uma crítica feroz aos projetos editoriais no Brasil, o que nos dá uma dimensão dos problemas de sociabilidade que o autor teria enfrentado no seu tempo:

As denominadas casas editoras inclinam-se à literatice pornográfica ou politiqueira, corruptoras da mocidade mal dirigida. Elas querem o lucro imediato e este, desgraçadamente, lhes vem da juventude inesperada e da gentalha poluída no gosto e na ética. Se a obra pertence de fato às alturas da idéia e da arte, de longe as lançam em única tiragem e pequena. Faltam-lhe correspondentes nas melhores cidades e mercadores acostumados a negócios lícitos, regulares, firmes. Os tropeços que se deparam a iniciadores de empresas dessa espécie não brotam de incompetência nem preguiça nem covardia; nascem de fatores complexos, subterrâneos e burgueses que resistem ao desenvolvimento de uma indústria que não dispensa métodos, técnicas, previsões. As taxas aduaneiras matam no ponto de partida os planos melhores, pois afogam, cruéis e cegas, as possibilidades da importação das máquinas e materiais alienígenas, contudo, imprescindíveis. O mesquinho monetarismo bancário piora o panorama com a fúria de seus juros brutais. Os milionários detestam talento, preparo, ciência e vedam a ascensão do cultural; entretanto, se aproveitam de salários e gênios com perversos intuítos, com preparação de conflitos, com vendas de benefícios a usos maléficos.⁹⁵

A crítica é, de certa forma, pertinente ao revelar que os projetos editoriais no Brasil enfrentavam inúmeros limites para a diversificação dos seus temas e para a divulgação de suas obras. Some-se a isso, havia o desafio da conquista de um público leitor em um país que não possuía uma tradição política de valorização do ensino. Porém, a linguagem agressiva do autor não o ajudou em uma possível ingerência no debate dessas questões.

⁹⁵ JULIO, Silvio. *Achêgas Peruanas à literatura de Ibero-América* Rio de Janeiro: Revista Continente, 1983, p.181.

Silvio Julio ocupou a cátedra de História da América, da Faculdade Nacional de Filosofia (integrante da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), por concurso, assumindo em 1947, no governo do Marechal Dutra. Orientou a primeira Tese de Doutorado em História, no Brasil, defendida por uma mulher – a historiadora Eulália Lobo, sobre a Administração colonial luso-espanhola nas Américas⁹⁶. Em 1946, realizou uma grande viagem pela América Hispânica, com ajuda de custos da Universidade do Brasil, que tinha como reitor, naquele momento, Pedro Calmon. No trajeto dessa viagem conheceu sua segunda mulher, a chilena Lastênia Seno, com quem se casou, em Lima.

Ao longo de sua vida viajou pela Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Equador, Venezuela, Chile, Panamá, Peru e Cuba. Nesses países, participou de congressos sobre a América Latina e representou o Brasil dando conferências sobre literatura, história e folclore. Durante essas viagens, tornou-se membro honorário de muitas dessas universidades e instituições.⁹⁷

Para ampliarmos a noção das relações sociais desse esquecido autor destacamos a carta, datada de 1945, que a poeta chilena Gabriela Mistral enviou a João Ribeiro sobre o trabalho de Silvio Julio, como um expoente do americanismo no Brasil. No entanto, sabemos que o reconhecimento de um autor passa por uma série de fatores que podem, muitas vezes, ultrapassar unicamente o esforço intelectual.

Cada hispano-americano le es deudor de cuanto él ha hecho en Brasil por nuestro idioma. Pocos lo saben, que nuestro compañero no es hombre de trompetas publicitarias. Pero es una vida entera la que él ha puesto en nuestro idioma que, antes del decreto bien aventurado, era poco o nada popular en vuestra patria.

D. Silvio Julio ha absorbido todos los jugos españoles: él es, a estas alturas de su hispanismo, un hombre de misión cultural perpetua que había por vosotros y da testimonio constante en medio de vosotros por España y por la Amerindia castellanizada. Nuestro

⁹⁶ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Administração colonial luso-espanhola nas Américas*. Rio de Janeiro: CIA Brasileira de Artes Gráficas, 1952.

⁹⁷ Vale mencionar que esteve em Cuba, em 1953, como o único brasileiro convidado para o Congresso Internacional de Martianos e que, a convite de Oswaldo Aranha, foi delegado, em 1955, do 4º centenário de Bogotá, na Colômbia, e do 1º centenário do nascimento de Juan Zorrilla de San Martín, no Uruguai.

Martí, nuestro Sarmiento, nuestros historiadores chilenos le pertenecen legítimamente por sus estudios entrañables⁹⁸.

Silvio Julio publicou várias obras entre os anos de 1940 a 60: *Escritores da Colômbia e Venezuela*, 1942; *Projeção universal de Eça de Queiroz*, 1943; *Escritores antilhanos*, 1944; *História, literatura e folclore da América Espanhola*, 1945; *Estudos gauchescos de literatura e folclore*, 1953, *José Enrique Rodó e o cinquentenário de seu livro Ariel*, 1954; *Fósseis no frigorífico*, 1954; *Artigas*, 1960; *Ensaio sobre história dos povos americanos*, 1961; *Nótulas de literatura espanhola para brasileiros*, 1962, *Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca do Brasil*, 1962.

Em 1960, a Universidade Federal do Rio de Janeiro enviou Silvio Julio para uma “missão cultural” em Lima, com o objetivo de promover um intercâmbio cultural entre o Brasil e o Peru⁹⁹. Silvio Julio atuou como professor convidado de História dos Povos Americanos na *Universidad Mayor de San Marcos* até o ano de 1973.¹⁰⁰

O apoio do governo brasileiro a Silvio Julio, ao longo de sua estada no Peru, foi, segundo ele, inexistente, o que não o impressionava, pois “(...) por um acaso tiveram melhor tratamento um Silvio Romero, um João Ribeiro, um Basílio de Magalhães, um Alberto de Oliveira, um Hermes Fontes? Viveram à margem, com o único direito de não morrer de fome...”.¹⁰¹ Isso evidencia a dificuldade de muitos intelectuais brasileiros de obterem incentivo e reconhecimento da sociedade e do governo pelos seus trabalhos.

⁹⁸ MISTRAL, Gabriela. In: “O Globo”, em 1962, em reportagem escrita por Rubens Falcão sobre Silvio Julio.

⁹⁹ De acordo com Marta Elba Miranda, em 1959, o Prof. Reitor Pedro Calmon incentivou “o intercâmbio cultural do Brasil com as instituições irmãs da América, através de bolsas de estudo e visita de professores e alunos das Universidades do Continente.” In: BANDEIRA, Manuel; VARGAS, Augusto Tamoyo & MEIRELES, Cecília. *3 Conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro. Departamento de Imprensa Nacional, 1959, p.3.

¹⁰⁰ Trabalhou também como pesquisador e professor de Antropologia, Literatura Portuguesa, História da Cultura Ibero-Americana e Técnica das Pesquisas de História Literária em outras instituições como a Universidade Católica de Lima, a Universidade Nacional Federico Villa Real, a Universidade de Huanuco, a Universidade de Ica e a Universidade Católica de San Martín de Porres.

¹⁰¹ JULIO, Silvio. *De Lima com Amor*, Coluna Papel e Tinta: “Revista Manchete”, 1971.

A grande insatisfação de Silvio Julio no Peru era, sobretudo, com a indiferença do Brasil em divulgar a sua cultura na América Hispânica. Em Lima, ele constatava que a sua luta era, em grande medida, solitária e insuficiente para que ocorresse de fato uma maior aproximação entre os países ibero-americanos.

(...) Nada de efetivo e prático se realiza. Não adianta que um indivíduo insulado (que sou eu) fale e escreva corretamente o castelhano e goze da amizade fraternal dos intelectuais de cada república irmã e aliada no ideal bolivarianista de mútuo apoio. Depois de lições e conferências, artigos e obras sobre temas nossos, não se encontram, em lugar nenhum, a biblioteca que forneça o estudo de Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, enfim, dos máximos expoentes da cultura nacional. Resultado: quando os hispano-americanos querem citar, por cortesia, escritores do Brasil, às vezes mencionam mediocres políticos ou diplomatas em circunstancial evidência. Isso nos coloca muito abaixo de cafres.¹⁰²

As universidades peruanas proporcionaram a Silvio Julio, como ele mesmo revelou, uma enorme satisfação pela possibilidade do trabalho e da convivência com expressivos intelectuais, como Augusto Tamayo Vargas¹⁰³, Luís E. Valcárcel, Jorge Puccinelli, Luís Alberto Sánchez, entre outros.¹⁰⁴

O autor realizou alguns estudos na *Universidad Mayor de San Marcos* e publicou, além de artigos, um trabalho sobre historiografia americana intitulado *Del estilo en la historia*, de 1969. Esse livro convida o leitor a refletir sobre alguns desafios que o historiador pode vir a enfrentar nos estudos ibero-americanos e como ele pode pensar a história entre a arte e a ciência.

¹⁰² Idem, *ibidem*.

¹⁰³ Vale destacar um trecho da Conferência proferida na Universidade do Brasil, em 1956, pelo prof. Augusto Tamayo Vargas sobre a sua amizade com Silvio Julio, e sobre o intercâmbio cultural entre o Brasil e a América Hispânica. “Antes de tudo, devo expressar minha gratidão a esta Universidade do Brasil que me abriu generosamente as suas portas para que eu pudesse expor algo daquilo que significa a Cultura Peruana e, particularmente, o desenvolvimento de sua vida literária. Agradecimento este que se estende (...) e a Silvio Julio, o qual com inapreciável gesto franqueou-me também a entrada em seu curso de História das Américas para que realizássemos uma difusão dos valores culturais peruanos, brindando-me a colaboração de sua qualificada erudição – já meu compatriota Enrique Bustamente y Ballivián dizia em 1922: “posee una admirable cultura española en el Brasil y que tiene pocos pares en America”- além de eu desfrutar de sua seleta amizade.” In: BANDEIRA, Manuel; VARGAS, Augusto Tamayo & MEIRELES, Cecília. *Op. cit.*, p. 21.

¹⁰⁴ Durante esses anos, alguns títulos e honrarias foram conferidos ao autor: membro eleito da Sociedade de Geografia de Lima, da Academia de História e de Letras do Peru, da Sociedade Bolivariana de diversos países hispano-americanos, da Sociedade do General San Martín, além de receber a medalha de Sapiência da

Em suas confissões, o autor observou que havia mais facilidade para publicar o seu trabalho no Peru do que no Brasil.

(...) Quando eu escrevi livros em português, como catedrático da Universidade do Brasil, sempre encontrei obstáculos para que chegassem ao prelo. Nunca havia dinheiro para as coisas da cultura. Eremildo Viana mandou editar livro meu ‘Nótulas de Literatura Espanhola’, com verbas que ele arranhou depois de muito se empenhar. Entretanto no Peru, todo o trabalho que aproveitava, imediatamente ia para o prelo.¹⁰⁵

Ao longo de sua permanência no Peru, Silvio Julio refletia sobre como esse país era “um conjunto desigual de enigmas, questões e hipóteses”. Segundo o autor, “raramente um chão de nenhuma zona oferece tantos contrastes”.¹⁰⁶ O conflito entre tradição e modernidade era latente e as elites políticas enfrentavam o desafio de conciliar as necessidades diversas de um povo formado com identidades tão desiguais.

Desde o início dos anos 1950, o Peru passou por importantes transformações na organização social, das quais os movimentos camponeses, desencadeados na zona rural andina, e a chegada maciça de migrantes a Lima foram a mais forte expressão. Naquele momento, segundo Gabriela Peregrino Soares, o país produziu vários projetos políticos nacionais de cunho reformista, que tentavam dar respostas às distintas formas de organização social. Para termos uma noção do peso das tradições, tanto indígenas quanto coloniais, têm-se que o país chegou a ser denominado um “museu vivente”.

Em 1962, uma junta militar liderada por Ricardo Pérez Godoy tomou posse devido à insuficiência de votos obtidos nas eleições presidenciais. Com a realização de novas eleições, em 1963, venceu, com ampla aceitação social, o candidato da Ação Popular, Fernando Belaúnde Terry.

A proposta de Belaúnde Terry se traduziu em um projeto que buscava fundir a secular tradição hispânica e sobretudo a indígena com os progressos da modernidade. Para

Universidade de São Marcos, pelos méritos alcançados como americanista. JULIO, Silvio. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*. p.11.

¹⁰⁵ VASCONCELOS, Francisco de. *Um clarão na América*. Petrópolis, p.33.

¹⁰⁶ Anotações pessoais de Silvio Julio. In: Arquivo pessoal de Francisco de Vasconcelos.

a realização desse projeto, ele contava com o apoio de estudantes, militares, técnicos e camponeses. O governo iniciou a reforma agrária e a erradicação do analfabetismo, mas parte significativa das propostas não se concretizaram por falta de apoio do Congresso Nacional ao Executivo e pelo fato do presidente Belaúnde Terry não saber cativar as classes trabalhadoras. Assim, a sua vulnerabilidade permitiu o golpe militar que o destituiu da Presidência da República, em 3 de outubro de 1968.

O governo oriundo do golpe militar de 1968, no Peru, suspendeu os direitos constitucionais e implementou reformas econômicas e sociais que buscavam enfrentar os movimentos populares e desbloquear a ação conservadora das elites políticas e econômicas. A exemplo disso, o novo governo nacionalista expropriou as empresas petrolíferas americanas e acelerou o processo de reforma agrária. O golpe militar foi, na perspectiva de vários analistas, a resposta das Forças Armadas ao fracasso da Ação Popular.¹⁰⁷

Silvio Julio, a princípio, nutria planos de passar o resto dos seus dias no Peru. Porém, esses planos tiveram que ser abortados, em razão do golpe militar de 1968, liderado pelo General Juan Velasco Alvarado. Segundo o autor, a corrupção e os crimes do governo anterior levaram ao golpe militar, que tornou qualquer instância da vida social uma questão de Estado.

As universidades passaram a ser objeto de excessiva atenção dos militares por representarem um grande perigo de resistência ao regime. Segundo o próprio General Juan Velasco Alvarado, era fundamental:

Capacitar a los educadores para su participación activa en el proceso de cambio estructural del Perú y su perfeccionamiento social, así como para contribuir a la soberanía, la

¹⁰⁷ Os últimos quatro parágrafos baseiam-se em: SOARES, Gabriela Pellegrino. *Projetos de modernização e reforma no Peru: 1950-1975*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

seguridad y la defensa de la Nación, a través de la conscientización del más alto nivel crítico.¹⁰⁸

Assim Silvio Julio avaliou a situação das universidades peruanas pós-68:

... Não se estuda. Quem manda é o centro federado, bloco de vadios que despotiza a seu bel-prazer. Paupérrimos, os laboratórios. Escassos os salões. Atrasados e sectários, os barbudinhos que se apossaram das aulas. Ninguém frequenta assiduamente (...) bibliotecas, museus, que se arrastam no abandono, insignificantes. Aumenta o número dos que emigram ao Brasil, Espanha, Argentina, França, porque querem saber e não encontram como nas casas de ensino de sua terra. Afinal, o pior: de seis em seis meses, as reitorias jogam na rua os professores não comunistas e não protegidos, simultaneamente diminuem os ordenados de muitos, por economia. Catastrófico.¹⁰⁹

O historiador peruano García Irigoyen endossa a visão de que o governo do General Velasco Alvarado tinha a intenção de controlar todas as instituições sociais. No caso das universidades, essa política acabava por promover graves limites à produção do conhecimento. Essas medidas ditatoriais, segundo o autor, não poderiam ser entendidas como reforma, e sim como contra reforma por transformar as universidades em um instrumento político.¹¹⁰

As mudanças políticas sentidas nas universidades tiveram profundas conseqüências na vida de Silvio Julio, na medida em que ele já não tinha mais a mesma liberdade para o exercício de sua profissão, não recebia o mesmo salário e, por ser estrangeiro, não era visto com bons olhos. Essas transformações provocaram um imenso descontentamento no autor, que havia dado provas de dedicação ao Peru quando doou toda a sua biblioteca para a Universidade.

(...) Basta-me que saliente haver doado toda a minha biblioteca (cerca de 12.800 livros), trabalho de seleção, pesquisa e sacrifício de sessenta anos ininterruptos, à Universidade Nacional de São Marcos, na época em que as tradições ali frutificavam, exemplarmente gloriosas. Ao materialismo marxista não serve senão o que a pança digere; livro, não.¹¹¹

¹⁰⁸ *Apud.* GARCÍA IRIGOYEN, Franklin Pease. *Estado y universidad en el Perú: una reflexión*. In: *Universidad Y Política en América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987, p. 215.

¹⁰⁹ JULIO, Silvio. *Achégas peruanas à literatura de Ibero-América*. p.288.

¹¹⁰ GARCÍA IRIGOYEN, Franklin Pease. *Op. cit.* p.214.

¹¹¹ JULIO, Silvio. *Achegas Peruanas à Literatura de Ibero-América*. p.288.

Notamos, mais uma vez, uma compreensão simplista e conservadora do autor sobre os movimentos de esquerda na América Latina, pois ele não reconhecia nesses movimentos uma significativa preocupação com os problemas sociais e, sim, um atraso em relação ao desenvolvimento cultural. Vale ressaltar que o autor rechaçou os movimentos de esquerda e silenciou, em sua obra, acerca de um grande número de intelectuais marxistas que surgiram, nos anos 1950 e 60 na América Latina, realizando pesquisas inovadoras sobre temas fundamentais da realidade sócio-econômica.

O projeto político militar reformista, liderado pelo General Juan Velasco Alvarado, utilizou nos seus discursos princípios das tradições socialistas e cristãs, o que contribuiu para que esse sincretismo ideológico fosse alvo de profundas críticas. Desse modo, o governo buscou legitimar-se, em grande medida, através da valorização dos símbolos indígenas, com a oficialização do quéchua, a organização dos festivais Inkarrí e da exaltação de personagens históricos como o líder da rebelião indígena de 1780 - 1781 Túpac Amaru.

Diante dessa tensa conjuntura, o reitor Juan de Dios Guevara, da *Universidad Mayor de San Marcos*, induziu Silvio Julio a renunciar ao posto de professor contratado. Segundo o autor, “o ódio indigenista ao estrangeiro” instituído pelo “caudilho Juan Velasco Alvarado”, somado à “violência de comunistas chucros, já eslavófilos, já copiadores dos chineses, sobre a liberalice da república” o impossibilitou de prosseguir na sua “carreira bolivariana”, no Peru¹¹². Em 1973, Silvio Julio regressou ao Brasil às pressas, trazendo uma profunda mágoa quanto à situação vivenciada no Peru e convicto de que a ação do governo Alvarado promoveu sérios prejuízos à sociedade peruana.¹¹³

¹¹² Idem, *Ibidem*, p.289.

¹¹³ Havia, naquela época, um notável esforço de parte das elites de interagirem com as demandas das classes populares. Para o historiador peruano Rodrigo Andréa Rivas, o projeto do governo militar de 1968 a 1975 fracassou, apesar da tentativa de implementar a reforma agrária, a integração dos índios, o enfraquecimento do poder oligárquico e a defesa das instituições nacionais, pois os investimentos nacionais privados não cresceram, os trabalhadores não se beneficiaram do controle exercido pelo governo e a intervenção estatal

Silvio Julio, ao voltar ao Rio de Janeiro, continuou suas pesquisas, mas profundamente abalado pela morte de sua segunda esposa, em 1973, e pela falta de reconhecimento de suas obras e de seu trabalho. O autor afirmava nos seus últimos anos de vida:

(...) Eu nasci mais ou menos como Dom Quixote. Toda a nossa longa, agitada e pelejadora vida confirma esta confissão. Sozinho, incompreendido, aqui e ali ironizado por cronistas mimosos e mundanos, fomos o único ibero-americanista do Brasil. Passamos, para a maioria, como uma espécie de monomaniaco. Caluniaram-nos, grifando a circunstância ufanistóide de não sermos do bando nacionalista. Fechavam o olhos a *Pampa* (1919), *Fundamentos da Poesia Brasileira* (1930), *Penhascos* (1935), *Relações da Língua Portuguesa com à Literatura Brasileira* (1935), *Terra e Povo do Ceará* (1936), *Reações na Literatura Brasileira* (1938), *Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore* (1953), *Literatura, Folclore e Lingüística na área gauchesca no Brasil* (1962), *Diactologia e Folclore do Brasil e Hispano-América* (1974) etc. Não importa a inveja e maldade dos improdutivos.¹¹⁴

Sabemos que o seu esforço estava vinculado a uma espécie de “missão cultural”, que pretendia tornar os autores sobre os quais ele se dedicou extremamente sedutores para a intelectualidade latino-americana. Como enfatizava:

Em nossa América de Bolívar e José Bonifácio, de Martí e Rui Barbosa, onde por fazer tudo está, as repúblicas que a formam vivem na mais completa ignorância mútua. Desconhecem-se de maneira radical.¹¹⁵

Muitos dos autores brasileiros que Silvio Julio ajudou a divulgar pertenciam à chamada “geração modernista de 1870” que objetivava, em certa medida, condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: a “abolição” e a “república”. Eram homens de letras como Machado de Assis e Lima Barreto que, segundo Sevcenko, possuíam uma espécie de engajamento ético fazendo-se conhecer por “mosqueteiros intelectuais”.¹¹⁶ Além disso, Silvio Julio divulgava, também, aos hispano-americanos, que:

impossibilitava o crescimento do país, pois não permitia interlocutores. Além disso, a recessão mundial e a dependência de mercados externos contribuíram para piorar ainda mais a situação do país. RIVAS, Rodrigo Andréa. Peru: Apontamentos histórico econômicos. In: *América Latina: 500 anos de Conquista*. São Paulo: Editora Ícone, 1987.

¹¹⁴ JULIO, Silvio. *História, arqueologia e lingüística*. p. 15.

¹¹⁵ Idem, *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-América*, p.35.

¹¹⁶ SVECENKO, Nicolau. *Op.cit*, p. 97.

Literalmente, lo mejor de nuestra literatura se refiere al mismo Brasil, y sobre todo a las selvas y “sertoens”. (...) “El Salvaje”, de Couto de Magalhães; “Los sertoens” de Euclides da Cunha; “El Valle del Amazonas” de Tavares Bastos; “Tapera”, “Alma bárbara”, de Alcides Maya; “Urupés”, de Monteiro Lobato; “Tropas y bofadas”, de Hugo de Carvalho Ramos; “Tierra de sol”, de Gustavo Barroso, “Sertón” de Coelho Neto; “Infierno verde”, de Alberto Rangel etc., forman ya una literatura sana, rica, llena de savia.¹¹⁷

Por outro lado, os autores hispano-americanos pelos quais empenhou parte de sua vida intelectual possuíam, em comum, um profundo comprometimento com as questões modernas tais como a utopia, as identidades ibero-americanas, a Ilustração e o progresso. Como exemplos, Bolívar, José Martí e Rodó.

Entretanto, esse esforço de integração intelectual latino-americana soou como um discurso quixotesco para a realidade brasileira, uma vez que as elites intelectuais estavam voltadas para outras questões. Na América Hispânica, por sua vez, o discurso do autor sobre o Brasil era recebido positivamente, mas não como referência essencial para a formação e o desenvolvimento dessas nações.

Estamos tratando de um intelectual que unia pensamento e ação, e que viveu em relativo descompasso com as questões mais discutidas do seu tempo. Silvio Julio sentia-se, em sua “missão cultural”, tão Dom Quixote quanto Bolívar em sua “luta pela libertação dos povos americanos”. A diferença era, para o autor, que Bolívar era um “gênio fundador” do hispano-americanismo.

Bolívar, enfrentando a inveja, empobrecendo para libertar os americanos, foi um pós-Dom Quixote. Baste-nos salientar que a loucura, embora gerada em suas formas violentas por causas fisio-patológicas, tem um lado social, quando supera pela excelência o nível do espírito de solidariedade. O demente daquela espécie inclina-se ao insulamento, enquanto o desta exagera o instinto gregário e sacrifica-se pelo próximo. Aquela é a loucura pura e simples, que os médicos estudam. Esta é a loucura que não é loucura, pois somente a baixaza do meio inventa a insanidade dos gênios.¹¹⁸

¹¹⁷ JULIO, Silvio. Silvio Julio se revela como um profundo creyente en el futuro de América, “El Espectador”, Bogotá: Colômbia, 23 de Julio de 1938. In: *Toda a América*, p.208.

¹¹⁸ JULIO, Silvio. *Petrópolis em 1948*. Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1948, p.87.

Podemos dizer, dessa forma, que Silvio Julio, ao se referir a si mesmo como um Dom Quixote, não se via como um homem louco e delirante, mas como um homem tomado por um discurso utópico de união e fraternidade dos países latino-americanos.

Notamos que, ao longo da análise da trajetória de Silvio Julio, vários fatores podem explicar o esquecimento que tiveram a sua vida e obra. Os temas trabalhados por ele, como afirmamos acima, eram pouco visitados pela intelectualidade brasileira e, além disso, possuía um difícil temperamento, que comprometia significativamente a sua sociabilidade. A personalidade do autor era extremamente complexa e contraditória, uma vez que possuía um discurso de integração cultural, mas agia de forma autoritária e agressiva contra aqueles que eram contrários às suas convicções.

Apesar disso, recebeu algumas homenagens da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Carioca de Letras, da Comissão Nacional de Folclore, além de em 1978, o presidente do IHGB, Pedro Calmon, o indicar para o prêmio “Machado de Assis” da Academia Brasileira de Letras em reconhecimento ao seu trabalho.

Nos últimos anos de sua vida publicou ainda: *Folclore e diactologia do Brasil e Hispanoamérica*, 1974; *Aproximações folclóricas em português e espanhol*, 1975; *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-América*, de 1983; *Sobre História, arqueologia e lingüística*, de 1984.

Vale observar que a escrita de si é uma evidência de uma identidade que se quer consolidar. Notamos que, muitas vezes, Silvio Julio procura passar uma imagem de vítima, uma vez que a sua “campanha hispano-americanista” não obteve, no Brasil, o reconhecimento que tanto desejou. O fato é que não podemos perder de vista que ele atuou em universidades importantes, conseguiu publicar inúmeros trabalhos, orientou alguns estudos significativos sobre a América Latina e conviveu com grandes intelectuais do seu tempo. A insatisfação do autor está relacionada provavelmente a uma grande expectativa

de reconhecimento criada por ele mesmo, o que colaborou para o comprometimento de sua sociabilidade.

Procuramos, nesse capítulo, resgatar um intelectual inadequado que “(...) com o seu pequeno reino afetivo, com a sua biblioteca pessoal, com suas angústias pessoais, cujas soluções são encontradas em um sistema filosófico pessoal¹¹⁹”, nutriu um grande interesse sobre o ibero-americanismo, o folclore, a metodologia da história e a poesia. Silvio Julio faleceu em 1984, aos 89 anos de idade, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro.

¹¹⁹ REIS, José Carlos. *História & Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.46.

Capítulo 2

As interpretações brasileiras sobre a América Hispânica e o ibero-americanismo de Silvio Julio

“O maior inimigo da pátria é inegavelmente o patrioteiro”

Silvio Julio, *Escritores antilhanos*, 1944.

O termo América Latina surgiu em meados do século XIX objetivando a busca pela construção de uma identidade que revelava a rejeição ao expansionismo norte-americano – principalmente após a guerra México-Americana -, a luta pela consolidação da autonomia das ex-colônias americanas da Europa Ibérica e o interesse francês no Novo Mundo.¹²⁰

Inúmeros intelectuais se ocuparam, desde então, em pensar a identidade ou as identidades latino-americanas, sem fornecerem respostas definitivas, uma vez que o termo América Latina foi ganhando novos significados ao longo do tempo, ao abranger culturas diversas em um espaço geográfico variado e com necessidades distintas.

Vale destacar que o termo só adquiriu um estatuto oficial com a fundação da CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina -, órgão da ONU, criado em 1948, com o objetivo de estudar e investigar os caminhos possíveis para o desenvolvimento econômico dos países latino-americanos.

Para Beired, Baggio e Resende em *As visões da América Latina*, o termo América Latina propiciou, durante décadas, tanto no Brasil como em outros países latino-americanos,

¹²⁰ Muitos pesquisadores como Arturo Ardao e Miguel Rojas atribuem, em grande medida, ao projeto expansionista de Napoleão III a criação do termo América Latina, uma vez que entendem que seu programa político tinha como um dos objetivos promover os interesses franceses na América. Porém, outros pesquisadores como Mónica Quijada defendem que a origem, a difusão e a adoção coletiva do termo correspondem a um horizonte mais amplo. Para Quijada: “en la tradición hispanoamericana ‘latinidad’ há significado tanto aspiración a la universalidad, como una vía hacia el sincretismo, hacia procesos de mestizaje e integración. En mi opinión, es ésta la experiencia colectiva y acumulativa, el *background* inconsciente que preparo la fácil recepción del concepto de ‘América Latina’ en el siglo XIX. Dicho de outra maneira, el éxito notable del término América Latina tuvo que ver con el hecho de que ofrecía a los hispanoamericanos un espejo en el que todos los fragmentos podían reunirse en un nivel de integración superior y universalmente válido.” Ver: QUIJADA, Mónica. “Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’”. *Revista de Indias*, 1998, vol. LVIII, Num 214, p.615.

dois tipos de interpretação: ou a ênfase na dominação externa-colonialista e imperialista -, que reduz a história latino-americana a um “mero resultado da História européia e norte-americana”, negando a sua dinâmica própria, ou, por outro lado, uma visão conservadora que nega a importância do imperialismo na história do continente.¹²¹

No entanto, nos últimos tempos, essas visões simplificadas da América Latina foram sendo desconstruídas pela historiografia. Como afirma García Canclini:

É possível conceber um espaço comum latino-americano, mas não predeterminado etnicamente nem isolado da história compartilhada com os europeus há cinco séculos, que instituiu vínculos que se estendem até hoje, nem da história convergente ou conflitante com os Estados Unidos.¹²²

Desse modo, pensar o Brasil na América Latina tornou-se um desafio não só pela identificação de problemas em comum e de soluções tomadas em conjunto, mas, também, pelo reconhecimento dos traços culturais que compõem o território. De acordo com Rouquié:

Se a existência de uma América Latina é problemática, se a diversidade das sociedades e das economias se impõe, se a delimitação das diferentes nações é um dado básico de seu funcionamento, não deixa de ser verdade que uma relativa unidade de destino, mais sofrida que escolhida, aproxima as “repúblicas irmãs”.¹²³

A historiografia brasileira contribuiu para traçar algumas semelhanças e diferenças entre a América Hispânica e a América Portuguesa e, conseqüentemente, pensar com maior propriedade o Brasil na América Latina.

As semelhanças evidenciam que a América Latina vivenciou três séculos de colonização ibérica; presenciou uma enorme influência, no século XIX, tanto inglesa quanto francesa; sofreu com o intervencionismo norte-americano desde meados do século XIX. Acrescente-se a isso que esse espaço geográfico latino-americano propiciou, em linhas gerais,

¹²¹ BEIRED, José Luis; GERAB, Kátia; RESENDE, Maria Angélica. “Os problemas do ensino de História da América”. In: NADAI, Elza (Org.). *Seminário Perspectivas do ensino de história*. USP, Faculdade de Educação, ANAIS - 1988, p. 220.

¹²² GARCÍA CANCLINI, Nestór. *A Globalização Imaginada*. São Paulo. Editora: Iluminuras, 2003, p.96.

¹²³ ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente: introdução à América Latina*, p.27.

uma formação cultural miscigenada; uma produção intelectual, em grande medida, eurocêntrica e a construção de nações que se encontram, ainda, em desenvolvimento.

As diferenças mais enfatizadas giram em torno da idéia de que a colonização espanhola na América promoveu uma formação distinta da América portuguesa. Além disso, é freqüentemente reforçado o fato de que o Brasil manteve a unidade territorial após a independência, diferentemente da América Hispânica, que enfrentou conflitos violentos com a metrópole, vivenciou guerras civis – mais ou menos prolongadas – e se fragmentou.

Com relação ao discurso sobre as semelhanças e diferenças entre o Brasil e os outros países latino-americanos, observamos que há uma visão simplificadora, pois, muitas vezes, não são consideradas as diversas referências culturais que compuseram a América Latina – indígenas, africanas, inglesas, francesas, holandesas e outras, além das ibéricas - e de como essas misturas provocaram organizações sociais distintas. Desse modo, as reflexões sobre a América Latina, em muitos momentos, resumem-se a análises sobre as suas raízes ibéricas.

Além disso, há um significativo preconceito que podemos perceber no pensamento brasileiro, ao longo dos séculos XIX e XX, sobre a América Hispânica como um lugar menos desenvolvido e mais caótico que o Brasil. Salvo exceções como a Argentina e o Chile, os outros países, de acordo com essas visões, não teriam muito a acrescentar aos brasileiros.

É interessante observar que o fato de o Brasil ser um país de proporções continentais na América do Sul propiciou uma relativa predominância dos interesses brasileiros na região, a ponto de ser considerada, em alguns momentos, a sua expressiva atuação econômica e política na América do Sul uma espécie discutível de “sub-imperialismo”.

A renovação historiográfica brasileira sobre esse assunto contribuiu, em grande medida, para evidenciar, no Brasil, o processo de formação de uma visão preconceituosa sobre a América Hispânica, na busca por desconstruí-la.

José Murilo de Carvalho afirma que já havia, pelo menos, desde o início dos tempos modernos, uma rivalidade entre Espanha e Portugal e um estilo de colonização diferenciado que contribuiu para o Brasil ficar de costas para a “outra” América. A arma utilizada por Portugal para enfrentar a escassez de recursos humanos e materiais foi, segundo o autor, o pragmatismo, com um traço mercantil mais forte do que o da colonização espanhola. No entanto, o Brasil incorporou a rixa iniciada no processo de colonização:

A elite brasileira sempre fez questão de marcar a especificidade do Brasil em relação a esses países. No século XIX, os países hispânicos eram vistos como exemplo negativo de violência política, de caudilhismo, de barbárie.¹²⁴

A identidade em comum, de acordo com o autor, seria formada, principalmente, pela sobrevivência de valores ibéricos como o personalismo, a recusa do liberalismo, o ideal de uma sociedade baseada na integração e não no choque de interesses. Vale notar que a mesma herança colonial ibérica que afasta o Brasil dos países hispano-americanos é a que os une.

Maria Ligia Prado, em seu artigo “O Brasil e a distante América do Sul”, discute a elaboração de um discurso brasileiro negativo no período monárquico e nos primeiros anos da República sobre a América Hispânica, utilizando como fontes textos de políticos e intelectuais da época. De acordo com a autora, o fato de constatarmos as diferenças entre a colonização portuguesa e a espanhola, além da tradição de uma cultura eurocêntrica na região, não explicaria, suficientemente, “o fosso que nos separa”.

...a identidade brasileira, no período [monárquico], foi construída montando-se a oposição entre regimes políticos antagônicos, a monarquia e a república. Os demais países da América Latina eram potenciais inimigos políticos do Brasil e se constituíam na representação da barbárie.¹²⁵

O advento da República no Brasil não veio, segundo a autora, acompanhado de uma alteração, significativa, na forma negativa como o Brasil notava a “outra” América.

¹²⁴ CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: Outra América?” In: *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.273.

¹²⁵ PRADO, Maria Ligia Coelho. “O Brasil e a distante América do Sul”. São Paulo. *Revista de História: Humanitas Publicações FFLCH/USP* – abril/2002, p.132.

A historiadora Maria Helena Capelato, por sua vez, reforça esses argumentos, no seu artigo, “O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano”, ao mostrar como alguns intelectuais, políticos, jornalistas e educadores se posicionaram ao longo da história brasileira sobre a questão de o Brasil ser ou não ser parte da América Latina.

As conclusões que esses estudos compartilham apontam que o preconceito com relação à América Hispânica foi fundamentado no período monárquico; que não há, ainda, uma tradição de estudos sobre a América Latina no Brasil e, o que une os latino-americanos é, muitas vezes, um inimigo comum – os EUA. Além disso, o Mercosul representaria, na visão de muitos brasileiros, a grande possibilidade de integração e de mútuo conhecimento em um país que “oscila entre o sentimento de ser, ou não, parte integrante da América Latina”¹²⁶.

Essa realidade [o Mercosul] obrigou os brasileiros a reverem seus projetos de hegemonia e o significado de sua identidade no continente. A crise dos últimos anos mostrou, como nunca no passado, que a América Latina não é a “Outra América” desprezada, mas a “Nossa América”, com a qual nos identificamos em busca de soluções para os problemas comuns¹²⁷.

Dessa forma, torna-se necessário, atualmente, a busca por rever o lugar do Brasil na América Latina. Notamos, como dito anteriormente, que as últimas pesquisas acerca das visões brasileiras sobre a América Hispânica avançaram, predominantemente, na reconstrução histórica do preconceito existente no Brasil em relação aos países hispano-americanos e de como que esse preconceito não vem acompanhado, ao longo do tempo, de uma argumentação mais cuidadosa, um conhecimento mais profundo e menos estereotipado sobre o assunto, o que, conseqüentemente, dificulta pensarmos o Brasil na América Latina.

¹²⁶ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: FFLCH-USP, 1998 (Tese de Doutorado), p.209.

¹²⁷ CAPELATO, Maria Helena. “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: Ser ou não ser latino-americano”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000) A Grande Transação*. São Paulo. Ed. Senac. 2000, p.315.

Sabemos que todo preconceito é significativo na constituição de uma identidade, pois só temos preconceito daquilo que nos incomoda ou ameaça. Para entendermos melhor o porquê da dificuldade de união latino-americana trataremos de compreender, em um primeiro momento, o preconceito brasileiro sobre a América Hispânica através da historicidade da visão americanista de Silvio Julio. Como afirma García Canclini:

Pode-se dizer, como já se escreveu, que o etnocentrismo e o desprezo do diferente nasceram com a humanidade, e nisso nenhum grupo é inocente. Os gregos chamavam os estrangeiros de bárbaros, ou seja “balbuciantes gagos”. Os nahuas se referiam a seus vizinhos como popolacas (gagos) e mazahuas (os que berram como servos). Para os hotentotes, os ainu e os ramchadales, os nomes de suas tribos significam “seres humanos”.¹²⁸

A base da construção da identidade consiste em afirmar que não podemos nos identificar totalmente com o “outro”, se não deixamos de “ser nós” e passamos a “ser o outro”. O preconceito passa a ser, nesse sentido, um dos componentes significativos na formação da identidade, uma vez que ela precisa da diferença para existir. Assim, a hipótese proeminente é de que o Brasil não poderia se identificar, demasiadamente, com a América Hispânica, sob o risco de ter suas especificidades ameaçadas.

Mario de Andrade reforça essa idéia através da literatura, em seu texto inacabado *O banquete*, de 1944, ao afirmar que somos mais próximos do que imaginamos da América Hispânica, daí a necessidade das diferenças serem tão realçadas.

Nós somos um terreno de luta, não só comercial, mas cultural para as nações de primeira grandeza. E com a guerra, com a derrota da França, a América do Norte aproveitou a ocasião, pra ver si nos dominava culturalmente também. Empregou métodos excelentes, e hábeis quase todos, e não há dúvida que a cultura latina, especialmente a francesa esta periclitando aqui. É um bem? É um mal. Nós não somos “latinos” eu sei. Mas também não somos norte-americanos. **Nossa cultura nacional ainda é demasiado frágil pra não sofrer conseqüências funestíssimas si se ianquizar. É engraçado: há culturas cuja influência é perigosa, e outras não. Por exemplo, eu acho a cultura espanhola muito perigosa pra nós, porque desvirtua os caracteres íntimos da língua nacional.** Toda influência cultural enche uma língua de estrangeirismos, não há dúvida. Mas é curiosos como um galicismo, um anglicismo, um germanismo não deturpam a sensibilidade psicológica da nossa síntese. Talvez por virem de linguagens distantes demais da nacional. **Mas os italianismos e sobretudo os espanholismos, por isso mesmo que muito mais sutis, muito menos**

¹²⁸ GARCIA CANCLINI, Néstor. *Op. Cit*, p.99.

“visíveis”, têm o dom terrível de deturpar as essências íntimas da nossa linguagem. Hoje eu estou convencido de que a influência francesa é a mais benéfica, mais fecunda pra nós.¹²⁹

Podemos perceber, claramente, como o discurso nacionalista brasileiro obstaculizou o conhecimento mais profundo sobre a América Hispânica. O nacionalismo, ao considerar a língua, a cultura e a religião como os principais identificadores da nação, percebia a América Hispânica como uma ameaça às especificidades brasileiras.

Sabemos que os brasileiros e os hispano-americanos possuem formações distintas. Mas o discurso da diferença é um discurso difícil. Já percebemos, em relação aos nacionalistas brasileiros: o postulado da diferença leva facilmente ao sentimento de superioridade, e o postulado da igualdade ao de indiferença, e é sempre difícil resistir a esse duplo movimento, ainda mais que o resultado final desse encontro parece indicar, sem sombra de dúvida, o vencedor: não seriam os brasileiros “superiores”, além de “diferentes”? A “verdade”, ou aquilo que, para nós, ocupará seu lugar não é, porém, tão simples.

A interpretação de Silvio Julio diante dessa questão foi encoberta e silenciada durante um longo período e, desse modo, procuraremos dar voz a ela para repensarmos o preconceito nas relações entre o Brasil e a América Hispânica, constatado pela historiografia brasileira. O autor acreditava que a excessiva ênfase em uma relação conflituosa e preconceituosa não é de forma alguma profícua, uma vez que não cria uma melhor alternativa de conhecimento e convivência entre os países latino-americanos.

Intelectuais como João Ribeiro, Silvio Romero, Elísio de Carvalho dedicaram-se, segundo Silvio Julio, a alguns aspectos culturais latino-americanos, mas “nunca persistiram na pesquisa e meditação do total de feições da problemática novo-mundista”. Anteriormente a ele, um dos únicos a se dedicar à defesa de uma visão sobre a América Hispânica mais positiva foi Manoel Bomfim, porém Silvio Julio afirmava que coube a Silvio Romero ter

¹²⁹ ANDRADE, Mario de. *O banquete*. São Paulo, Duas Cidades, 1977, p.108. (os grifos são nossos)

dado um “mau fim” a esse primeiro esforço. O que caracteriza Silvio Julio é a sua postura militante em prol do mútuo conhecimento desses povos e culturas. De acordo com o autor:

A falta de informações costuma os apressados daqui, a rebentar de vaidade infantilmente localista, juntar o desprezo cruel e absurdo da obra dos maiores heróis, estadistas, sábios e literatos da América Espanhola¹³⁰.

Mais adiante acrescenta:

Quando provamos a colegas ilustres que nem sempre fomos nós os primeiros defensores e os mais evidentes dos princípios de solidariedade continental, que não criamos as primeiras escolas e universidades do Novo Mundo, que não nos pertencem as suas primeiras obras literárias e tipográficas, eles nos confessam lealmente a surpresa que isto lhes causa, pois pensavam que todas as iniciativas e glórias americanas partiam do Brasil. Ao menos esses são honrados e escutam a lição da verdade. Pior, milhões de vezes pior é a gentalha discursadora dos centros aonde se arranjam empregos oficiais, que tal escória da inteligência humana se nega a curvar-se aos fatos e aos documentos e ainda calunia o homem livre que os expõe, chamando-lhe de mau cidadão, traidor e diabo.¹³¹

O texto de Silvio Julio sobre o americanismo, de 1944, revela a diferença de um pensamento obstinado em difundir os benefícios do mútuo conhecimento na América Latina, que estava em significativo descompasso com as questões mais visitadas pela intelectualidade brasileira da época. O autor expunha seus argumentos utilizando uma estratégia de convencimento, perceptivelmente, tendenciosa.

Os intelectuais brasileiros insistiam na Europa e nos EUA como modelos preferenciais. Dessa forma, Silvio Julio evidenciava que os europeus e os norte-americanos reconheciam o valor da cultura hispano-americana:

Basta percorrer qualquer publicação informativa dos Estados Unidos e da Europa, para que imediatamente se averigüe a atenção respeitosa que, nos meios científicos, artísticos e literários, é dada aos povos e autores da América Espanhola.¹³²

O autor reconhecia o esforço que haveria de ser feito para que ocorresse o reconhecimento positivo em relação à América Hispânica.

Eugenio María de Hostos, por exemplo.

¹³⁰JULIO, Silvio. “Considerações sobre o americanismo no Brasil”. In: *Escritores antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944, p.6.

¹³¹ Idem, *Ibidem*, p.6.

¹³² Idem, *ibidem*, p.6.

Virtuoso, cavalheiresco, patriota, americanista, educador, polígrafo, quem já o leu no Brasil? Além disto, se lhe gritarmos alto o valor, quantos nos desmentirão, dizendo impossível que Porto Rico tenha sido berço de intelectuais que se meçam com os nossos? De norte a sul da América, os que falam castelhano e os que falam inglês consideram-no mestre, espelho, farol dos talentos mais respeitáveis.¹³³

Comparava autores latino-americanos com autores europeus, objetivando o reconhecimento dos primeiros pelos brasileiros.

Rafael Maria Baralt (...) quem escreveu o *Resumen de la Historia de Venezuela*, o *Diccionario de Galicismos*, o inacabado e magnífico *Diccionario matriz de la lengua castellana*, *La libertad de imprenta* e outros trabalhos tão escorreitos que rivaliza com Jules Michelet na historiografia e com Pierre Larousse na lingüística.¹³⁴

Para o autor, as causas do preconceito eram históricas e já deveriam ter sido superadas com o advento da República:

É reprovável a posição anti-americanista da intelectualidade brasileira, porque não origina de princípios, oposição de tendências, doutrinas. Nem ao menos se gera do conhecimento dos assuntos e das opiniões conseqüentes. Não passa de vício e velho vício, que vem da época colonial e do tempo da monarquia.¹³⁵

Silvio Julio considerava que, por outro lado, o efeito desse preconceito brasileiro na América Hispânica sempre propiciou um certo desinteresse.

Acontece, todavia, que aqueles dogmas estapafúrdios do nacionalismo, pagos a tanto por página, provocarão ainda réplicas. Aqui está o perigo. Ninguém nos atacou. Eram acatados os brasileiros vivos e mortos. Caxias, Osório, Castro Alves, Aluizio Azevedo não recebiam dos nossos irmãos hispano-americanos, si não termos corteses, expressões comedidas, frases de correta sociabilidade. O certo é que assim se passava, apesar de que apenas os seus nomes, não os feitos e as obras, chegaram às plagas da América Espanhola.¹³⁶

Antonio Candido afirmou, em seu texto “Os brasileiros e a nossa América”, de 1965, que a indiferença dos hispano-americanos pelo Brasil é, guardadas as devidas especificidades locais, maior que no sentido contrário.

A Espanha foi potência européia decisiva em certo momento, e sua cultura pesou na civilização do ocidente. Portugal foi sempre um pequeno estado marginal, voltado para o mar e o vasto mundo, sem presença ponderável nos centros da civilização comum, sem nenhum Felipe II para assombrar a Europa, sem nenhum Cervantes para mudar os rumos da literatura.

¹³³ Idem, *ibidem*, p.10.

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p.13.

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p.16.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p.18.

Enquanto a Espanha, com o *Quixote* e a picaresca, abria caminho para o romance, isto é, um gênero inovador que serviria para exprimir o moderno, Portugal produzia *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, num gênero a epopéia, destinado a perder a atuação rapidamente. Em consequência de tudo isso e outras que não cabe discutir agora, o espanhol tende a supervalorizar a sua cultura e impor a sua língua, enquanto o português aprende docilmente as dos outros. Pensemos em nós, herdeiros deles: ainda hoje, se for, por exemplo à Bolívia, um brasileiro se esforçará para falar portunhol, enquanto um boliviano no Brasil falará tranqüilamente o seu bom castelhano.¹³⁷

Diante dessas argumentações, percebemos que Silvio Julio constatou historicamente o preconceito e a indiferença entre os países latino-americanos, antes mesmo de os pensadores contemporâneos repensarem essa temática, coincidentemente, com argumentos semelhantes aos utilizados por ele. Porém, porque os autores da atualidade, citados anteriormente, não o utilizaram como uma referência bibliográfica militante?

Possivelmente pelo fato de intelectuais veementemente nacionalistas, dos anos 1920, 30 e 40, terem rechaçado as suas argumentações ligadas à afirmação de que pertencemos a uma cultura mais ampla – “a cultura latino-americana”. Além do mais, havia o temperamento impulsivo do autor, que comprometia a sua sociabilidade, e as influências francesas e norte-americanas que estavam em voga, no Brasil daquele tempo.

Uma das provas disso é uma das provocadoras justificativas que o autor utilizou para afirmar que a História da América não se desenvolveu, com afinco, na primeira metade do século XX, por essa estar sendo escrita, em grande medida, por pesquisadores com traçados provincianos.

É difícil encontrar na América boas, completas, autênticas coleções de documentos do passado porque aqui se fabrica história de acordo com os motivos e paixões pessoais, interesses, razões de grupo, partidos ou famílias. Faltam educação e instrução para solucionar enigmas da evolução nacional sem deixarmos nos levar por vaidades regionais, intrigas de aldeias, desconfianças e ressentimentos contemporâneos.¹³⁸

¹³⁷ CANDIDO, Antonio. “Os brasileiros e a nossa América”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.130.

¹³⁸ JULIO, Silvio. *Del estilo en la historia*, p.30.

Vale enfatizar, desse modo, que as interpretações mais recentes dos historiadores sobre o Brasil na América Latina são significativas abordagens que demonstram a predominância de um preconceito, assim como as interpretações esquecidas de Silvio Julio.

O resgate de sua memória coloca, também, em contraponto o preponderante discurso intelectual nacionalista e as isoladas vozes latino-americanistas no Brasil, pelo menos até o final dos anos 1950. É certo que esse debate não é ingênuo, pois vem acompanhado de discussões que representam uma série de interesses políticos e culturais envolvidos. Logo, não é a discussão sobre a “autenticidade” desses termos que nos interessa aqui, visto que a noção do mais “autêntico” é extremamente questionável e, sim, a possibilidade de repensarmos a inserção do Brasil no continente latino-americano.

O discurso vencedor, no Brasil, é o discurso nacionalista, que tende a menosprezar os projetos latino-americanistas, contribuindo, em grande parte, para que os intelectuais latino-americanistas brasileiros não tenham tido, no país, tanta expressividade. Some-se a isso, as supervalorizações brasileiras das culturas européias e norte-americana que colaboram, em grande parte, com isso.

Os hispano-americanos utilizam o discurso latino-americanista com maior veemência que os brasileiros, uma vez que a questão da unidade e diversidade é mais complexa entre eles do que no Brasil. O Brasil manteve a unidade no Império após a proclamação da independência, diferentemente da América Hispânica, que se fragmentou com a independência e a proclamação das repúblicas, ao enfrentar a Coroa espanhola. Talvez, seja por isso, também, que a discussão sobre a unidade latino-americana seja mais recorrente nessa “outra” América.

A problemática do discurso vencedor é que ele ofusca as várias possibilidades de interpretação histórica, criando uma única possibilidade de apreensão do real. Desse modo, discutir as questões levantadas por Silvio Julio permite, como afirmamos acima, ampliarmos

as dimensões que o Brasil possui dele mesmo, na medida que o autor recoloca a unidade latino-americana e a tradição ibérica como características básicas da nação brasileira.

Esse olhar enfatiza que as semelhanças do Brasil com a América Hispânica são maiores e mais profundas do que as diferenças, uma vez que eles são países formados pela mesma origem - a tradição ibérica. Para Silvio Julio é a valorização e a compreensão dessa tradição a chave do desenvolvimento americano. Ponto de vista claramente oposto àquele que vê na ruptura com as tradições ibéricas a única saída modernizante para as nações latino-americanas.

A América Espanhola é católica. O Brasil é católico. A América Espanhola é ibérica O Brasil é ibérico. A América espanhola é de cultura latina. O Brasil é de cultura latina. A América Espanhola e o Brasil estão no mesmo sentido do hemisfério ocidental e no mesmo continente. A América Espanhola e o Brasil adotam a república e a democracia. A América Espanhola fala castelhano e Brasil fala o português, dois idiomas quase iguais e que se entendem naturalmente por quem os ouve e os usa todos os dias, sem necessidade de prévio estudo. (...) Nas Américas Espanhola e Portuguesa os fatores unitivos estão em maioria e, além disso, favorecem a civilização de todos os países continentais¹³⁹.

A convicção de que temos que compreender as nossas tradições ibéricas antes de nos vincularmos as outras referências é um argumento fortemente influenciado pelas idéias de Rodó, em seu livro *Ariel*. A América Latina seria, desse modo, um lugar distinto que compartilharia origens comuns com outros povos e culturas ocidentais de tradição helênico-judaico-cristã.

Essa visão torna-se interessante no momento que a historiografia atual, ainda em parte, compromete-se com a idéia de compreendermos a herança cultural latino-americana como sendo medularmente ibérica e como uma variante autônoma da civilização ocidental. Veja a exemplo disso que para Rubem Barboza Filho, em seu livro *Tradição e Artificio*, a América Latina possui traços predominantemente ibéricos.

Barrocos, desconfiamos dos determinismos, vendo sempre no espaço o cenário para as nossas vontades. E talvez no espaço possamos ainda encontrar um poderoso elemento de contenção

¹³⁹ JULIO, Silvio. "Considerações sobre o americanismo no Brasil." In: *Escritores Antilhanos*, p.33.

deste futuro catastrófico de inércia e ruína: a construção, ainda mais alargada do que a intentada por Bolívar, de um **espaço ibero-americano**.¹⁴⁰

É importante destacar que essa posição é discutível, uma vez que pensadores contemporâneos propõem uma reflexão que visa privilegiar as contradições e complexidades das diversas influências que compõem o “espaço cultural latino-americano”, através de conceitos como transculturação, mestiçagem cultural e hibridismo¹⁴¹.

Silvio Julio afirmava que não seria através da política nem da ciência ou da economia que compreenderíamos as tradições que compõem a América Latina e sim através das manifestações culturais.

Negar à América esta unidade superior a divisões políticas é ignorar o mais simples dos fatos psico-históricos.

Não será na investigação científica, que tem de se organizar com objetivismo dominante, nem do gorduroso monetarismo que anima o comércio, onde tudo se sacrifica à pança, porém na literatura verdadeiramente representativa que se nos deparará a filosofia vital das democracias do Novo-Mundo. Ela, - generalização extrema do que raciocinamos e do que nossos instintos exigem, - sintetiza, sem intuítos imediatos, o temperamento, o caráter coletivo das nações livres deste continente.¹⁴²

Para Silvio Julio, como já afirmamos, o fator cultural é a chave para compreendermos a América Latina, sendo que as diferenças entre as línguas espanhola e portuguesa não significam, segundo ele, um empecilho para aproximação desses povos:

Não é delírio romântico. Os contatos, simpatias e igualdade das duas línguas permitem que as confundamos às vezes e, noutras oportunidades, consigamos favorecer-lhes relações. (...) Quem não raciocinou a esse respeito, quem não estudou esse aspecto do americanismo, convém que averigüe o valor colossal do fenômeno. Poder um brasileiro ir da Argentina ao México entendendo, sem nenhum preparo anterior, os seus irmãos do Novo Mundo, graças ao parentesco das línguas lusas e castelhanas, não é admirável?¹⁴³

O autor endossa que na Idade Média, antes mesmo de Espanha e Portugal se construírem como Estados Nacionais, as semelhanças entre as regiões eram perceptíveis.

¹⁴⁰ BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício: Iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Ed: UFMG, p.444 (os grifos são nossos).

¹⁴¹ Autores como Fernando Ortiz, Serge Gruzinski e Nestór García Canclini dedicaram-se ao desenvolvimento desses conceitos no exercício de compreender o espaço latino-americano.

¹⁴² JULIO, Silvio. “Considerações sobre o americanismo no Brasil.” In: *Escritores antilhanos*, p.52.

¹⁴³ Idem *ibidem*, p.43.

Não se trata de uma coincidência rara. No castelhano e no luso da Idade Média as semelhanças são notáveis, não só em fenômenos de ortografia, mas também relativamente as linhas morfológicas e até a sintaxe. Influxos estranhos, divergências políticas e outras circunstâncias diminuíram estas aproximações, estas parcerias, estes laços de união, que aqui na América devemos avivar, incentivando por meio dos dois idiomas irmãos a nossa solidariedade espiritual¹⁴⁴.

Adiante chama a atenção para a importância de que não haja, na América Latina, o julgamento de obras literárias e políticas pelo número dos habitantes de um país e nem pela sua extensão geográfica.

Ruben Darío, cuja poesia abrange a América e a Espanha, nasceu em Nicarágua. ‘Os que julgam a magnitude de um personagem (disse-o Blanco Fombona) pelo número de seus concidadãos, podem recordar que Jesus não nasceu em Roma nem Jerusalém’.
É perigoso o critério da kilometragem ou o do censo para a avaliação do talento.¹⁴⁵

A literatura exerce, na percepção do autor, um papel fundamental na compreensão dos povos latino-americanos porque ela representa uma visão das coincidências entre a cultura, a economia e a política.

Catemos os rasgos morais da sociedade novo-mundista na literatura verdadeiramente representativa que já possuímos. (...)

Arte americanista e filosofia americanista não são sistemas oficializados, dogmas, conceitos estáticos; são vibrações livres e captação de instintos francos, diretos, novos, que sintetizam doutrinas e harmonizam, espontaneamente, normas que eram para os do Velho Mundo irreconciliáveis.

Americanismo artístico e americanismo filosófico consistem nesta democratização, pela mescla, das categorias mentais que se destruíam nos ambientes pesados, densos, impenetráveis da Europa .

É desnecessário definir; basta que pratiquemos, que exteriorizemos o que nasce dentro de nós em função do que nos cerca¹⁴⁶.

Vale destacar que a época em que Silvio Julio escreve esse texto sobre o americanismo, no Brasil, a Europa estava dilacerada pela guerra. Sem desconsiderar a

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.48.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.30.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.54.

influência e a importância da Europa, no cenário americano, o autor critica os ideários autoritários provenientes dela, naquele período, e propõe ao leitor:

Fujamos, pois, dos solenes organizadores do poder nazista, dos submissos incuráveis, dos que, em nome da ordem acorrentam o cidadão que pensa e ama o porvir como esperança de felicidade, dos macaqueadores das piores teorias da Europa decaída.
As literaturas americanas não pregam o ódio; não adoram déspotas, não criam místicas individuais, não se conformam com a estupidez futurista. Quem as conhece e as cultiva sabe que elas constituem uma só orientação e que enviam ao futuro uma só mensagem: unionismo, solidariedade, confraternização pela beleza.¹⁴⁷

Negar a Alemanha nazista, os regimes fascistas, assim como os discursos totalitários comunista e integralista presentes no Brasil, não era equivalente a dizer, de acordo com Silvio Julio, que os brasileiros devessem ser seduzidos pela “cultura norte-americana”, composta por valores diversos da “cultura latino-americana”.

Antes ao menos havia estética no estilo. Agora o pior gosto do mundo, o desconfigurado, o desconexo é a regra, que importamos de New York e Hollywood.
Não íamos bem, pois nos inferiorizávamos nas cópias. Agravamos esse erro, plagiando modelos indignos de consideração.
Tentar subir a Flaubert ou Zola parece compreensível. O absurdo está em esforçar-se o intelectual por descer aos insossos, mastodônticos, desordenados e fúteis reporteiros que se julgam romancistas nas terras de Luís Bromfield e Jack London. (...)
Sempre houve subúrbio literário, mas ninguém ousava a arrancar-lhe às alfurjas os seus latões com o sinistro intuito de ornar os templos da arte. Salão é salão; cozinha é cozinha; esgoto é esgoto¹⁴⁸.

Percebemos no discurso do autor uma profunda idealização em relação à América Latina, que, para ele, é constituída de uma identidade, essencialmente, ibérica. Além do mais, ao compartilhar de uma visão *arielista*, que tende a ver a “cultura norte-americana” de maneira simplista e, freqüentemente, preconceituosa, o autor acaba por desconsiderar as problemáticas que envolvem as visões estereotipadas.

No entanto, ao pensarmos que o discurso de Silvio Julio é um discurso minoritário na sociedade brasileira e, conseqüentemente, difícil de se fazer ouvir, o seu “grito” torna-se um elemento interessante na tentativa desesperada de chamar a atenção.

Os EUA e a América Latina são concebidos como regiões divergentes. A defesa da unidade latino-americana é representada, inúmeras vezes, pela figura emblemática de Simón Bolívar, uma vez que imagina as possibilidades de união americana, sem negar as especificidades de cada região. O que Bolívar propunha eram as alianças entre regiões dispostas a negar o domínio externo.

Era fundamental para Silvio Julio que os brasileiros atentassem para a importância histórica de Bolívar sem sentirem que os heróis nacionais estariam ameaçados pela exaltação dessa figura.

As glórias de Bolívar ou as de Sucre não empanam as de Caxias ou as de Osório, nem as destes ou as dos generais e estadistas hispano-americanos. Provocar, portanto, ressentimentos, desconfianças, ódios, homogenizando-os à força primeiro, para depois deprimir uns e exaltar outros, é ato vilmente repugnante, além de grosseiro.

Suponhamos que não haja no Brasil quem estude a vida de Bolívar com imparcialidade, erudição e espírito científico. Perguntemos: pelo fato de não a conhecerem os nossos compatriotas, ela deixa de ser a mais bela e a mais importante de todas as Américas?

Centenas de obras em francês, alemão, inglês, português, húngaro, polonês, castelhano, obras de várias índoles, mas todas úteis e apreciáveis, esgotam a análise biográfica e a crítica do venezuelano, levando-lhe o nome pelo mundo inteiro. Que adianta a verdade e a sua fama, portanto, a opinião de um improvisador ávido que não leu nada disso e, para caçar níqueis à custa de paixões patrioteiras, ousa colocar-lhe o gênio múltiplo em condição inferior à de outro militar, cujo valor difere do seu radicalmente?¹⁴⁹

De acordo com Prado, o Bolívar “brasileiro” é, ainda hoje, “uma figura distante e pouco conhecida, pois que o Brasil não precisa de heróis latino-americanos (na verdade, gostaria de criar heróis brasileiros para a América Latina)”¹⁵⁰. No entanto, Silvio Julio enfatiza de forma idealizadora:

O unionismo das democracias republicanas da América, coordenado e consolidado magistralmente em 1812, 1815, 1818, 1824 e 1826 por Símon Bolívar, *El Libertador*, constitui a essência de nossa evolução continental, que difere da que o velho mundo pretendia impor-nos. Há, nesse corpo de doutrinas, o pleno reconhecimento das plenas condições que nos prepararam para o exercício do novo direito. O que vivia solto no ar e ia agindo sem método, depois de sua redução a preceitos tomou forma política e norteou os passos da gente que aqui nasceu.¹⁵¹

¹⁴⁷ Idem, *ibidem*, p.55.

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.28.

¹⁴⁹ Idem, *ibidem*, p.20.

¹⁵⁰ PRADO, Maria Lígia. “Bolívar e Bolívares”. Folhetim, *Folha de São Paulo*, 24 Julho, 1983.

O discurso pautado na unidade latino-americana é conectado à defesa de um destino comum calcado na tradição ibérica, cujo traço geral é a república e a representação mítica da figura de Bolívar. A compreensão da historiografia brasileira sobre esse tema o insere em uma tradição utópica com grandes dificuldades de realização histórica.

O debate filosófico contemporâneo sobre a utopia desterrou, segundo o mexicano Fernando Ainsa¹⁵², o pensamento utópico do “território da esperança” para o lugar dos projetos irrealizáveis e desmesurados.

Acreditamos que Silvio Julio encaixa-se em uma tradição idealizadora do “ser latino-americano”. Nessa tradição, esse “ser americano” é o resultado de uma tensão entre os anseios do “homem americano” e a sua complexa e difícil realidade histórica. Dessa forma, o debate sobre o “homem americano” é visto, em grande medida, como um discurso utópico desmesurável e irrealizável.

Vale destacar que a América é, para muitos intelectuais europeus e americanos, o lugar da utopia, uma vez que o continente americano foi desconhecido pelos europeus até a Era Moderna e, sendo assim, propícia à fundação de uma nova realidade histórica e à facilidade de projetar sonhos.¹⁵³

A figura de Bolívar aparece de forma mítica na visão de Silvio Julio. Não devemos esquecer que Bolívar possuiu uma trajetória extremamente contraditória, invertendo o sentido do discurso utópico americano ao desiludir-se, em diversos momentos, com a sua própria luta. Em carta ao General Juan José Flores, em 1830, confessou:

Sabe S. Exa. que governei por vinte anos e deles não tirei mais que poucos resultados certos: 1º) a América é ingovernável para nós; 2º) quem serve a uma revolução ara no mar; 3º) a única coisa que se pode fazer na América é emigrar; 4º) este país cairá infalivelmente nas mãos da multidão desenfreada, para depois passar a pequenos tiranos imperceptíveis, de todas as cores e raças; 5º) devorados por todos os crimes e extintos pela ferocidade, os europeus

¹⁵¹ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.36.

¹⁵² AINSA, Fernando. *De la edad de oro a el dorado: génesis del discurso utópico americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

¹⁵³ Idem, *Ibidem*.

não se dignarão a nos conquistar; 6º) se fosse possível que uma parte do mundo voltasse ao caos primitivo, esse seria o último período da América.¹⁵⁴

Apesar de grande parte da intelectualidade brasileira compreender a união latino-americana como uma utopia desmesurada essa idéia teima em manifestar-se, há quase 2 séculos, através da economia, da política, da cultura e nos discursos de diversos intelectuais e lideranças políticas, principalmente de hispano-americanos.

Segundo Silvio Julio, o grave equívoco dos intelectuais brasileiros era desconsiderar os benefícios que o mútuo conhecimento dos povos latino-americanos propiciaria e insistir em tornar a América Latina em um lugar semelhante à Europa ou aos EUA. O problema não estaria, desse modo, no discurso utópico latino-americano, pois a utopia não seria sinônimo de impossibilidade, e sim da inexistência de uma certa realidade. Como afirma Fernando Ainsa:

El territorio de la utopía que “no está aquí” supone el esfuerzo de creación de *outro* mundo, alteridad que recupera las virtudes del pasado, se proyecta en el futuro o, simplemente, se representa como ya existente, dado en outro lugar. Este *outro* mundo, en tanto que alteridad, representa una contraimagen crítica de esta realidad (el *aquí* y el *ahora*), a la que pretende corregir imponiendo modificaciones a lo injusto de su estructura.¹⁵⁵

Podemos pensar, de acordo com Silvio Julio, que se considerarmos que o espaço latino-americano reúne temporalidades diversas, os modelos que a Europa ou os EUA oferecem não seriam, esses sim, uma impossibilidade? No momento em que sintonizarmos “a identidade cultural latino-americana” com tradições políticas que herdamos da Ibéria não encontraríamos uma melhor saída para os problemas que envolvem esse território?

Atribui-se ao discurso latino-americanista, no Brasil, com freqüência, um sentido sonhador e sem conexão com a realidade, porém, o Brasil, não deveria ter, ao contrário do que, muitas vezes, se pensa, um sólido conhecimento da História da América Hispânica para ser sensível a essa utopia? E mais, os discursos nacionalistas sobre o Brasil não foram, muito

¹⁵⁴ BOLÍVAR, Simón. *Escritos Políticos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992, p. 139.

¹⁵⁵ AINSA, Fernando. *Idem*, p.10.

mais, também, uma idealização do passado e uma projeção do que o Brasil deveria se tornar, ao invés de uma busca exaurida dos acontecimentos passados e das complexidades do presente?

Essas indagações estão na base do discurso de Silvio Julio, que procura trabalhar em prol do mútuo conhecimento dos povos latino-americanos, através da cultura, na tentativa de instruir e transcender a desunião econômica e a fragmentação política. Ao assumir esse discurso, o autor o utiliza para falar a partir de uma única perspectiva – a latino-americanista. Entretanto, o Brasil não se mostrava como o *locus* enunciativo mais adequado para o sujeito cultural híbrido que ele foi; daí a tensão e a ambivalência que se percebem na sua escrita.

A face brasileira do discurso de Silvio Julio insiste na diferença constitutiva do mundo hispano-americano. Veja, a exemplo, as suas publicações sobre a história regional brasileira (principalmente estudos sobre o folclore do sul e do nordeste) e as análises comparativas entre alguns aspectos da cultura brasileira e hispano-americana. No entanto, sua face latino-americanista aponta traços básicos que unem essas regiões (preponderantemente estudos sobre pensadores hispano-americanos).

O preconceito dominante no Brasil em relação à América Hispânica silenciou uma voz dissonante que trazia a problemática da latinidade americana como um contraponto ao discurso nacionalista que predominava na primeira metade do século XX. A questão fundamental do autor não era a luta pelo discurso mais “autêntico”, e sim a luta contra o nacionalismo estreito que impede o intelectual de se ligar a uma visão transnacional de cultura.

Capítulo 3

Reflexões acerca da obra de Silvio Julio

Não pode haver dúvida que a História dos Povos Americanos é aspiração de unidade ideológica, porém nunca realizará, dentro dela, se não reconhecermos nações, grupos de países que, ao mesmo tempo apresentam elementos de aproximação e elementos de singularização. (...) A combinação de uns e outros harmonizados, não paralelos apenas, produz aquela sonhada síntese: A História dos Povos Americanos.

Silvio Julio, Ensaio sobre a História dos Povos Americanos, 1961.

3.1. Sobre a escrita da história na América Latina

Silvio Julio publica o livro *Del estilo en la historia*, em Lima, pela editora da *Universidad de San Marcos*, no ano de 1969, propondo apresentar alguns problemas metodológicos enfrentados pelo historiador e fazer uma reflexão crítica acerca das especificidades do trabalho do historiador que se dedica à América Ibérica.¹⁵⁶

Nessa obra o autor discute, primeiramente, sobre a cientificidade da narrativa histórica, que, apesar de buscar a objetividade, produzirá sempre mais de uma interpretação. A impossibilidade, segundo Silvio Julio, da construção histórica como ciência leva-o a compreender que os conceitos são elementos chaves da narrativa histórica porque contribuem para a elaboração e o sentido dos fatos.

La Historia no consigue contenerse en los límites del método objetivo; por eso su vocabulario traduce apenas los conceptos que le pertenecen.¹⁵⁷

A linguagem do discurso histórico é, ao seu ver, condicionada não só pela razão como, também, pela emoção. A ciência, a filosofia e a literatura complementam o discurso histórico, apesar deste ser regido por uma outra lógica. Desse modo, o autor indaga: Qual seria o estilo da escrita histórica? Existe uma linguagem apropriada para as ciências humanas? A narrativa histórica é diferente da linguagem literária? E conclui que a história:

¹⁵⁶ Apesar desse livro não ter sido publicado no Brasil, ele se encontra em bibliotecas de algumas das principais universidades brasileiras, como a USP, a UFRJ e a PUC do Rio Grande do Sul.

¹⁵⁷ JULIO, Silvio. *Del estilo en la historia*, p.15.

Tiene su categoría propia, su índole particular, su finalidad original, su estilo único. Como los hechos o acontecimientos del pasado que no desaparecen y el crítico selecciona de acuerdo con su cultura, tema e intención no se repiten ni pueden hacerse reversibles, variando siempre cada uno con relación a todos los demás, el lenguaje del técnico que los describe a su modo tiene que poseer estilo, singularidad, carácter propio. Es muy vecino de la literatura.¹⁵⁸

Para Silvio Julio una obra historiográfica de qualidade depende da subjetividade estética do autor, que, com o seu estilo próprio, constrói o conhecimento. A linguagem histórica muda com a história e o historiador não só descreve o passado como também atribui sentido a ele. Porém, o que não cabe ao historiador é legitimar o presente com os argumentos do passado.

A partir dessas concepções, a história da América Ibérica, segundo o autor, não encontrou, em sua maioria, bons historiadores porque muitos dos estudiosos eram nacionalistas – o que ele entendia como “latifundiários do oficialismo didático” -, que viam no passado uma forma de legitimar o presente. Além disso, a tendência de ou se valorizar o índio, o negro, ou o branco dificulta a compreensão geral da história da América Latina revelando, segundo o autor, uma forma diferenciada de racismo.

De acordo com Silvio Julio, nas repúblicas hispano-americanas em que a maioria da população é de origem indígena, inúmeros intelectuais afirmam que o futuro depende dos antepassados astecas, maias, chimús, incas etc. Em sentido oposto, nas repúblicas hispano-americanas em que os índios, na maioria, foram dizimados, elevam o europeu com entusiasmo exclusivista. Não faltam os que, oriundos da África, se esforçam para demonstrar as supremas vantagens étnicas, morais e físicas dos negros. Dessa forma, o autor questiona:

Es posible escribir sobre la historia de los países hispano-americanos bajo la influencia de tantos prejuicios? No deforman ellos la lógica, la justicia y la verdad?
Todos los estilos de exceso localista son contrarios a la esencia humana de la historia. Los pensadores que la cultivan no deben de revelarse caciques espirituales.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Idem, *Ibidem*, p.22.

Percebemos que, para Silvio Julio, a luta pela “autenticidade” nacional pode prejudicar a compreensão da formação do conhecimento histórico.

Creemos provechoso que se haga una justa y sistemática revisión de la literatura histórica de América, entre la segunda parte del siglo XVIII y la primera del XX, examinando errores, equívocos, falsedades, mentiras de cada obra, como determinando los relativos valores que pueda contener por circunstancias especiales.¹⁶⁰

O interessante a observar é que, apesar de criticar visões particulares da história, ele acaba por defender a produção de uma história particular, a história ibero-americana. O autor não muda a lógica da busca por identidades, e sim amplia as possibilidades de compreensão das identidades americanas. Por outro lado, entende que cada historiador tem o seu estilo criativo e a liberdade de enfatizar o tema que lhe agrada.

Como acredita que a história ibero-americana precisa se desenvolver, ele auxilia, em seu texto, o historiador ibero-americano a formar uma biblioteca, ler não apenas autores norte-americanos e europeus, realizar uma revisão crítica da historiografia ibero-americana, trabalhar na reorganização dos arquivos e rever os projetos editoriais que tendem a desconsiderar essa temática. O autor chega a propor uma nova política editorial:

Las colecciones sugeridas no siempre interesarán a editores comerciales, que no piensan en cosa que no parezca lucro fácil. ¿Cómo publicarlas ininterrumpidamente? Por un acuerdo continental de las universidades, niveladas y unidas en un ideal común, sin orgullos matricidas de dominio cultural y político. La integración de las repúblicas ibero-americanas comenzó en lo intelectual y en las imposiciones de la lucha por la Independencia, desde sus primeros pasos durante el XVIII.¹⁶¹

A discussão historiográfica que Silvio Julio faz, nessa obra, é muito crítica sobre a escrita da história e comprometida, a todo instante, com a idéia de que os intelectuais necessitam desenvolver, com mais afinco, a historiografia latino-americana. Nessa direção, a pesquisa do historiador da América Latina seria fundamental para a “redescoberta” de novos objetos e novas interpretações sobre a formação desses países.

¹⁵⁹ Idem, *Ibidem*, p.41.

¹⁶⁰ Idem, *Ibidem*, p.38.

¹⁶¹ Idem, *Ibidem*, p.49.

3.2. Um intérprete da cultura hispano-americana

Grande parte da produção intelectual de Silvio Julio é constituída, fundamentalmente, de interpretações sobre autores hispano-americanos, do século XIX e início do XX, que se dedicaram a pensar e a atuar sobre a cultura e a política latino-americanas. É através da iluminação recíproca de várias das leituras políticas e culturais desses autores que pretendo fazer uma reflexão sobre a obra de Silvio Julio.

Entendemos que o papel do intérprete é, entre outros, o de traduzir para o seu tempo a linguagem passada, resignificando a obra e possibilitando ao leitor alcançar, por exemplo, a relevância, a originalidade, a inadequação, as contradições e as intenções da mesma. O intérprete serve, ao nosso ver, como um caminho que orienta e amplia a discussão sobre um determinado tema e autor.

As obras recomendadas e interpretadas por Silvio Julio revelam, diversas vezes, uma preocupação com a literatura como um instrumento constitutivo das identidades americanas. Há um trânsito por várias tradições literárias, não necessariamente pela via do consenso, mas pela inter-relação com o pensamento latino-americano.

Não será na investigação científica, que tem de se organizar com objetivismo dominante, nem no gorduroso monetarismo que anima o comércio, onde tudo se sacrifica à pança, porém na literatura verdadeiramente representativa que se deparará a filosofia vital das democracias do Novo-Mundo.¹⁶²

A literatura oferece, segundo Silvio Julio, interpretações mais generalizadas, através da poesia, do romance, do teatro, da prosa abarcando uma visão ampla e, algumas vezes, até mesmo, mais profunda das sociedades. Identificamos que o autor perpassa com freqüência por duas tradições literárias hispano-americanas: o romantismo e o modernismo. O elo que une suas escolhas é, em grande medida, o *ibero-americanismo bolivariano*, entendido como um:

¹⁶² Idem, *Escritores antilhanos*, p. 52.

... conjunto ordenado de caracteres de várias origens, umas geográficas, umas econômicas, umas culturais, umas religiosas, umas jurídicas, umas políticas, umas sociais, umas étnicas, que singularizavam a vida do Novo Mundo diante da dos outros continente.¹⁶³

Sendo assim, “a identidade ibero-americana” é percebida em contraponto à Europa e aos Estados Unidos. O “outro”, para Silvio Julio, é um elemento fundamental da constituição da “identidade ibero-americana” e a literatura uma resposta a esse desafio.

Os países hispano-americanos, no início do século XIX, vivenciaram o processo de independência, que contou com a colaboração de homens de ação e de letras, que viviam entre a independência política e a literária. Foram considerados por muitos intelectuais como românticos por buscarem uma literatura autóctone para a América junto à constituição dos Estados nascentes¹⁶⁴.

Silvio Julio apresenta alguns desses autores que procuraram estabelecer uma independência cultural frente à Europa, como o venezuelano Simón Bolívar (1783-1830), os cubanos José María Baralt (1810-1860) e José María Heredia (1803-1895), o colombiano Francisco José de Caldas (1768-1816), os argentinos Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), Esteban Echeverría (1805-1851), Juan Bautista Alberdi (1810-1884) e José Hernández (1834-1886), entre outros.

Sabemos que vários desses escritores se dedicaram a aspectos das respectivas culturas nacionais, o que parece uma contradição porque é justamente a exclusividade dessa temática que Silvio Julio abomina nos intelectuais brasileiros. Porém, ele afirma que existe uma diferença entre o ufanismo nacionalista e a produção literária que apreende aspectos regionais com um traçado humanista. Uma ilustração dessa posição seria a forma como o autor compreende a obra de José Hernández, que escreveu o poema gaúcho *Martín Fierro*:

¹⁶³ Idem, *Ibidem*, p.135.

Ninguém nega que o conhecimento dos costumes e da fala usual do habitante das planuras argentinas auxiliou a popularidade desse canto épico pastoril, mas cumpre juntar-lhe outro fator qualquer para entender a sua aceitação mundial.

Se o Martín Fierro fosse apenas o quadro da existência do gaúcho platino em forma popular, que emoção íntima nos causaria? E a um inglês? E a um italiano? O caso é diferente. Não obedece a simples interesse de colorismo. Acima do exótico paira o humano. A versificada história que conta o trovador argentino encerra alma, sentimento, tragédia eterna, tão fecunda quanto a de um Cid Campeador ou um Rolando.¹⁶⁵

Embora a obra trate de aspectos “locais”, isto é apenas um recurso, pois para o autor:

Se não lhe transmitirmos **espírito humano**, ela não passará de narrativa superficial, que nunca irá além das fronteiras do município onde se inspirou.¹⁶⁶

No final do século XIX, o modernismo representava a resposta da América Hispânica aos processos de modernização do mundo ocidental, através da celebração das culturas hispano-americanas e do desenvolvimento de um ideário latino-americanista, que contrabalançava com “o materialismo norte-americano”.

Os intelectuais latino-americanos demonstravam uma significativa preocupação com a política externa dos EUA, que ao anexar Porto Rico, as Filipinas, o Hawai e ocupar Cuba se tornaram uma influência ameaçadora para essas nações. Inúmeros pensadores expressaram um grande receio do imperialismo vigente. Não é por acaso que o impulso para o modernismo veio, em grande medida, do norte da América Latina (México, América Central, Caribe e Colômbia), onde a política imperialista norte-americana era notável.¹⁶⁷

Vale lembrar que a influência militar e econômica norte-americana foi muito mais agressiva na América Hispânica do que no Brasil, provocando um movimento intelectual e social fortemente antiimperialista, que os unia veementemente.

¹⁶⁴ Ver: JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4ª Edição: Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

¹⁶⁵ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.40.

¹⁶⁶ Idem, *Ibidem*, p.26. (Grifos no original)

¹⁶⁷ TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. Buenos Aires: *Punto de Vista – Revista de Cultura*. Ano IV, Número 12, Julio – octubre, 1981.

Pensadores como o equatoriano Juan Montalvo (1832-1889), o dominicano Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), o porto-riquenho Eugenio María de Hostos (1839-1903), os cubanos Enrique José Varona (1849-1933) e José Martí (1853-1895), o uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), os peruanos Manuel González Prada (1848-1918) e José Santos Chocano (1875-1934), o nicaragüense Ruben Darío (1865-1937), o paraguaio Eloy Fariña Nunez (1885-1929) e o argentino Manuel Ugarte (1875-1951) compartilharam dessa experiência literária, que permitia inspirações diversas.

No primeiro momento do modernismo hispano-americano percebemos um viés preponderantemente cosmopolita, ligado às influências culturais francesa e espanhola. Posteriormente, adquiriu um caráter nacionalista. Esse movimento contribuiu para a maior visibilidade da América Latina nas redes econômicas e culturais internacionais. É importante destacar que o que se conhece como modernismo hispano-americano, no Brasil corresponde aos seguintes movimentos literários: simbolismo, realismo, naturalismo e parnasianismo. E o que os hispano-americanos chamam de vanguardas no Brasil denomina-se modernismo.

De acordo com Antonio Cornejo Polar¹⁶⁸, nas primeiras décadas do século XX, especialmente em torno da Primeira Guerra Mundial, começa a modernidade na América Latina. Na literatura hispano-americana, o processo se evidencia com o surgimento das vanguardas. De qualquer modo, a literatura latino-americana de vanguarda se divide em uma busca por encontrar “eixos histórico-valorativos” capazes de legitimar experiências nacionalistas e regionalistas, e por incorporar o “espírito” de uma época vertiginosamente mutável.

Podemos observar como o conflito entre tradição e modernidade ocupará a pauta dessa época. O fato dos movimentos de vanguarda retratarem os nacionalismos culturais

¹⁶⁸ CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

latino-americanos com temáticas como o negrismo, o indigenismo, o romance do nordeste brasileiro, o gaúcho, etc... acabou por influenciar Silvio Julio na realização de alguns trabalhos como *Conexões folclóricas e literárias na poesia brasileira*, 1930; *Terra e povo do Ceará*, 1936; *Literatura, folclore e linguística da área gauchesca no Brasil*, 1953.

As propostas criadas pelo movimento modernista brasileiro estimulavam o novo e favoreciam tanto o cosmopolitismo quanto o nacionalismo. Entretanto, Silvio Julio não via com bons olhos o movimento modernista brasileiro:

Los llamados modernistas [brasileiros], que son de especies diferentes, al principio siguieron a Graça Aranha, novelista de Canãan. Después se han multiplicado y es hoy casi imposible decir lo que quieren. No conviene nombrar a gentes que se están formando y que no han conquistado un lugar definitivo.¹⁶⁹

É perceptível a resistência de Silvio Julio ao modernismo brasileiro, principalmente, quando o tom ufanista desse movimento batia exatamente de frente com a cultura ibero-americanista defendida pelo autor, e quando os autores modernistas se permitiam ousar em novas experimentações e interpretações.

É importante destacar que os modernistas brasileiros tinham um relativo conhecimento acerca dos intelectuais hispano-americanos, utilizando-os como referência, em alguns momentos, para endossar a lógica ufanista dos verde-amarelos. Desse modo, não era, em grande parte, uma preocupação com a valorização da América Hispânica que esses intelectuais possuíam, e sim uma preocupação em realçar o discurso nacionalista brasileiro. Podemos perceber isso, por exemplo, no *Manifesto do Verde - Amarelismo*, em que é citado o mexicano José Vasconcelos:

Somos um país de imigração e continuaremos a ser refúgio da humanidade por motivos geográficos e econômicos demasiadamente sabidos. Segundo Reclus, cabem no Brasil 300 milhões de habitantes. Na opinião bem fundamentada do mexicano José Vasconcelos, é de entre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a “quinta raça”, a “raça cósmica”, que realizará a concórdia universal, porque será filha das dores e das esperanças de toda a humanidade. Temos de construir essa grande nação, integrando na pátria comum todas as

¹⁶⁹ JULIO, Silvio. *Toda a América*, p.222.

nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi.¹⁷⁰

Os discursos nacionalistas e regionalistas ganharam maior espaço com as vanguardas hispano-americanas e o modernismo brasileiro. Entretanto, o autor se afasta das questões mais visitadas do seu tempo, como a produção cultural francesa e o discurso nacionalista brasileiro para se dedicar, em grande medida, à divulgação das culturas hispano-americanas do XIX, em que a preocupação com a unidade latino-americana era latente na voz de muitos intelectuais do romantismo e do modernismo. Segundo Silvio Julio:

A América pede literatos cheios de fé e esperança. Os que se ajoelham aos pés dos decadentes e aderem às estéticas corcovadas são abortos que merecem completo repúdio. Cremos que nesta era de aeroplanos, transatlânticos, gases, telefotos, o bardo unirá coração e sabedoria, cérebro e ação, se não quiser cair em ridículo. Do contrário, julga-lo-ão carpideira, maluco, menos poeta.¹⁷¹

As interpretações de Silvio Julio sobre pensadores hispano-americanos contribuíram para a divulgação de determinados autores e temas no Brasil. Além de revelar um esforço de aproximação surpreendente ao alargar as possibilidades de compreensão sobre a realidade latino-americana. O autor apresenta nomes, sugere bibliografias, critica determinadas abordagens e orienta o olhar do leitor para o valor da produção cultural da América Hispânica.

Silvio Julio privilegia no seu trabalho os discursos de Bolívar, José Martí e Rodó, que, para ele, são figuras emblemáticas da união latino-americana. Nesse sentido, esses pensadores tornaram-se o seu principal eixo conceitual e as interpretações de Silvio Julio sobre eles revelam o lugar enunciativo do autor.

¹⁷⁰ Citado em SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p.150.

3.2.1 Bolívar: um herói para o Brasil?

O primeiro estudo brasileiro apurado realizado sobre Simón Bolívar foi escrito por Silvio Julio, em 1931. Com quatro edições 1931, 1942, 1957 e 1981, a obra *Cérebro e coração de Bolívar* teve uma relativa receptividade ao traçar a trajetória de Bolívar através de uma narrativa que privilegiava o homem e o seu ambiente.¹⁷²

De acordo com Mário Ritter Nunes¹⁷³, *Cérebro e Coração de Bolívar* foi considerada na Venezuela¹⁷⁴ uma das melhores obras estrangeiras sobre o líder independentista, uma vez que traça a trajetória de Bolívar com heroicidade.

Vale destacar que o governo venezuelano resgatou a figura de Bolívar a partir de meados do século XIX, transformando-o em herói nacional. Porém, sabemos que *El Libertador* retratado como herói foi utilizado não só como referência histórica, mas como símbolo dos projetos políticos de união das nações latino-americanas.

A tentativa de tornar Bolívar um herói latino-americano ocorreu no início do século XX, através de uma luta ideológica entre alguns historiadores que se propuseram a demonstrar que a atuação de Bolívar foi mais eficaz do que a de San Martín¹⁷⁵. Silvio Julio participou, com afincado, desse debate ideológico contribuindo para o enaltecimento da figura de Bolívar. Desse modo, San Martín era visto como um militar pragmático e Bolívar como um homem não só de ação como, também, de palavra.

San Martín, o bravo e honrado militar que o nacionalismo argentino diviniza, agia, mas não dispunha de eloquência que o impusesse como cidadão excelso, nem de estilo que deslumbrasse as massas heterogêneas das nações que emancipou.(...) É portanto evidente que o simpático paredro da libertação da Argentina e do Chile não alcança Cezar, Napoleão e Bolívar, na escalada do fogo celeste, que transcendentaliza o indivíduo.¹⁷⁶

¹⁷¹ JULIO, Silvio. Achêgas peruanas à literatura de Iberoamérica, p.98.

¹⁷² É importante pontuar que Silvio Julio já havia publicado o livro *Bolívar e Sucre* pela *Revista de Língua Portuguesa*, em 1927. Porém, não era uma obra tão detalhada e aprofundada sobre Simón Bolívar como foi a publicação de 1931.

¹⁷³ Comentário apresentado no prefácio da obra de Silvio Julio.

¹⁷⁴ O governo da Venezuela, segundo Silvio Julio, concedeu um prêmio de doze contos de réis pela sua obra “Cérebro e coração de Bolívar”. JULIO, Silvio. *Toda a América*, p.260.

¹⁷⁵ PRADO, Maria Ligia. Bolívar e Bolívares. In: Folhetim. *Suplemento de A Folha de São Paulo*, 24 de Julho de 1983, p 10-11.

¹⁷⁶ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*.p.222.

Para a realização do seu trabalho, o autor utilizou uma bibliografia hispano-americana como, por exemplo, os livros publicados pelo historiador venezuelano Rufino Blanco Fombona¹⁷⁷, que teve um papel preponderante na construção mítica da figura de Bolívar. A obra de Silvio Julio procura abarcar as independências hispano-americanas e os fatores que a propiciaram; os grupos que contribuíram diferentemente com suas idéias; as razões político-sociais que as moveram e os motivos econômicos. Além de evidenciar a trajetória de Bolívar e reavaliar as atuações de José de San Martín e Bernardo O'Higgins no processo das independências.

Como é sabido, a contribuição de Bolívar nas independências hispano-americanas foi extremamente relevante para a autonomia política e intelectual das nações latino-americanas. O discurso interpretativo de Silvio Julio cria uma espécie de história de vida exemplar, ultrapassando os limites da escrita sistemática e recriando a figura do herói. Em uma obra anterior, Silvio Julio já havia afirmado:

Quem, agora, contempla a obra do Libertador e vê que as nações do Novo Mundo se reconhecem a si próprias, harmonizam seus interesses, pisam firmes a trilha do bem, compreende que é o instante de erigir-lhe monumentos, que ele os merece mais que qualquer dos heróis da humanidade. Mas não fiquemos nesta homenagem. Leiamos-lhe as missivas, as moções, os artigos jornalísticos, os códigos de direito constitucional e internacional, tudo, e não esqueçamos nunca que - como ensinou uma das individualidades de mais prestígio do nosso continente [José Martí], - Bolívar ainda tem o que fazer na América.¹⁷⁸

Para o autor, em *Cérebro e coração de Bolívar*:

Norte-americanos, luso-americanos, hispano-americanos, todos os filhos do Novo Mundo devem estudar o martírio de Bolívar para sustentar a ordem, a disciplina, a hierarquia, de sorte que se convençam da exemplaridade que encerra a vida de tão insigne estadista e da vastidão de seu pensamento.¹⁷⁹

¹⁷⁷ “Bolívar ha cumplido, casi sin elementos, y a despecho de la naturaleza y de los hombres, una de las empresas más grandiosas que tocó en suerte a un héroe”. Rufino Blanco Fombona. *Apud.* JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*.p 146.

¹⁷⁸ JULIO, Silvio. *Bolívar e Sucre*.p.18.

¹⁷⁹ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*.p.281.

É interessante notar que a visão idealizadora de Silvio Julio sobre Bolívar é a mesma compartilhada por José Enrique Rodó.

Muchas vidas humanas hay que componem más perfecta armonía, ordem moral o estético más puro; pocas ofrecen tan constante carácter de grandeza y de fuerza; pocas subyugan con tan violento imperio las simpatías de la imaginación heroica.¹⁸⁰

Observamos como o pensamento latino-americanista incorpora, freqüentemente, uma visão extremamente positiva de Bolívar. A sua figura emerge como o unificador das divergências, inspirador dos governos republicanos e revelador de uma identidade associada à cultura ibero-americana.

A contradição dessa idealização está no fato de Bolívar ter rejeitado toda a herança ibérica no processo das independências hispano-americanas e os ibero-americanistas terem resgatado a sua trajetória histórica sem revelarem as suas complexas concepções. Percebemos que o discurso ibero-americanista não é um discurso ingênuo de construção de uma identidade ibero-americana, e sim um discurso sócio-político que se apropria da figura histórica de Bolívar visando construir um mito que sirva de referência à integração das nações latino-americanas.

Para Silvio Julio, as independências e a proclamação das repúblicas foi uma grande conquista na América Hispânica.

Antes da independência tudo era escuridão, servidão, submissão à monarquia absoluta; com a independência surge a luz, a soberania nacional, a liberdade republicana.¹⁸¹

A conquista das independências e a adoção das repúblicas contribuíram para institucionalizar, segundo o autor, o sentimento americanista existente anteriormente.

A independência na América vinha de um século atrás sangrando – nem de Rousseau, nem de Washington vem nossa América, mas de si mesma.¹⁸²

¹⁸⁰ RODÓ, José Enrique. *Ariel - Liberalismo y jacobinismo- Ensayos*. Editorial Porrúa: México, 1979, p.173.

¹⁸¹ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*, p.8.

¹⁸² Idem, *ibidem*.p.281.

Segundo Silvio Julio, os líderes das independências da América Hispânica possuíam uma grande influência do temperamento “personalista” e “insubmisso” do espanhol, que se refletiu na forma virulenta com que foram realizadas.

Os espanhóis, com espíritos personalistas, rebeldes, místicos, por si ou seus descendentes, implantaram na consciência dos povos americanos a convicção de que se deviam emancipar de quaisquer tutelas e de que meios convinha que lançassem mão para alcançar o triunfo político que, sem distinções de raça, lhes daria, afinal, fisionomia própria.¹⁸³

Percebemos como a valorização da cultura ibérica dá o tom do seu discurso. A concepção de que já havia na América um sentimento americano, anterior ao processo de independência, proveniente unicamente dos descendentes de espanhóis, é bastante discutível, uma vez que a insatisfação quanto à colonização era, em linhas gerais, tanto dos descendentes de espanhóis quanto de negros, índios e mestiços. Vale destacar que os movimentos pela independência aconteceram com a participação ativa de índios e negros. Além disso, a noção de que havia uma “consciência dos povos americanos” anterior às independências é alvo de muitas dúvidas e críticas de diversos pesquisadores, que tendem a acreditar que não havia uma “consciência americana” consolidada antes do processo de independência.

Bolívar teve papel central na luta pela emancipação política das colônias hispano-americanas, mas, como se sabe, as suas convicções com relação à república democrática eram extremamente questionáveis. Fez inúmeras indagações sobre a melhor forma de governo a ser adotada nos países hispano-americanos. Em 1815, em uma declaração na célebre “Carta de Jamaica”, ele já havia evidenciado os seus conflitos.

Não concordo com um sistema popular e representativo, por ser demasiado perfeito e exigir virtudes e talentos políticos muito superiores aos nossos; por igual motivo recuso a monarquia mista de aristocracia e democracia, que tanta fortuna e esplendor proporcionou à Inglaterra. Não nos sendo possível alcançar o sistema mais perfeito e acabado entre as repúblicas e as monarquias, evitemos cair em anarquias demagógicas ou em tiranias monocráticas. Busquemos um meio-termo entre extremos opostos, os quais nos levariam aos mesmos escolhos, à infelicidade e à desonra.¹⁸⁴

¹⁸³ Idem, *ibidem*, p.92.

¹⁸⁴ BOLÍVAR, Simón. *Escritos Políticos*. p. 69.

De acordo com Silvio Julio, a história de Bolívar era exemplar para os brasileiros porque possibilitaria a auto-reflexão, permitindo uma identificação do leitor brasileiro com Bolívar. Nesse caso, o conhecimento do Brasil passaria pelo conhecimento da América Latina. A biografia de Bolívar por Silvio Julio, embora apresente interessantes contribuições bibliográficas sobre autores hispano-americanos e reflexões sobre a trajetória do líder independentista, acaba caindo no lugar comum, ou seja, na imagem mítica e salvadora, sem considerar as limitações e contradições do sujeito histórico.

A figura do herói é tão recorrente no pensamento latino-americano que ocorre, muitas vezes, um movimento de resistência a essa idealização. Como exemplo temos a obra de Gabriel Garcia Márquez *O general em seu labirinto*¹⁸⁵, de 1989, analisada por Vera Lucia Figueiredo:

O Bolívar, de García Márquez, antes de ser um herói da América, é a própria América Latina, com seus avanços e recuos e, por isso, mais próxima do labirinto do que da trajetória em linha reta que caracteriza os gloriosos.¹⁸⁶

O fato de Bolívar ter contribuído nas independências das colônias espanholas não livrou a região das dificuldades existentes, levando alguns pesquisadores a interpretar a figura de Bolívar como o emblema da frustração dos projetos latino-americanos. Por outro lado, não podemos deixar de pontuar que uma figura histórica que marcou época e inaugurou um novo tempo não pode ter sua história associada apenas ao fracasso.

É importante mencionar que Bolívar não incluía nos seus planos o Brasil, ou seja, a sua luta esteve relacionada à construção de uma liga das nações hispano-americanas. Porém, a capa de uma das edições do livro de Silvio Julio, mais precisamente a edição publicada pela Livraria Progresso, de 1981, trazia à frente um retrato de Bolívar com cores

¹⁸⁵ Essa obra de ficção escrita pelo colombiano Gabriel García Marquez retrata os últimos dias da vida de Bolívar.

¹⁸⁶ FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 112.

iguais à bandeira do Brasil – verde, amarelo e azul. O que nos leva a crer que o autor procurava forjar um Bolívar para o Brasil! No entanto, que Bolívar é esse que serviria como referência para o Brasil?

Sabe-se que Bolívar, no Brasil, é uma figura distante e pouco conhecida. Para Silvio Julio, apresentar Bolívar como um herói para os brasileiros propiciaria uma maior identificação cultural entre as nações latino-americanas. Porém, no período em que foi publicada a primeira edição da obra ocorria no Brasil um fortalecimento do discurso nacionalista a partir do governo Vargas. É certo que a aproximação com os países hispano-americanos foi mais significativa do que em épocas anteriores, mas isso não chegava ao ponto de a intelectualidade brasileira conceder espaço para um herói hispano-americano.

Nesse escuríssimo tempo de nefandos comunistas e fascismos, neste abominável tempo de assassínios e brutalidades cavernárias, neste abjeto e triste tempo de invasões e desrespeitos, temos que defender as doutrinas de Bolívar e salvar a América da corrupção européia e da destruição que ameaça o mundo.¹⁸⁷

O seu discurso batia de frente com as ideologias comunistas e fascistas, oferecendo uma alternativa que estava à margem das principais discussões de sua época. A crítica do autor estava vinculada ao perigo dos regimes totalitários que acabavam erigindo falsos absolutos. A América seria o continente do futuro diante da decadência observada na Europa.

Ninguém havia que não considerasse a Europa fortaleza de arcaísmos, enquanto o Novo Mundo surgia à maneira de astro inaudito, prenhe de surpresas. Certo? Errado? De um modo geral a realidade era esta. No meio das divergências, das polêmicas, das paixões, distinguiu-se bem o que, mais tarde a crítica fixou: o deslocamento do eixo da civilização ocidental da Europa para o Novo Mundo.¹⁸⁸

Nessa época, a utopia permeou o discurso de diversos intelectuais latino-americanos que viam na América Latina o espaço de crítica ao Ocidente. A reorientação para o futuro e a afirmação de um olhar crítico latino-americano teve o seu lugar.

¹⁸⁷ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*, p.158.

¹⁸⁸ Idem, *ibidem*, p.212.

Bolívar possuía um “sentido histórico” para a América Hispânica, sendo o seu idealismo influenciado pela Ilustração francesa e pelas Revoluções Americana e Francesa. A frustração de Bolívar, ao fim de sua vida, com relação à viabilidade de seus ideais foi silenciada ao longo da obra de Silvio Julio, contribuindo para transformar a sua figura em um mito do salvador, cujas fraquezas são transformadas em virtudes. Ao se propor a trabalhar com algumas figuras históricas importantes das primeiras décadas do século XIX, Silvio Julio as compreendia como homens que viviam em profunda sintonia com o que acreditavam.

Homens de ação e de idéias, batalhadores e doutrinários, eis o que Buenos Aires e Caracas prodigalizam: Bolívar, San Martín, Sucre, Sarmiento. Hábeis artistas da palavra e dos partidarismos diplomáticos e oportunistas, eis o que abunda em Bogotá e Lima: Santander, Riva Agüero, Nariño, Torre-tagle. Cada qual em seu papel. Os povos se caracterizam por seus tipos representativos, não pelas massas.¹⁸⁹

O autor enfatizava que essa geração, do início do XIX, era formada por “homens que consumiam tudo por um sonho” e se “sacrificavam por um ideal”. As contradições do sujeito histórico são, então, suprimidas em favor de uma crença profunda em ideais revolucionários, que promoveriam grandes mudanças.¹⁹⁰ É interessante observar o valor que o autor atribui aos “tipos representativos” sociais como exemplos a serem seguidos e, desse modo, reveladores das características que o próprio autor tanto preza.

Como contraponto aos líderes exemplares hispano-americanos, Silvio Julio afirma, a partir de alguns exemplos, que os intelectuais europeus eram homens que não viviam na íntegra aquilo que divulgavam.

Oscar Wilde burilou romances, contos e comédias geniais e teve uma experiência suja. Imitasse-o Tolstoi e sua obra de apóstolo não se ergueria a altura que esta. O mais extremado conselho de Nietzsche merece atenção, que provém de um peito sincero.

¹⁸⁹ Idem. *ibidem*, p. 48.

¹⁹⁰ É interessante salientar que uma das diferenças dos autores hispano-americanos do século XIX em relação aos brasileiros é que os primeiros eram homens, em geral, mais engajados, mais politizados, mais dramáticos e mais desafiadores do que os brasileiros, que tendiam a expressar no romantismo a melancolia, a nostalgia e a religiosidade. Ver: JOSEF, Bella. *Op.cit.*

Voltaire, todavia, desperta desconfiança, pois nunca pautou pelos lindos preceitos que distribuiu o seu comportamento.¹⁹¹

Na tentativa de valorizar a geração das independências hispano-americanas, o autor acabou por minimizar o engajamento político ou social de autores europeus. Além disso, percebemos um profundo preconceito de Silvio Julio em relação a “experiência suja” de Oscar Wilde, como se a homossexualidade do autor inglês representasse o oposto da genialidade presente em sua obra.

A crença na realização futura da América Latina, explicitada através da construção utópica da figura de Bolívar, que possuía *cérebro e coração* conectados com o ideal latino-americanista, confere um sentido esperançoso a uma realidade difícil, apresentando, conseqüentemente, uma relação problemática com a reconstrução do passado diante de um presente hostil.

Parece incrível que, atarefado com planos bélicos, combates quotidianos, leis, regulamentos, constituições, em resumo, com as complexas questões que grassavam ao redor de sua obra infinita, tivesse o libertador minutos de meditação abstrata, que lhe inspiravam até páginas doutrinárias a respeito de matérias muito difíceis.¹⁹²

Notamos nos argumentos de Silvio Julio uma profunda convicção de que o conhecimento melhoraria o mundo, evidenciando que sua formação ilustrada teve como conseqüência uma profunda frustração intelectual. A noção daquilo que poderia ter sido feito em prol do mútuo conhecimento entre as nações latino-americanas e as questões que imperavam no seu tempo não permitiu ser o seu projeto político e intelectual um projeto vencedor. O seu esforço de apresentar a vida e a obra de Bolívar, no Brasil, é significativo quando pensamos no lugar enunciativo do autor, pois amplia a discussão sobre as possibilidades de integração dos países latino-americanos.

¹⁹¹ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, p.210.

¹⁹² Idem, *Cérebro e coração de Bolívar*, p. 302.

3.2.2 José Martí: o latino-americanista exemplar

José Martí (1853-1895) foi, em vida, um dos intelectuais mais conhecidos da América Latina. Atuou como jornalista, poeta, ensaísta com uma produção relevante não só sobre a América Latina como, também, sobre os EUA. Suas principais obras foram: *Versos libres* (1878-82), *Versos sencillos* (1891), *Ismaelillo* (1882), *La edad de oro* (1882) e *Nuestra América* (1891).

Certamente a causa da independência cubana foi alvo de sua maior dedicação. Defendia a idéia de que os países latino-americanos não deveriam tentar imitar os modelos estrangeiros e, sim, trilhar os seus próprios caminhos de desenvolvimento. É considerado pela historiografia nacionalista cubana o pai fundador da nação. Entretanto, sua obra, marcada por um forte conteúdo americanista, é pouco conhecida no Brasil.

Silvio Julio interpreta a obra e recupera a vida do cubano José Martí no livro *Escritores antilhanos*, de 1944. Destaca o escritor como um educador e literato revolucionário comparado aos grandes nomes do pensamento latino-americano. Quanto às suas ações políticas, Silvio Julio afirma que havia no cubano uma preocupação com a liberdade de sua pátria, o direito dos oprimidos e a justiça.

José Martí acreditava na solidariedade dos povos hispano-americanos, para a execução do seu plano separatista e liberal. Sonhava com o auxílio das nações do Novo Mundo, se os cubanos dele precisassem.¹⁹³

A luta de José Martí para libertar Cuba da Espanha representava, também, a luta pela república, expressa tanto através da sua atuação na guerra quanto nas suas manifestações literárias e políticas. Silvio Julio, ao comparar Martí com o educador venezuelano Andrés Bello¹⁹⁴, ressalta a emotividade do primeiro em contraste com a vida pacata do segundo.

¹⁹³ Idem, *Escritores antilhanos*, p.96.

¹⁹⁴ Andrés Bello (1781-1865) foi uma das figuras mais importantes da cultura latino-americana. Escritor que defendia a integração latino-americana. Foi professor de Simón Bolívar e fundador da Universidad de Chile.

Não podemos afirmar o mesmo de José Martí, cujos discursos, artigos, poemas lhe refletem, inseparáveis, as agitações do espírito e os proeminentes problemas da economia privada.¹⁹⁵

Para Silvio Julio, não devemos comparar as obras de Martí com a produção acadêmica, pois o seu trabalho brotava da ação política.

Para o papagaio do cômodo liberalismo que se prega nas câmaras, tinta é tinta, mas para o combatente que pratica o que ensinou antes, tinta é sangue.¹⁹⁶

De acordo com Silvio Julio, o patriotismo cubano, a aversão aos EUA e o latino-americanismo de José Martí trilhavam os mesmos caminhos de Bolívar.

Poucos trabalharam com tanto ardor pela solidariedade bolivariana. Seus artigos, orações, manifestos, por isto, igualam aos melhores. Vida, palavra e pena o cubano dedicou à propaganda e à realização das idéias de unidade espiritual e mútuo apoio dos povos do Novo Mundo.¹⁹⁷

Vale enfatizar que a luta de José Martí contra o colonialismo tinha como um dos principais alvos os EUA. O autor denunciava o expansionismo norte-americano e a necessidade de uma “independência do espírito” na América Latina. Para Martí, os EUA se encontravam em um período de decadência, pois eram notáveis nessa nação as “violências, discórdias, imoralidades e desordens”.

E é de justiça e de legítima ciência social reconhecer que, em relação às facilidades de um e os obstáculos do outro, o caráter norte-americano tem decaído desde a independência e é hoje menos humano e viril, enquanto que o hispano-americano é hoje claramente superior, apesar de suas confusões e fadigas, ao que era quando começou a surgir da massa agitada de clérigos agiotas, ideólogos incompetentes e índios ignorantes ou selvagens.¹⁹⁸

José Martí acreditava que o conhecimento sobre o passado evitaria a apropriação e a reprodução de valores avessos à cultura latino-americana. O autor não desconsiderava o valor da Europa, mas questionava a subserviência do intelectual latino-americano. “Os

¹⁹⁵ JULIO, Silvio, *Escritores antilhanos*, p.102.

¹⁹⁶ Idem, *Ibidem*, p.104.

¹⁹⁷ Idem, *ibidem*, p.135.

¹⁹⁸ MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia*. 2ª Edição: São Paulo - Hucitec, 1991, p.248.

jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com óculos ianques ou franceses, e pretendem dirigir um povo que não conhecem”.¹⁹⁹

A ciência e a literatura pertenciam, para ele, ao homem, não à Europa. Silvio Julio afirmou que, se José Martí presenciasse o que ocorreu na Europa perceberia, uma vez mais, em 1944, o quanto o modelo europeu era inviável para a América.

Nossas nações Novo-mundistas são, em quase tudo, opostas às antiquadas e divididas que formam o inferno europeu. Não sentimos nem cremos que haja raças puras e predestinadas. Não acreditamos no protecionismo científico que atribui aos cruzamentos dos povos diversos em seus traços físicos uma incurável, uma irremediável inferioridade. Não aceitamos a desigualdade jurídica das monarquias, cujos privilégios hereditários nos parecem crimes monstruosos. Não incentivamos militarismos através de exorbitâncias do amor da pátria transformado em insulamento espiritual e agressividade armamentista. Nascemos para a democracia orgânica e para a república, não para o sabujismo das aristocracias de sangue e das regalias de família.²⁰⁰

José Martí fez parte da primeira geração de modernistas hispano-americanos do final do XIX. Desenvolveu algumas idéias bolivarianas que passaram a fazer parte da sua filosofia internacionalista, em favor de “uma grande confederação latino-americana”²⁰¹. O seu pensamento é comparado por Silvio Julio à grandeza de Sarmiento. Porém, o primeiro era tão cubano quanto latino-americano e o último mais argentino que latino-americano.

Político, Sarmiento cortejava o nacionalismo às vezes exaltado de seus compatriotas e nem sempre foi imparcial com os povos Ibéricos do Novo-Mundo. Idealista, José Martí não temeu nunca a fúria dos declamadores demagógicos e não anulou o seu lado belo do continentalismo por medo de causar transtornos a seus interesses eleitorais.²⁰²

Dessa forma, entre a política de Sarmiento e o idealismo de José Martí, Silvio Julio opta por reverenciar, aos leitores brasileiros, o último, uma vez que, para ele, é onde encontraremos um horizonte histórico latino-americano mais promissor.

A comparação que Silvio Julio faz entre Sarmiento e José Martí é extremamente significativa, pois ao evidenciar a sua simpatia pela visão de José Martí o autor revela as suas próprias concepções ideológicas antiimperialistas e voltadas à construção de uma identidade latino-

¹⁹⁹ Idem, *ibidem*, p.195.

²⁰⁰ Idem. *Escritores antilhanos*, p.108.

²⁰¹ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar, 2006, p.105.

americana. De acordo com Eugênio Rezende de Carvalho, em seu livro *Nossa América: a utopia de um novo mundo*:

Enquanto o argentino Domingo Sarmiento, principal interlocutor e então representante máximo do pensamento liberal em terras hispano-americanas, declamava “sejamos como os Estados Unidos!”, Martí denunciava a ação imperial norte-americana, suas práticas expansionistas, bem como os reflexos das mesmas junto às dolorosas repúblicas americanas.²⁰³

O imperialismo norte-americano em Cuba proporcionou a diversos intelectuais cubanos, como José Martí, uma postura resistente frente às tentativas de dominação norte-americana e um sentimento latino-americanista mais veemente do que em muitos outros países. Silvio Julio manteve estreitas ligações com a Academia Cubana, que reverenciava a figura de José Martí, e esteve, algumas vezes, em Cuba. Além disso, manteve correspondência com significativos intelectuais cubanos como Fernando Ortiz.²⁰⁴

3.2.3 Rodó: uma orientação do “espírito latino-americano”

Para Bella Josef, uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras sobre a literatura hispano-americana, José Enrique Rodó (1871-1917) “condenou o predomínio do utilitarismo e propôs despertar a consciência da América Espanhola para seus altos destinos. Entre nós, seu grande divulgador foi o americanista Silvio Julio, que lhe estudou a obra num opúsculo comemorativo do cinquentenário de *Ariel*.”²⁰⁵ A autora cita o nome de Silvio Julio como o principal divulgador, no Brasil, da obra de Rodó. Recuperar o que o autor buscou em Rodó e como ele o interpretou para a realidade brasileira é o intuito deste tópico.

²⁰² JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.130.

²⁰³ CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Nossa América: a utopia de um novo mundo*. São Paulo. Ed: Anita Garibaldi, 2001, p.35.

²⁰⁴ Em uma homenagem da Academia de Letras de Petrópolis, em 1948, foi reproduzido um comentário de Fernando Ortiz, de 1945, sobre Silvio Julio. “Para nosotros los cubanos el nombre de Silvio Julio nos despierta gratísimas simpatías y profunda gratitud. Escritor brasileño de gran visión, há entendido antes y mejor que muchos las exigencias y maneras del sano americanismo. Los cubanos que miran y veen más allá

Ao longo do seu trabalho Silvio Julio procurou orientar o olhar do leitor brasileiro para a relevância de se estudar a América Hispânica, propondo, com isso, diluir os preconceitos existentes:

Os povos hispano-americanos são os únicos do Novo Mundo que, desde a primeira parte do século XVI, tiveram topografias, colégios, livros, codificações, universidades. Em cultura, ingleses, franceses, portugueses e holandeses, neste continente, jamais antecederam os castelhanos na criação do direito, da literatura, da arte, da filosofia. Foram sempre os colonizadores provindos da Espanha que, na América, iniciaram a adaptação do pensamento europeu a seus recém descobertos territórios, dando-lhes tribunais, escolas, seminários, faculdades, bibliotecas e máquinas impressoras.²⁰⁶

A publicação de *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro "Ariel"*²⁰⁷, em 1954, pelo Ministério da Educação e Cultura, pretendia apresentar a obra de Rodó para o público brasileiro, especialmente o seu famoso ensaio intitulado *Ariel*, de 1900. O clássico ensaio do escritor uruguaio influenciou várias gerações de latino-americanos e as questões por ele levantadas foram retomadas de diferentes maneiras pelo pensamento latino-americano.

Silvio Julio constrói uma análise celebrativa sobre *Ariel*, ao interpretar para o público brasileiro as principais idéias presentes no ensaio. Além de indicar comentaristas hispânicos como Leopoldo Alas, comentaristas brasileiros como Tasso da Silveira e simpatizantes do ibero-americanismo como Rocha Pombo, Carlos Maúl e Basílio de Magalhães, Silvio Julio se comprometeu a indicar as melhores edições da obra de Rodó e a discutir a influência da mesma.

de las olas están con los intelectuales brasileños en el homenaje que se le tributa a Silvio Julio. Fernando Ortiz, Cuba, Habana." Homenagem a Silvio Julio. In: JULIO, Silvio. *Petrópolis em 1948*, p.159.

²⁰⁵ JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*, p.129.

²⁰⁶ JULIO, Silvio. *Rodó e o cinquentenário do seu livro "Ariel"*.p.66.

²⁰⁷ Em *Ariel* há ressonância de *A tempestade* de Shakespeare, peça na qual sobressaem três personagens: Próspero, o conquistador, colonizador, organizador, administrador; Ariel, o intelectual, o espírito, a cultura, a interpretação; e Caliban (anagrama de canibal), o nativo, o selvagem, não europeu, bárbaro. Pois bem, Rodó adota Próspero como herói civilizador, e elege Ariel como jovem, idealista, inteligente, europeizante. Apresenta Caliban como o utilitarista sem ideais, interessado apenas em realizações e bens materiais, uma nítida alusão ao poder norte-americano que considerava impróprio para a América Latina. Ver Prefácio: IANNI, Octavio. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas. Ed: Unicamp, p.11.

Para Silvio Julio, *Ariel* significa “um programa de educação social, uma regra de moral coletiva, um guia de fé otimista, uma síntese hispano-americana de ações e anseios, um compêndio magistral de experimentos e ideais na realidade do Novo-Mundo”.²⁰⁸

De acordo com Antonio Mitre²⁰⁹, o ensaio de Rodó, depois de inicialmente ser muito prestigiado, acabou paulatinamente sendo esquecido quando o mito de uma América Latina espiritual e humanista entrou em crise. Entretanto, Silvio Julio afirmava que, no Brasil, a obra do uruguaio Rodó não chegou sequer a ser conhecida.

Ariel, ao sair do prelo e ao deslumbrar americanos e espanhóis, não foi sabido no Brasil, de maneira nenhuma. Glorioso e triunfante, traduzido e comentado, ficou oculto de nosso país, que não participou de tão justa consagração, visto que vivíamos de costas para o Novo-Mundo e genuflexos a qualquer excrescência francesa.

Lembremo-nos perfeitamente de nosso esforço titânico, indescritível, para conseguirmos, de 1912 a 1930, que os intelectuais brasileiros ao menos lessem as páginas americanistas de *Ariel!*²¹⁰

O fato de *Ariel* ter tido, no Brasil, uma repercussão limitada estava fundamentalmente relacionado, para ele, com a herança da monarquia portuguesa, que insulou o país, na América, com atos “imperialistas”.

Pagávamos tributo à educação lusa que nos viera nos dias do colôniato, à política da monarquia do incivil Pedro I e do gélido Pedro II.²¹¹

Podemos perceber que Silvio Julio faz uma leitura militante da obra, que beirou o panfletarismo, enfocando elementos-chaves, como a “vulgarização da cultura”, o “utilitarismo estreito”, o “individualismo medíocre” e “os riscos de uma democracia que afogue toda a noção de qualidade”. O autor suplica “a Deus que introduza no Brasil”²¹² a visão de Rodó sobre alguns desses temas.

²⁰⁸ JULIO, Silvio. *Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*, p. 60.

²⁰⁹ MITRE, Antonio. Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despontar da modernidade em *Ariel* de Rodó. In: *O dilema do Centauro: ensaio de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

²¹⁰ JULIO, Silvio. *Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*, p.9.

²¹¹ Idem, *Ibidem*, p.15.

²¹² Idem, *Ibidem*, p.17.

Sabemos que o modernismo hispano-americano tendia a desqualificar, algumas vezes, a Espanha em prol da França. Silvio Julio chama a atenção para a obra de Rodó, que apresentava tanto o valor da cultura espanhola quanto da francesa.

É evidente que o republicanismo democrático da América vinha estranhando o conservadorismo monárquico da Espanha, nos vinte ou trinta anos finais do século XIX. A divergência política acrescentava as lembranças tristes da guerra emancipadora. Às ilusões liberais da intelectualidade das nações do Novo Mundo, opunha-se o peso da educação religiosa e do interesse nem sempre asseado da aristocracia peninsular. Juntava-se a tais contradições a propaganda dos franceses contra os costumes e hábitos de andaluzes, galegos, estremenhos, catalães etc, que a sátira luteciana caricaturava com impiedade.²¹³

A Espanha representava a “ferocidade clerical, atraso, barbárie, medievalismo” e a França a “dignidade humana, o gênio universal, a justiça, a ciência, a beleza, toda a nobre verdade que aspirava o espírito emancipado superior”²¹⁴. No entanto, para o autor, Rodó soube atribuir à Espanha o valor cultural merecido, independente da situação política e econômica em que se encontrava o país:

A Espanha dessa época derruba a hipótese dos materialistas, que atribuem às riquezas de uma sociedade o seu poderio cultural. Em havendo dinheiro, conforme dizem, a arte e a ciência crescem? Pensemos que nem sempre o corolário da fartura é o gênio. Não confundamos mérito efetivo com capacidade de propaganda. (...). Anarquizada financeiramente, mal armada, dividida pelas ambições de políticos, a Espanha descia em tudo na segunda metade do XIX, menos nas manifestações de sua intelectualidade. Muitos não o perceberam, por curta visão. José Enrique Rodó viu bem a diferença entre a mediocridade dos estadistas e o talento dos literatos, pintores, músicos, geógrafos, juristas, antropólogos, historiadores....²¹⁵

A perspectiva conciliadora e tolerante que o autor confere à obra de Rodó, meio século depois, revela para o leitor a sua “missão apaziguadora”, muito útil frente aos exemplos totalitários, vivenciados na Europa na primeira metade do século XX.

Atravessa a humanidade, com os fascistas de Mussolini, os nazistas de Hitler e os comunistas de Stálin, uma envenenada idade-média, cheia de frenético extremismo. Não há condescendência, tolerância, compreensão total dos fatos. Cada máquina tenta destruir o trabalho das outras. A obediência aos chefes de seitas é absoluta.²¹⁶

²¹³ Idem, *Ibidem*, p.29.

²¹⁴ Idem, *Ibidem*, p.30.

²¹⁵ Idem, *Ibidem*, p.35.

²¹⁶ Idem, *Ibidem*, p.87.

A tradição ibérica foi revalorizada, por Silvio Julio, na apresentação da obra de Rodó, servindo aos brasileiros como exemplo. Se o Brasil fosse desenvolvido culturalmente e economicamente, admiraríamos, segundo o autor, essa obra, que se tornou um símbolo do humanismo hispano-americano e da resistência contra a influência materialista norte-americana.

No período em que Rodó escreveu sua obra, o imperialismo norte-americano se afirmava impondo seus interesses sobre os países latino-americanos. Na tentativa de pontuar as diferenças entre a América Latina e os Estados Unidos, o autor uruguaio enfatizou que a “contemplação sincera do belo”, herdada das tradições greco-latinas e católicas, compõe as identidades latino-americanas, em contraponto à “concepção utilitária” norte-americana, orientada pela “finalidade imediata do interesse”.²¹⁷ Segundo Silvio Julio:

Os Estados Unidos, entretanto, pouco deu à alma, à parte espiritual da humanidade. Um furor mecânico de seres sem tino, um materialismo que tudo reduz às pressas e às comodidades do corpo, uma desatenção aos problemas abstratos, porém finais da vida, estes e cem erros os carregam a reprováveis e desastrosos pontos de vista, cujas conseqüências se aproximam.²¹⁸

Para o autor, os “capciosos que adulam os ianques” poderiam comprometer a aproximação com a América Hispânica e o desenvolvimento da nação brasileira, uma vez que o Brasil era um país “passivo” quanto às influências culturais francesa e norte-americana.

Esta posição sempre passiva dificultou-nos a consecução de qualquer critério nacional em arte literária.²¹⁹

O caminho encontrado pelo autor para evitar que o Brasil sofresse uma influência agressiva dos EUA foi aproximar o país da cultura hispano-americana, uma vez que tanto

²¹⁷ RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Unicamp, 1991, p.48.

²¹⁸ JULIO, Silvio, *José Enrique Rodó e o cinqüentenário do seu livro “Ariel”*. p.62.

²¹⁹ Idem, *Ibidem*, p.64.

o Brasil como a América Hispânica compartilhavam das mesmas tradições culturais ibero-americanas. Para tanto, afirmava: *Não sejamos medrosos e hipócritas.*²²⁰

Silvio Julio ressaltou que Rodó, apesar de não amar a cultura norte-americana admirava certos aspectos da sua constituição, reconhecendo nela alguns valores como, por exemplo, a dedicação ao trabalho.

Nada, nada do que se acha em *Ariel* de José Enrique Rodó diminui um milímetro do porte da tremenda república ianque. Ao contrário, indigitando-lhe quase timidamente os defeitos, o autor uruguaio lhe acentua as qualidades e os títulos honrosos. Se quisesse, mencionaria trezentos a quatrocentos casos de intolerância religiosa, outros tantos de furtos praticados por personagens oficiais, mil e habitualíssimos de venalidade na justiça, milhões de perversidades contra os nativos que desapareceram à bala, escândalos, perseguições, misérias, muito maiores e mais numerosas do que as encontráveis na evolução do Brasil e América Espanhola. Não o quis. Quis dar a seu livro um caráter sintético e doutrinário, longe do panfleto²²¹.

Dentre os temas abordados por Rodó que foram valorizados por Silvio Julio encontra-se o papel da democracia na América Latina, vista como essencial para o desenvolvimento cultural. Para Rodó o regime democrático deveria permitir a todos o acesso ao saber e, a partir dessa igualdade inicial, possibilitaria e incentivaria a revelação dos “gênios” e dos “altos espíritos”.

Para enfrentar o problema [da viabilização da democracia na América Latina], é preciso começar a reconhecer que, quando a democracia não enaltece seu espírito pela influência de uma forte preocupação ideal que compartilhe seu império com a preocupação pelos interesses materiais, ela conduz fatalmente ao convívio da mediocridade e, mais do que qualquer outro regime carece de barreiras eficientes que assegurem a inviolabilidade da alta cultura dentro de um ambiente adequado.²²²

Para o autor uruguaio, a educação que não se compromete com ideais desinteressados, e sim com o utilitarismo e o pragmatismo -, como no caso dos EUA, - acaba elegendo a mediocridade no meio social.

Escolas, jardins, associações de instrução, bibliotecas, arquivos, museus, tudo o dinheiro pode espalhar num país de industriais e negociastas. O que o dinheiro não lhe dará nunca é alma, é gosto, é vocação física para a arte, para a literatura, para as ciências.²²³

²²⁰ Idem, *Ibidem*, p.64.

²²¹ Idem, *ibidem*, p.73.

²²² RODÓ, José Enrique. *Ibidem*, p. 52.

²²³ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, p.224.

Segundo Rodó, o exemplo da mediocridade no convívio social e da deturpação democrática estaria, dessa forma, nos Estados Unidos, quando sanciona o predomínio do número, quando impede a seleção espiritual, quando afirma uma igualdade absoluta que na verdade não passa de sofisma.²²⁴

A democracia deveria preservar um elemento aristocrático que permitisse a distinção das “qualidades realmente superiores – as da virtude, do caráter, do espírito” e impedisse que predominasse “o privilégio execrável da casta”.²²⁵

A importância que Silvio Julio atribui à “alta cultura” evidencia uma preocupação com a formação e manutenção de uma aristocracia intelectual, que contribuiria para conduzir a sociedade não a partir de privilégios e favores, e sim a partir de esforços e méritos. Essa visão acompanhou a trajetória do autor. Podemos notar, como exemplo, o destaque que concede, em seus livros, à demonstração de que ele era “Professor Catedrático por Concurso de Títulos e de Provas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Catedrático Honorário da Universidade Nacional de São Marcos de Lima, e da Universidade Central de Quito, Equador”.²²⁶ Assim, a valorização pelo autor da conquista do espaço acadêmico por concurso público e da importância do intelectual na sociedade não deixam de ser elementos ilustrativos da forma como ele valoriza a distinção social.

Silvio Julio endossa as principais idéias de Rodó. Nessa direção, o estudo de *Ariel* é compreendido como uma maneira construtiva dos latino-americanos se descobrirem como tais.

²²⁴ RODÓ, José Enrique. *Op.cit*, p.78.

²²⁵ Idem, *ibidem*, p.88,89.

²²⁶ Ver: Imagens em anexo: Figura 3.

De que lhe serviria escrever páginas de segunda e terceira mão sobre temas europeus já consumidos, marteladíssimos, revirados mil vezes, quando a seu alcance se multiplicam questões e obras americanas que não foram esclarecidas?”²²⁷

Vale considerar que, segundo Mitre, “a matriz organizadora do discurso de *Ariel* e que confere um sentido particular a obra (...) é o conflito entre tradição e mudança”. Mitre afirma, entretanto, que essa temática – que está em Rodó – não é uma simples imitação do pensamento europeu em voga, mas, na verdade, “aflora das próprias circunstâncias que vivem os países da região do Prata no último quarto do século XIX.”²²⁸

A chegada em massa de estrangeiros em solo uruguaio e argentino na virada do século é fundamental para compreendermos as razões que levaram Rodó a defender, com tamanho ardor, a causa da tradição contra o “predomínio do novo” e a criticar, com a mesma veemência, a supremacia do número sobre a qualidade.

Portanto, na interpretação de Mitre, a influência inegável de uma certa tradição conservadora e aristocrática européia – Renán, Nietzsche – sobre o pensamento de Rodó deve-se muito mais à concreta situação histórica de alguns países da América Latina - onde uma verdadeira “sociedade de massas” começa a se formar - do que a uma suposta imitação servil das idéias que estavam em moda na Europa de fim de século.

Silvio Julio desconsidera o contexto histórico da produção da obra. Entretanto, o autor afirma que a obra de Rodó seria reconhecida com o passar do tempo pelos brasileiros, pois no Brasil, havia valores eternos que não estavam relacionados aos modismos de um tempo.

No século XIX um bando de pessimistas, eletrizado pelas aparências, decretou a deslatinização do mundo e a supremacia anglo-germânica. Nós sabemos hoje o que eram os Kultur, o arianismo e o império britânico: três vaidades mortas. As teorias raciais, a capacidade criadora dos alemães e a esquadra de Jorge III não assombram ninguém. Tais fantasias passaram de moda.²²⁹

²²⁷ JULIO, Silvio, *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*, p. 47.

²²⁸ MITRE, Antonio. *Op. cit.*, p.104.

²²⁹ JULIO, Silvio. *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*. p.79.

Nessa direção, a filosofia humanista está relacionada a uma identidade latina e ibero-americana, mas é importante considerarmos que essa abordagem que Silvio Julio privilegia é, de certa forma, problemática, uma vez que negligencia os índios e os negros como componentes significativos da América Latina. A defesa de uma tradição greco-romana e católica está conectada a um discurso anti-estadunidense, que impossibilita um olhar mais atento sobre o sincretismo e o hibridismo social.

* * * *

As obras e as trajetórias de Bolívar, José Martí e Rodó tornaram-se matrizes do debate intelectual latino-americano. Silvio Julio, ao compreender Bolívar como herói, José Martí como uma figura exemplar e Rodó como um intelectual portador de uma doutrina a ser seguida demonstrou uma profunda admiração por suas vidas e obras, além de evidenciar muito dos próprios silêncios temáticos.

Silvio Julio silenciou sobre a questão indígena. Uma hipótese para isso seria o fato de que o indigenismo conseguiu questionar, em boa medida, as concepções hispanistas e gerar uma autoconsciência nacional identificada com o mundo indígena ou com suas derivações mestiças²³⁰. Outro ponto significativo silenciado pelo autor é o fato de que muitos intelectuais hispano-americanos ao se referirem ao americanismo ou ao latino-americanismo, não incluíam o Brasil. Mónica Quijada, em seu texto *Sobre el origen y difusión del nombre “América Latina”*, afirma que:

De hecho, la primera propuesta de unidad latinoamericana que incorporo una discusión sistemática sobre la inclusión de Brasil fue la expuesta por Manuel Ugarte a comienzos del siglo XX, a partir de la idea ya mencionada de la “Nación Latinoamericana”.²³¹

²³⁰ Ver: CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa – literatura e cultura latino-americana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

²³¹ QUIJADA, Mónica. *Sobre el origen y difusión del nombre “América Latina”*, p.611.

O trabalho de Silvio Julio representa um esforço de elaboração de uma proposta para os brasileiros se integrarem a uma identidade mais ampla, latino-americana, que, para ele, era, fundamentalmente, ibero-americana. Para tanto, utilizou como ferramenta a educação.

Segundo o autor, a hiper-valorização do materialismo ao longo do século XX, em contraponto ao espiritualismo comprometeu, em grande medida, a compreensão do idealismo de importantes figuras da história latino-americana

Vivimos em un tiempo opaco, comercial, estúpido, cuyo signo es la cifra del banco, Marx sobre el sublime Crucificado: es nuestra época de materialismo y covardia. Como vamos a sentir la heroicidad divina del martírio? Como vamos a entender o sacrificio supremo del enorme Bolívar, del talentoso y liberal Santander, del sereno y abnegado Sucre, del extraordinário Ricaurte, del terrible y telúrico Paez, del arrogante Córdoba? Vamos a hablar de coraje a un vendedor de cebollas!²³²

No duplo movimento de protesto contra o imperialismo norte-americano e afirmação identitária latino-americana foram sendo constituídas algumas das mais significativas narrativas que procuraram definir o “espaço cultural latino-americano”, sendo Silvio Julio um divulgador expressivo dessas narrativas.

²³² JULIO, Silvio. *Toda a América*, p.207.

Capítulo 4

Silvio Julio: um intelectual deslocado

Los intelectuales americanos [bolivarianos] están en la “isla de la abnegación”, incomprendidos por sus compatriotas. Su venganza debe ser su propia superioridad personal. Como colectividad valemos poco: conviene, pues, que el intelectual valga como individualidad.

Silvio Julio, *Toda a América*, 1939.

Silvio Julio manteve contatos, ao longo de sua trajetória, com personalidades importantes do meio intelectual latino-americano, como Alceu de Amoroso Lima, Carlos Maúl, Cecília Meireles, Fernando Ortiz, Gabriela Mistral, Luis Alberto Sánchez, Luis da Câmara Cascudo, Pedro Calmon entre outros, o que revela uma sociabilidade significativa. No entanto, as suas posturas em relação às questões do seu tempo foram, em grande medida, movidas por um temperamento enérgico e contundente, que comprometeu a sua inserção em diversos debates e o reconhecimento pelo seu trabalho como intelectual latino-americanista, no Brasil. Veja a exemplo as observações da historiadora Eulália Lobo, que, sob a orientação de Silvio Julio, doutorou-se e lecionou História da América na Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Todo mundo ficava espantado como durante tantos anos ele não brigou comigo. Acabou brigando, mas antes trabalhamos juntos muito tempo. Ele brigava com todo mundo, era uma pessoa irascível, um temperamento difícilimo.²³³

O próprio autor reconhecia, em livro publicado em 1983, os problemas causados pelo seu forte temperamento:

Não adivinho se me assemelho à nuvem carregada de eletricidade, ou ao pára-raios que lhe envia a carga à terra. Sei que me prejudicou em toda a existência captar desgostos e acusá-los, ao mesmo passo que, após o esvaziamento dos dissabores, esquecer tudo. Violento fui por índole, impetuoso fui de natureza. Entretanto, rancoroso e vingativo, nunca.²³⁴

²³³ Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.9, 1992, p. 84-96.

²³⁴ JULIO, Silvio. *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-américa*, p.290.

Levando-se em consideração à percepção de Silvio Julio ao fim da vida, sobre sua trajetória, esta poderia ser compreendida como uma história de um fracasso intelectual, uma vez que não foi construída com o devido reconhecimento e não foi imbuída de significativa receptividade. Entretanto, optamos por considerar o seu percurso como o de um intelectual deslocado, que empenhou o seu senso crítico em questionar as tendências vigentes em sua época, como os projetos políticos e intelectuais associados ao nacionalismo ufanista e ao autoritarismo. É interessante observar, como exemplo, a visão do autor diante da história da América.

No estudo das questões americanas, ninguém deve manejar ufanismos xenófobos e hegemonias impossíveis. O espírito de imparcialidade e compreensão, o espírito de fraterna solidariedade e de jurídico equilíbrio cumpre que nunca se ausente de nossas idéias e acordos. Do contrário, repetiremos as tragédias, as discórdias, as guerras estúpidas que reduziram a Europa à penúria e ao constrangimento.²³⁵

Silvio Julio trabalhou a favor da aproximação intelectual dos países latino-americanos e da luta contra o nacionalismo exacerbado, publicando quase 40 livros, além de produzir artigos para revistas e jornais, lecionar em universidades como a UFRJ e a *Universidad de San Marcos*, e freqüentar diversas instituições acadêmicas na América Latina. Conseqüentemente, teve uma vida dedicada ao trabalho intelectual.

É válido salientar que a intelectualidade brasileira, apesar de representar diversas vertentes ideológicas foi solicitada, em muitos momentos, para trabalhar à serviço do governo. Silvio Julio observava, por exemplo, que no governo Vargas havia intelectuais dispostos a incorporar “todas as roupagens” para servir aos interesses de Getúlio Vargas, que, segundo ele, achava demagogicamente “que o mundo intelectual era seu”²³⁶. Para o autor, os intelectuais brasileiros que, muitas vezes, não se adaptaram a essa condição imposta pelo governo, estavam em uma posição diferenciada e deveriam falar a “verdade” ao poder, mesmo correndo o perigo de caírem no ostracismo.

²³⁵ Idem. *Ensaio sobre história dos povos americanos*. Rio de Janeiro: NEPEC, 1961, p.138.

A sua posição não deixa de ser discutível, pois o fato de diversos intelectuais terem trabalhado a serviço do governo não implica, necessariamente, que eles estavam compactuando, integralmente, com as posições político-ideológicas do mesmo.

Silvio Julio não era um intelectual retraído ou conformado, e sim inquieto com suas convicções acadêmicas e políticas. Ao escrever e lecionar pretendia induzir uma mudança na forma como os brasileiros compreendiam a América Hispânica. A sua postura era vivenciada como uma missão a ser cumprida.

Certos adamados e pelintras nos censuram o tom combativo de nossos livros, artigos, conferências e discursos. Acham eles que o melhor de uma propaganda está em não discutir. Aconselham que exponhamos apenas e nos consagremos à tradução. Querem, portanto, que reduzamos o trabalho intelectual à bio-bibliografia e ao pacifismo suspeitíssimo das versões. Esses macios e gelatinosos sujeitos ignoram a verdadeira situação nacional do problema. Ajuntam-no a seu modo. Incapazes de reações, covardes por natureza, despersonalizados, pretendem acorrentar o pensamento às regrinhas acadêmicas ou a ridículas hipocrisias da sociabilidade dos miméticos. Não suportam moluscos que voem águias.²³⁷

O “tom combativo”, ríspido, ofensivo e preconceituoso do seu discurso são elementos de uma luta para se fazer ouvir, por meio de uma propaganda polêmica. De acordo com Roberto Ventura, a linguagem da luta é parte do discurso da polêmica. Acreditava-se, principalmente no final do século XIX e início do XX, que esse estilo contribuiria para o processo de seleção e depuração das obras de escritores, lançadas ao público na luta pela existência.

A ciência evolucionista, com ênfase na luta entre espécies, justificava a violência de tais debates como necessária à propagação das novas idéias e ao aperfeiçoamento cultural e social.²³⁸

Entretanto, no Brasil, esse “estilo tropical”, ao longo do século XX, foi perdendo espaço com a construção e a especialização de um conhecimento acadêmico, o que fazia dessa linguagem agressiva, muitas vezes, um discurso autoritário e improdutivo. Silvio Julio não se limitou, no Brasil, a divulgar sobre a vida e a obra de intelectuais hispano-

²³⁶Considerações constantes das anotações pessoais de Silvio Julio. In: Arquivo pessoal de Francisco de Vasconcelos.

²³⁷ JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.6.

americanos, apenas a classificar e a descrever, pois rejeitava o “pacifismo suspeitíssimo das versões”, posicionando-se, muitas vezes, de modo apaixonado e impulsivo.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era, para o autor, um exemplo “suspeitíssimo” de conhecimento histórico, pois a insistência ufanista de seus membros em pensar a história a partir da nação tinha como conseqüência a exagerada glorificação do passado nacional, o reconhecimento intelectual fácil e cômodo, e o grave comprometimento na compreensão de outros países e culturas, uma vez que a exaltação do Brasil gerava, muitas vezes, um sentimento de superioridade. De acordo com Silvio Julio:

Os ufanismos ribombantes dos jingoístas querem insular-nos no universo, atribuindo à nossa gente qualidades incomparáveis, privilégios de valentia e talento, exclusividades hiper-divinas que nos alteiam a únicos sobre a terra. Não merece nada dessas toleimas um segundo de atenção.²³⁹

No período em que o autor começou a produzir seus trabalhos, a postura crítica sobre a nação não era tão recorrente. É interessante salientar que atualmente a crítica sobre o nacionalismo é aceita freqüentemente no meio intelectual, uma vez que as grandes ideologias desmoronaram e a história ampliou os seus objetos. Não obstante, segundo Prado, pensar a história a partir da nação é, ainda, uma forma preponderante para a compreensão desse saber.

A perspectiva de tomar as fronteiras da nação como os limites *naturais* estabelecidos para a pesquisa histórica é ainda a escolha majoritária. A força persuasiva do nacionalismo continua presente e fortemente estabelecida tanto no cenário da política como também no mundo universitário, onde a centralidade das disciplinas referidas à história nacional é prova cabal dessa visão hegemônica.²⁴⁰

O esforço de Silvio Julio em conhecer, estabelecer contatos e realizar intercâmbios para a consolidação da integração intelectual dos países latino-americanos foi recebido com certa resistência, devido ao fato de, não só no Brasil, mas também nos países hispano-

²³⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.80.

²³⁹ JULIO, Silvio. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*, p.136.

²⁴⁰ PRADO, Maria Ligia Coelho. “Repensando a história comparada da América Latina.” *Revista de História*. São Paulo: Ed. Humanitas, FFLCH – USP, 153, 2º Semestre de 2005, p.13.

americanos, nos anos 1930, 40 e 50, haver a ênfase em outros debates como o nacionalismo, o comunismo, o desenvolvimentismo. Vale mencionar que a influência da Revolução Cubana na América Latina, a partir dos anos de 1960, contribuiu, em grande medida, para a aproximação entre esses países. O autor, ao desprezar a esquerda latino-americana, desconsiderava, conseqüentemente, essas transformações.

Eulália Lobo realiza uma severa crítica à Silvio Julio pela sua visão militante e pouco sofisticada da História.

Meu orientador foi o Silvio Julio, mesmo porque não havia outra escolha. E foi uma loucura total. Qualquer assunto de que eu falasse, ele entrava pela preocupação fundamental dele, que era falar mal dos portugueses. Não era uma coisa elaborada, era passional. Ele defendia o mundo hispânico, Bolívar era o herói máximo! Era aquela história de heróis, de paradigmas, história exemplar. Mas Silvio Julio foi muito útil, porque tinha informações sobre fontes e ele próprio possuía muitas delas.²⁴¹

Como afirmou a autora, a história produzida por Silvio Julio era, em grande parte, uma história exemplar e heróica. Esse foi o caminho da narrativa encontrado, diversas vezes, pelo autor para chamar a atenção sobre significativas figuras hispano-americanas como, por exemplo, Bolívar, Rodó, José Martí, Manuel Ugarte e sobre sua crença no *Ibero-americanismo Bolivariano*. Para Silvio Julio, Bolívar foi o precursor desse ideário americanista:

Simón Bolívar, El Libertador, que foi este apóstolo supremo e imparizável campeão da solidariedade dos povos do Novo-Mundo, ponderando todas as razões essenciais, não só estabeleceu as leis que solidificam a doutrina, como determinou, pragmática e concretamente, os meios para executá-la. Ele não estacionou em fórmulas indecisas ou sonhos românticos de fraternidade sentimental, mas recomendou a assembléia permanente dos plenipotenciários, das repúblicas livres, que se constituíssem na América, cuja missão seria manter a paz, esclarecer dúvidas, incentivar aproximações, nunca ofender e violar o direito.

Eis a síntese dos seus princípios:

“Uma única deve ser a pátria dos americanos, já que em tudo tivemos uma perfeita unidade”²⁴².

²⁴¹ Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.9, 1992, p. 84-96.

A ênfase dada a Silvio Julio na divulgação da cultura hispano-americana no Brasil deve-se ao fato de que, segundo ele, o envolvimento dos brasileiros com a defesa da integração latino-americana foi extremamente precário. O grande pivô desse fato foi principalmente, para o autor, à herança portuguesa, que insulou os brasileiros na América. Em entrevista, no ano de 1938, ao jornal colombiano *La Razón*, o autor afirmou: “El Brasil debe muy poco a Portugal. Nuestro progreso es reciente”.²⁴³ Em um jornal venezuelano, *El Universal*, ele afirmou, na mesma época: “La tradición cultural del pueblo brasileño es menos antigua que la de los países hispano-americanos. (...) Los portugueses nunca se preocuparon con la instrucción pública de su opulenta colonia”.²⁴⁴

De acordo com o autor, a colonização portuguesa foi para o Brasil sinônimo de atraso não só econômico como cultural, pois nunca os colonizadores se preocuparam com “a instrução pública”. Diferentemente da colonização espanhola que fundou 23 universidades na América, apesar dessas serem regidas por um ensino religioso.

Não importa que na Universidade de São Marcos, em Lima, a teologia fosse o principal e ficasse acima do direito, da filosofia, da matemática, da medicina. A Europa inteira, durante as XVI.a e XVII.a centúrias, fazia o mesmo. Como iriam os hispano-americanos passar à frente de seus modelos e adivinhar o futuro? Não é ilógico exigir dos povos do Novo Mundo o ensino da física, da química, da mecânica, num tempo em que alemães, franceses, italianos, ingleses, espanhóis, belgas, holandeses, todos, todos davam mais importância à metafísica do que a Ciência. (...) Com erros ou sem erros, a verdade é que tais debates e esforços geravam progresso e inteligência, conhecimentos e emoções, espiritualidade e idealismo, não trevas e indiferença.²⁴⁵

Diante disso, cabe assinalar que a história do Brasil que Silvio Julio valorizava e divulgava para os intelectuais hispano-americanos era a história do Brasil republicano. No jornal colombiano, já mencionado, *La Razón*, o autor chamou a atenção para as características “essenciais” que compunham “a nação brasileira”.

²⁴² JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*, p.34.

²⁴³ Idem. El Brasil: Entrevista com el escritor brasileño Silvio Julio. In: *Toda a América*, p.247.

²⁴⁴ Idem, Conferencia sobre el Brasil: Caracas, “El Universal”, 1º de Octubre de 1938. In: *Venezuela*, p.141.

²⁴⁵ Idem, *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-américa*, p.25.

La violencia no estuvo jamás en el carácter del brasileño. Para que nuestro gobierno se mantenga es indispensable que sea cristiano, bueno, hábil, democrático, verdaderamente republicano.²⁴⁶

Podemos perceber que, para Silvio Julio, o cristianismo é um elemento tão fundamental para a coesão social e o progresso nacional quanto a república, a valorização da América Latina e o reconhecimento de Bolívar como uma figura heróica. De certa maneira, este aspecto religioso evidencia uma postura conservadora.

Em se tratando da figura de Bolívar, esta deveria ser, segundo Silvio Julio, considerada heróica pelos brasileiros não só por representar a luta pela integração das nações latino-americanas, mas, também, por ser uma referência exemplar à defesa dos ideais republicanos. Silvio Julio destacou em seus textos homens como Frei Caneca e Abreu e Lima, que lutaram pela república brasileira no período monárquico e souberam valorizar Bolívar.

Bolívar es el único americano completo, es el único cuya acción genial y humana se proyecta en la historia de la América Portuguesa.²⁴⁷

O fato de Silvio Julio considerar Bolívar como o herói mais importante de toda a América Latina revelava, sem dúvida, uma posição difícil de ser aceita pelo meio intelectual brasileiro, uma vez que o que se buscava era vangloriar figuras brasileiras. No entanto, segundo o autor, a resistência ao reconhecimento, no Brasil, da importância histórica de Bolívar ocorria, também, porque diversos intelectuais brasileiros olhavam para a história americana com um olhar europeu.

Para apreciá-lo [Bolívar] devida e honestamente, fujamos de preconceitos, compromissos e tradições filosóficas da orgulhosa Europa, que submete a realidade americana a seus caprichos e dogmas.

Carlos Marx espremeu e dilacerou Bolívar, em nome de seu materialismo histórico, sem saber coisa nenhuma do Novo Mundo.

Gustave Le Bon, ignorante das coisas do Brasil e da América Espanhola, também nos fadou à inferioridade racial, à anarquia eterna, ao jugo dos privilegiados.(...)

²⁴⁶ Idem, *Toda a América*, p.250.

²⁴⁷ Idem, *Venezuela*, p.143.

Livremo-nos de suas palavras e vivamos à nossa maneira. A verdade é que progredimos vertiginosamente e em anos realizamos o que eles conseguiram em séculos. Somos os aceleradores da História.²⁴⁸

O otimismo de Silvio Julio, nos anos 1960, quanto ao futuro da América e a constatação de que o Brasil possui um olhar “colonizado” demonstram uma permanência de suas interpretações sobre a América, observadas desde os anos 1920. Além da constante afirmação de que a América Latina possui uma identidade, fundamentalmente, ibérica. É importante explicitar que o autor reconhece as várias influências inglesas, francesas e holandesas presentes no território latino-americano, mas acredita que a colonização ibérica, anterior à chegada desses colonizadores, foi uma empreitada determinante.

Segundo Maria Helena Capelato, a revalorização da cultura ibérica na América Hispânica ocorreu, no final do século XIX, com o processo de independência cubana, que propiciou a aproximação de escritores espanhóis e hispano-americanos.

Em sua grande maioria, os intelectuais do final do XIX questionaram os valores de uma cultura expansiva – a anglo saxã – cuja impetuosa modernidade se impôs sobre a tradição humanista da cultura latina que esteve na base da cultura ibérica. A discussão que se travou em nome da cultura saxã *versus* cultura latina serviu para unir espanhóis e hispano-americanos.²⁴⁹

Podemos observar que o ibero-americanismo defendido por Silvio Julio foi construído, em grande medida, por pensadores dessa época, que afirmavam as identidades ibero-americanas em contraponto aos Estados Unidos.

A contraposição da “raça latino-americana” à “raça anglo-americana” propiciava um debate acalorado entre diversos intelectuais que, ou supervalorizavam os Estados Unidos, como muitos liberais, ou criticavam os mesmos, como era o caso de muitos intelectuais

²⁴⁸ Idem. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*, p.134.

²⁴⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: *História*. São Paulo: Editora Unesp, v. 22, número 2, 2003, p.38.

ibero-americanistas.²⁵⁰ É importante salientar que a raça era compreendida, muitas vezes, como parte integrante dos discursos culturais e identitários.

Silvio Julio, assim como José Martí, possuía uma perspectiva crítica com relação aos Estados Unidos, uma enorme admiração por Bolívar e visão ponderada sobre o discurso racial.

Qualquer discussão em torno da superioridade absoluta, permanente e invariável, perfeita de uma raça sobre as outras, é controvérsia metafísica sem base na verdade, porque o relativismo das coisas ainda aqui nos obriga a encarar o problema quanto ao espaço e quanto ao tempo. A tribo, que desgarrada do tronco de sua nação, pode levar consigo grandes idéias ou sentimentos rudes. As circunstâncias a forçarão a progredir, quando não arrastam à selvageria. Há ramos da espécie humana que, apesar de pertencerem a grupo bastante adiantado, vivem em plena barbárie moral.²⁵¹

Notamos que as diferenças culturais e raciais são relativizadas no discurso de Silvio Julio. Desse modo, a resistência ao predomínio das tradições culturais francesa e norte-americana, ao longo dos seus trabalhos, não evidenciava uma postura xenófoba, mas uma posição militante em prol da valorização das identidades ibero-americanas, na América.

Silvio Julio acreditava, obcecadamente, que o desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos seria alcançado se estivesse baseado “no mútuo conhecimento das coisas, fatos, circunstâncias, origens e aspectos da vida local e total dos povos do Novo Mundo, não só em relação à atualidade, como em relação ao seu passado”²⁵². Ou seja, o desenvolvimento na América Latina seria conquistado com a educação. Muitas reflexões de Silvio Julio sobre a América Latina possuem claras semelhanças com o americanismo de José Martí. Como exemplo, optamos por esta passagem de *Nossa América*.

²⁵⁰ Ver: QUIJALA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre “América Latina” (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). In: *Revista de Índias*, 1998, vol. LVIII, num, 214.

²⁵¹ JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*, p.78. Podemos perceber que Silvio Julio foi bastante influenciado pelas concepções de José Martí. Por exemplo, em relação a questão racial: “Não existem raças: existem diversas modificações do homem, em detalhes de hábitos e de formas que não lhes mudam o idêntico e o essencial, de acordo com as condições de clima e de história em que viva.” MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia*. p. 245.

²⁵² VASCONCELOS, Francisco. “Arquivo Pessoal”, Juiz de Fora, 2005.

Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade européia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos Incas pra cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível a Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas.²⁵³

Em entrevista ao jornal colombiano *El Espectador*, do dia 23 de julho de 1938, o autor endossou essa perspectiva americanista de José Martí sobre a necessidade de autonomia intelectual e revelou-se um profundo “creyente en el futuro de América”.

La cosa que más nos molesta en América no es, naturalmente, el culto y el respecto por los genios europeos, es la humilde y reprochable sumisión intelectual de nuestros hombres a ciertos maestrillos de exportación que valen muy poco, pero que se cree, solo por ser de Europa, que tienen inmenso valor y son superiores a nosotros. (...) América, agrega, sufre el mal de los monos: la imitación servil, el “macaquismo”, la servidumbre intelectual. Son pocos los que combaten esta enfermedad. La mayoría se contenta con copiar modalidades morbosas de la caduca Europa. Cierto es que somos la continuación de Europa, mas no la misma Europa. El hijo depende hasta cierto punto del padre, pero no es el padre sin nada más. Nuestro orgulho deve de estar, sobre todo, en ser una fuerza nueva, derivada de la cultura europea, no en ser agentes vulgares y esclavizados de los gustos y pretensiones de muchos europeos a veces mediócras.²⁵⁴

A luta pela autonomia intelectual e política da América Latina, sem desconsiderar o valor positivo da influência européia na mesma, foi uma bandeira levantada por diversos intelectuais latino-americanos. Em relação à influência norte-americana a reação de resistência foi significativa, uma vez que para muitos intelectuais a “cultura norte-americana” era o avesso dos interesses latino-americanos.

O pan-americanismo é obra de diplomatas, de brindes e de banquetes. O ibero-americanismo, ao contrário, promana do coração das multidões, do sangue das populações ibéricas da América, da própria estrutura mental, etnográfica e sociológica do Novo-Mundo.²⁵⁵

Percebemos que a influência norte-americana é compreendida como “artificial”. Entretanto, em um outro momento, Silvio Julio chamou a atenção para a confusão, gerada

²⁵³ MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p.197.

²⁵⁴ JULIO, Silvio. *Toda a América*, p.206.

²⁵⁵ Idem, *Cérebro e coração de Bolívar*. p.307.

pela falta de informação, feita em relação ao discurso norte-americano e aos ideais bolivarianos.

Confundi-se no Brasil, durante muito tempo, o ideal de Bolívar, nascido em 1815 e firmado em 1811, 1822, 1824 e 1826, com a abjeção augusta do monroísmo, flor peçonhenta do imperialismo ianque. Dava-se à plutocracia norte-americana a coroa de louros do excelso Libertador.²⁵⁶

O autor advertiu que a dificuldade de integração entre o Brasil e os países latino-americanos ocorria, ainda, devido a uma postura política que ressaltava a hegemonia e as superioridades brasileiras, na América Latina. De acordo com Silvio Julio:

Ademais, a contraditar-se e a fechar a única via de acesso ao êxito, procura-se, com a barulheira da propaganda interna, não concorrer para o revigoramento do bolivarianismo, mas enganar o povo brasileiro, convencendo-o de que ele é hegemônico entre os da América, contra a igualdade jurídica que é fulcro de qualquer entendimento internacional.²⁵⁷

Nessa direção, o autor brasileiro defendia que o fato do Brasil possuir dimensões continentais não justificava uma postura de superioridade. Além disso, observava que, em sua época, os políticos escolhidos para a tarefa de aproximação eram extremamente despreparados.

Em nossa vida de escritor e catedrático mil vezes nos deparamos solenes e semimudos pedantões que o governo do Brasil escolheu, mediante protecionismo partidário, para representá-lo nos congressos inter-americanos de economia, ensino, direito etc. Tipos escapados às páginas da novelística de um Eça de Queiroz, irmãos de Pacheco e de Acácio!

Creemos suficiente o que já insinuamos contra a chatice desses protegidos das situações políticas que assolam as repúblicas ibero-americanas. Interessa-nos, de acordo com Efraín Obregoso Rodriguez, insistir apenas na urgência de corrigir tais erros e não aceitar, entre os guias do integracionismo continental, quem desconheça Geografia do Novo Mundo.²⁵⁸

Silvio Julio considerava a América Espanhola “irmã-gêmea do Brasil”²⁵⁹ e enfrentava a desconfiança de intelectuais que afirmavam que ele mesmo tinha inventado “o valor dos hispano-americanos”²⁶⁰.

²⁵⁶ Idem, *Ensaio sobre a história dos povos americanos*, p.137.

²⁵⁷ Idem, *ibidem*, p.138.

²⁵⁸ Idem, *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-américa*, p.281.

²⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.136.

²⁶⁰ Idem, *Escritores antilhanos*, p.7.

Não aceitam aqueles exclusivistas que lhes demonstremos o mérito de Carlos Reyes, de Mariano Azuela, de José Eustásio Rivera, de Rómulo Gallegos, visto que – segundo propalam – estes vultos extraordinários só tomam proporções respeitáveis no espírito exageradamente tropical de Silvio Julio.²⁶¹

A principal forma de combate às críticas recebidas por Silvio Julio foi construída através de uma profunda convicção de que o mútuo conhecimento melhoraria as relações entre os países latino-americanos, o que explica sua insistência em apresentar, de maneira “completamente passional e panfletária”²⁶², pensadores hispano-americanos para brasileiros e pensadores brasileiros para hispano-americanos. Perguntado, no jornal *El Tiempo* da Colômbia, sobre a divulgação da literatura brasileira em outros países da América Hispânica, Silvio Julio respondeu:

En cuanto a propaganda de nuestra cultura en Hispanoamérica y a la de Hispanoamérica en el Brasil, yo creo que es un problema elevado, urgente, algo difícil, si no se quiere reconocer que en su estado actual tiene que ser resuelto por los gobiernos. No es posible que lo resuelva el escritor solo. Es necesario que la divulgación se haga crítico y continuada, tesoneramente. El acaso no debe presidir a este movimiento de paz, amor y justicia. No adelanta lo superficial y lo improvisado. Lo que queda es la obra bien dirigida, nunca hecha indisciplinadamente. En la cuestión del mutuo conocimiento de los pueblos ibero-americanos los esfuerzos conjugados y serios son los únicos que valen. Los gobiernos no niegan dinero a los futbolistas ni a los deportes en general. Está muy bien. Conviene que no se olviden de que una disputa no trae nunca resultados louvables a la paz del continente. Lo que sería mejor era que todos los años hubiera premios para libros de escritores de un país americano. Supongamos que el Brasil diera 3.000 colombianos a un escritor de Hispano-América que presentara el mejor libro sobre un asunto nuestro. Esto queda, no pasa²⁶³.

A “tenacíssima campanha hispano-americanista” que se propôs a realizar, com afínco, no início de sua carreira, permeou, mais de 60 anos, de toda a sua trajetória intelectual através de uma linguagem agressiva e missionária. Era uma tentativa apaixonada por criar polêmicas, iniciar debates, ampliar discussões sobre a América

²⁶¹ Idem, *ibidem*, p.6.

²⁶² Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.9, 1992, p. 84-96.

²⁶³ JULIO, Silvio. *Toda a América*, p.223.

Latina, quebrar paradigmas. Enfim, como já mencionamos, era uma forma de atuação intelectual.

Edward Said, em seu livro *Representações do intelectual*, valoriza os papéis do intelectual na sociedade contemporânea como um *outsider*, um independente, um perturbador das questões sociais vigentes.

De acordo com a definição de Benda, os verdadeiros intelectuais devem correr o risco de ser queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos. Por isso, não podem ser numerosos, nem desenvolver-se de modo rotineiro. Tem de ser indivíduos completos, dotados de personalidade poderosa e, sobretudo, tem de estar num estado de quase permanente oposição ao *status quo*.²⁶⁴

Nessa direção, a atitude política de resistência ativa aos regimes autoritários fez de Silvio Julio, diversas vezes, um intelectual de oposição. Por exemplo, quando se refugiou em Minas Gerais, ao entrar em atrito com o governo de Epitácio Pessoa, em 1922; quando foi preso no Estado Novo, em 1943; e, ainda, por ocasião de sua expulsão do Peru pelo regime militar Juan Velasco Alvarado, em 1973. Somado a isso, o autor esteve coerente e firme em sua posição como intelectual ibero-americanista, no Brasil.

No que concerne à minha pessoa, devo, bem alto gritar que labuto com fé, porém fora das igrejazinhas de cavadores e cabotinos, pela causa da aproximação das nações que usam o português e o castelhano.²⁶⁵

Segundo Eulália Lobo, o autor “possuía uma erudição enorme, uma biblioteca fantástica”, o que o munuiu na luta para tentar reviver histórias esquecidas ou abandonadas pela intelectualidade brasileira, pois os seus textos demonstram um vasto conhecimento sobre diversos aspectos culturais da América Latina. Quanto à sua linguagem, não se importava em embaraço ou constrangimento, uma vez que empenhava o seu senso crítico em contestar determinadas visões da historiografia brasileira. Nesse sentido, podemos

²⁶⁴ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.22.

²⁶⁵ JULIO, Silvio. *Apostolicamente*, p.14.

observar a sua reação parcial e emocional sobre as diferenças entre o Brasil e a América Hispânica:

Chegou-se a sustentar no Brasil, estaparfúdia, a premissa que aparentemente servia de ponto de partida ao ufanismo hiperbólico dos lusófilos e monarquistas: *Quem fala não se entende com quién habla*.

Diz-se que tão pernicioso e bestial toleima, que a prática de uma diplomacia republicana vai, agora, começando a atenuar, foi como cogumelo peçonhento no cérebro de certo partidário do decaído regime bragantino.²⁶⁶

Em um outro momento reagia às comparações feitas por alguns intelectuais entre Bolívar, Washington e Pedro I:

A inveja, que a patriotice lança pelos poros, não conseguiu descer Bolívar ao nível de Washington, nem rebaixá-lo à inferioridade de Pedro I. Insuspeitos e severos críticos, que aprofundam conhecimento de maneira louvável, chegaram a essa conclusão.²⁶⁷

Notamos, uma vez mais, que, para o autor, os heróis norte-americanos e a monarquia bragantina não eram comparáveis ao idealismo de Bolívar. O mito de Bolívar como o herói das nações latino-americanas foi apropriado por Silvio Julio e por ele difundido através de uma linguagem que foi, muitas vezes, contraproducente na inserção dos temas hispano-americanos no debate intelectual brasileiro, pois evidenciava um temperamento autoritário, impositivo e que desagradava.

A sua convicção obsessiva de que o conhecimento levaria à admiração dos brasileiros pelo mundo hispano-americano, não teria sido um exagero? Ou uma armadilha na crença no Iluminismo, que aposta que o conhecimento transforma o mundo? Se pensarmos de acordo com Todorov²⁶⁸, quando este se propõe a refletir sobre a relação entre identidade e alteridade, compreendemos que conhecer uma cultura, muitas vezes, não implica necessariamente admirá-la ou amá-la.

Silvio Julio era um homem com uma crença profunda no conhecimento como agente transformador da sociedade, ou seja, para propiciar a aproximação das nações

²⁶⁶ Idem, *Achêgas peruanas à literatura de Ibero-américa*.p.277.

²⁶⁷ VASCONCELOS, Francisco de. "Arquivo Pessoal", Juiz de Fora, 2005.

²⁶⁸ TODOROV, Tzevetan. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

hispano-americanas com o Brasil bastava conhecer os valores positivos dessas culturas. De certa forma, esse método é correto, porém o autor situava a si mesmo como um dos únicos dispostos a enfrentar um imaginário histórico predominantemente negativo. Talvez, sim, estivesse sozinho em sua interpretação celebrativa dos heróis e dos intelectuais hispano-americanos, no Brasil, sendo que o conhecimento que essa interpretação propiciava não foi, de forma alguma, suficiente para o Brasil apreciar a América Hispânica.

O Brasil conhecia os países hispano-americanos. Porém, as visões brasileiras construídas sobre esses países eram, em grande parte, retratos em preto e branco que não se percebiam as matizes, as complexidades, as riquezas, enfim, o colorido desses países. O preconceito contribuiu com essa tonalidade e fez do conhecimento sobre a “outra” América, muitas vezes, a confirmação da “superioridade brasileira”. Como afirma Todorov, “viver a diferença na igualdade: é mais fácil dizer do que fazer.”²⁶⁹

A linguagem agressiva, o temperamento inflamado, as posições ideológicas, a leitura panfletária e apaixonada de Silvio Julio sobre a América Latina revelam problemas significativos para o reconhecimento da prática historiográfica de qualquer pesquisador.

De acordo com Eulália Lobo:

... o professor Silvio Julio, com quem trabalhei, era uma pessoa subjetiva, panfletária, não tendo espírito científico, apesar de ser um erudito. Era um conhecedor e um pioneiro, no estudo da América Latina, especialidade pouco valorizada nessa época.²⁷⁰

Nos textos publicados por Silvio Julio são perceptíveis as características do ensaísmo do século XIX, bastante presentes na obra de pesquisadores que estavam constituindo um conhecimento acadêmico. Em grande parte da sua produção não há um rigor metodológico, nem definições claras se o trabalho é de história, literatura, lingüística ou

²⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p.363.

²⁷⁰ FÁVERO, Maria de Lourdes de. (coord.) “Eulália Maria Lahmeyr Lobo”. In: *5 depoimentos*. Rio de Janeiro: UFRJ, p.199.

folclore²⁷¹. O trabalho do autor propunha, em grande medida, repassar trajetórias e insinuar caminhos, revelando pistas da sua geografia pessoal.

A consequência das características intelectuais e pessoais de Silvio Julio foi o silêncio com relação ao autor e ao seu trabalho, que, apesar de não ser uma visão inovadora sobre a América Latina, representa uma postura acadêmica diferenciada, ao defender o mútuo conhecimento dos países latino-americanos, a partir do Brasil. O autor afirmava em suas anotações pessoais:

Creio firmemente que o Brasil poderá, iberoamericanizando-se com habilidade leal e irrestrita, superar o insulamento que nos herdaram as desconfianças dos dias coloniais e a falta de compreensão dos estadistas do Império. Não existe base para que insistamos no disparate de desprezar povos ilustres e opulentos, que se desenvolvem seguros do seu porvir, como o México, a Colômbia, a Venezuela, o Peru, o Chile, a Argentina etc. Deixemo-nos de bolhas de sabão e formemos com eles uma confederação de interesses e metas diante do resto da humanidade, não disposta a hostilizar, disposta à concórdia e ao bem estar geral dos que vivem neste planeta. Isto desejou em 1815, 1818, 1819, 1821, 1826 o único gênio transcendente do Novo Mundo: Simón Bolívar, o Libertador.²⁷²

É certo que os países hispano-americanos não se desenvolviam “seguros do seu porvir”. O objetivo do autor era incentivar a união dos países latino-americanos, porém esse tipo de afirmação era considerado apelativo, panfletário e acrítico, tendo, conseqüentemente, o desprezo de muitos intelectuais brasileiros, que compartilhavam de um olhar eurocêntrico ou percebiam o tom tendencioso e militante do autor.

Em relação aos seus estudos sobre a História das Américas, Eulália Lobo apontou a ausência de metodologia, formação teórica e historiográfica:

...não tinha metodologia alguma. Também não tinha formação, como a maioria dos professores. E este era o grande problema do curso de história: havia uma atitude anti-metodológica.²⁷³

²⁷² Texto presente nas suas anotações pessoais. In: VASCONCELOS, Francisco de. “Arquivo Pessoal”, Juiz de Fora, 2005. Vale observar que essa visão idealizada de Bolívar está presente em muitos discursos políticos. Veja, por exemplo, a forma como a figura de Bolívar é, atualmente, apropriada pelo governo de Hugo Chávez.

²⁷³ Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.9, 1992, p. 84-96.

A historiadora tem razão quanto à falta de um rigor metodológico, porém é preciso mencionar que a especialização historiográfica, no Brasil, estava nos seus inícios. Segundo a autora, o que havia era uma tentativa de construção de um método de estudos.

O regime de doutorado era o seguinte: a pessoa escolhia um orientador, que era aprovado pelo departamento, e a partir daí seguia sua orientação quanto a leituras. Você tinha que manter um diário, registrando o que lia, o que pensava etc., e este diário era controlado pelo departamento no fim do ano.²⁷⁴

O próprio Silvio Julio rebatia as críticas daqueles que o acusavam de não possuir “metodologia alguma”.

Sujeitar a História dos Povos Americanos à rigidez de um sistema filosófico, é desajustá-la da verdade psico-sociológica e negar-lhe a essência, que está na mobilidade, na heterogeneidade, na mutabilidade de seus fatos. A questão do método, embora didática, não científica, equivale a uma tomada de contas, a um ajuste que permite melhor compreensão dos problemas do passado continental. Torná-lo rígido, é desnaturalizar e desumanizar a realidade comprovável, nunca absoluta, da História.²⁷⁵

Na defesa de uma lógica própria para a compreensão da história da América, Silvio Julio foi o precursor brasileiro, nos anos de 1940, na especialização acadêmica nessa área, em um período em que a Universidade do Brasil possuía 60%²⁷⁶ das disciplinas de História ministradas em francês.²⁷⁷

Vale destacar que o autor silenciava a respeito de significativos autores latino-americanos contemporâneos como Jorge Luís Borges (1900-1986), Alejo Carpentier (1904-1980), Octavio Paz (1914-1998), Gabriel García Márquez (1928-), Carlos Fuentes (1929-), Mário Vargas Llosa (1936-), entre outros, e insistia em apresentar, para o leitor

²⁷⁴ Idem, *Ibidem*.

²⁷⁵ JULIO, Silvio. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*, p.135. OBS: Podemos afirmar que essa citação revela, de certa forma, também, uma resposta à historiografia marxista.

²⁷⁶ “Nessa época, a FNF*i* tinha uma influência francesa muito grande, pelo menos no curso de História e Geografia. Vários professores eram franceses: Antoine Bon, de História Antiga, o professor Tapié, de História Moderna, o professor Ruellan, de Geografia do Brasil. Realmente, a tal ponto era essa influência que alguns exames eram feitos em francês. Isso ocorreu por volta de 1939, pois me formei na primeira turma, em 1942. Época de guerra! Alguns franceses que vieram em caráter transitório não voltaram e ficaram aqui durante toda a Segunda guerra mundial. (...) Pelo menos 60% das matérias eram dadas em francês.” FÁVERO, Maria de Lourdes A (org.). *Eulália Maria Lahmeyer Lobo*. In: 5 Depoimentos. Rio de Janeiro: Universidade Nacional de Filosofia, 1991, p.198.

²⁷⁷ José Luís Bendicho Beired contribui para a confirmação dessa situação no Brasil ao demonstrar, em seu texto - *A pesquisa de História da América: sua trajetória nas Universidades Paulistas (1942-2004)*; que o ensino de história da América, nas universidades paulistas, iniciou-se nos anos 1940 com uma forte influência francesa, induzida pelo prof.dr. Jean Gagé.

brasileiro, autores do século XIX e início do XX. Isso revela sua profunda simpatia às narrativas do romantismo e do modernismo hispano-americano e uma grande resistência em rever as suas posições em relação aos debates que estavam em voga, na América Latina.²⁷⁸

A busca incessante por chamar a atenção ao seu próprio trabalho deu ao autor um tom militante que, juntamente com seu temperamento, além de certas características, já apontadas, da sua produção intelectual, - contribuiu para o seu esquecimento, inclusive entre aqueles que se dedicam ao mesmo universo temático, a América Latina. Dessa forma, a trajetória de Silvio Julio nos possibilita observar que o reconhecimento intelectual está relacionado às escolhas dos pesquisadores, à linguagem e perspectiva teórica adotados, a uma sociabilidade respeitável e aos projetos editoriais em sintonia com as questões do momento.

Entre os precursores em estudos hispano-americanos, no Brasil, destacam-se Bella Josef e Eulália Lobo. Vale registrar que quem as orientou, durante muitos anos, foi Silvio Julio. Podemos notar que a maneira como Josef considera o olhar brasileiro sobre a América Hispânica é muito parecida com a de Silvio Julio e reveladora de uma preocupação permanente desses intelectuais, ao longo do século XX.

É lamentável que haja freqüentemente a tendência a fundamentar opiniões e juízos sobre a América Hispânica, sua vida e sua cultura baseados em notícias, estatísticas e informes técnicos. Pouco se sabe sobre o conhecimento de sua produção literária e pouco se sabe do espírito que anima os hispano-americanos e o significado humano dos problemas vivenciais.²⁷⁹

Além disso, o livro de Josef *História da literatura hispano-americana*²⁸⁰ é considerado uma referência no assunto, e não deixa de ser, também, uma continuação da

²⁷⁸ Silvio Julio publicou até o início dos anos 1980!

²⁷⁹ JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*, p.11.

²⁸⁰ Segundo Moacyr Scliar: “É impossível falar em literatura hispano-americana sem mencionar o nome de Bella Josef. E não por causa de suas credenciais de intelectual conhecida e respeitada no Brasil e fora dele. A relação de Bella Josef com a literatura hispano-americana não é mediada apenas por seu invejável currículo. É, antes de mais nada, uma relação que resulta de profundas afinidades eletivas, uma verdadeira relação de paixão. In: Idem, *Ibidem*.”

obra de Silvio Julio, na tentativa de divulgar a cultura hispano-americana. Entender as razões pelas quais o nome de Silvio Julio foi praticamente excluído, no Brasil, da história da historiografia latino-americanista foi um objetivos desse trabalho.

A conseqüência, para muitos intelectuais sem o esperado destaque, é um sentimento de frustração e melancolia, o que notamos no final da vida de Silvio Julio. Em carta, datada de 25 de outubro de 1974, seu consagrado amigo folclorista, o nordestino Luis da Câmara Cascudo²⁸¹ o consola pela falta de reconhecimento ao seu trabalho.

(...) Trabalho pela alegria de trabalhar e não pela alheia constatação do meu esforço. Nem penso na edição. Aparecendo editor, bem. Se não, guardo o original e saio para outra jornada deleituosa. Quanto ao entendimento. Quanto ao entendimento, Silvio Julio, jamais o espero, embora acredite em milagres. Fui professor cinquenta anos sem jamais sair da servidão jubilosa, como diria Antonio Sardinha. Fiel à vocação, nela encontrando as divinas compensações da constância quase amorosa à minha cátedra. Meus alunos foram governadores, senadores, generais, almirantes, deputados, diplomatas. Quase todos esqueceram de ser felizes... Pobre, sem dívidas e sem acompanhar andor de santo eleitoral, creio ter sido mais feliz do que eles, ouvindo-lhes as sublimações das confidências.²⁸²

Notamos uma crítica discreta e gentil de Câmara Cascudo ao seu amigo Silvio Julio, com relação à sua excessiva preocupação com o reconhecimento alheio. A frustração pela falta do reconhecimento esperado da sua obra demonstra uma profunda vaidade intelectual, que contribuiu, em parte, para o seu isolamento, apesar da erudição e do conhecimento que possuía sobre a produção intelectual latino-americana.

Silvio Julio afirmava, como já havíamos mencionado, que sentia-se, ao longo de sua trajetória, como um Dom Quixote, pois se dizia um homem de espírito rebelde, justiceiro, idealista, que procurava mudar o mundo para melhor. Apesar de, na prática, equivocar-se, decepcionar-se e debater-se com obstáculos sem saída, ao ser considerado pelo meio intelectual como uma figura de menor relevo. Pensarmos se conhecia “a verdade” ou ficava fantasiando como Dom Quixote não nos levaria a uma resposta

²⁸¹ Silvio Julio e Luis da Câmara Cascudo foram membros da Sociedade Brasileira de Folclore. Essa sociedade editou alguns dos trabalhos de Silvio Julio como o livro de 1953, - *Estudos gauchescos de literatura e folclore*.

²⁸² VASCONCELOS, Francisco de. *Câmara Cascudo do Potengi ao Piabanha: Natal – Petrópolis*. Petrópolis, s.e., p.172, 1989.

interessante, pois o que está em jogo não é “a verdade” de um tempo e, sim, as possibilidades dadas pelo mesmo. A sua trajetória particular lhe concedeu uma perspectiva diferenciada para a compreensão dos estudos latino-americanos, no Brasil, e os seus contornos a oportunidade de refletirmos em cima deles.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos resgatar a trajetória intelectual de Silvio Julio de Albuquerque Lima e compreender as razões do esquecimento desse precursor dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil. Verificamos que fatores indiretos, como foi o caso de seu forte temperamento, podem explicar, pelo menos em parte, a permanência ou não de um autor. Silvio Julio poderia ter sido reconhecido, no mínimo, pela sua importância como divulgador, conhecedor e orientador de importantes trabalhos de e sobre autores hispano-americanos e poderia ter tido um lugar na história intelectual brasileira, a despeito de sua fragilidade teórica - comum a muitos autores que iniciaram suas carreiras acadêmicas na primeira metade do século XX. Mas, seu temperamento irascível e vaidoso impossibilitou isso (“brigava com todo mundo”, como disse Eulália Lobo). Dessa maneira, como era possível ser reconhecido, levando-se em conta os problemas verificados em sua produção intelectual?

Some-se a isso, a sua postura militante em prol do mútuo conhecimento entre os países latino-americanos, no Brasil, era peculiar e, em alguns momentos, solitária, uma vez que grande parte da intelectualidade brasileira estava voltada aos estudos sobre o Brasil e susceptível às influências européias e norte-americanas. É certo que havia um esforço, principalmente a partir do governo Vargas, de aproximação entre os países latino-americanos, mas foram poucos os resultados significativos nessa direção.

As dificuldades relacionadas à integração entre os países latino-americanos sempre foram, ao longo da história, uma constância. Diversos motivos - econômicos, políticos, sociais e históricos - resultaram em atitudes mútuas de indiferença e preconceito. De acordo com García Canclini, nos imaginarmos como latino-americanos significa “interpretar la persistencia y los cambios de una historia conjunta que se niega”.

A defesa da integração dessa “historia conjunta que se niega” é uma permanência no discurso de diversos intelectuais latino-americanos, como Silvio Julio. Se, em outros momentos, a necessidade e a inviabilidade da integração latino-americana foram justificadas, paradoxalmente pelo imperialismo norte-americano, atualmente, a luta pela integração desses países ocorre justificada, em grande medida, pelo desconcertante processo de globalização. Como afirma García Canclini:

Averiguar en la historia las causas de estas frustraciones [latinoamericanas] parece un desafío clave en este tiempo en que la globalización y las integraciones regionales son imaginadas como requisitos de supervivencia.²⁸³

Dessa forma, as questões pensadas por Silvio Julio, apesar de sua personalidade contraditória, com traços liberais e autoritários, são carregadas de atualidade. É certo que a busca pela “essência” ou pela “identidade latino-americana” já perdeu seu espaço, porém, a tarefa política, intelectual e econômica de integração latino-americana está, ainda, em voga.

²⁸³ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002, p.34.

Fontes e Bibliografia:

1. Obras de Silvio Julio sobre as Américas (em ordem cronológica de publicação):

- JULIO, Silvio. *Estudos hispano-americanos*. Rio de Janeiro: Librería Espanhola, 1924.
- JULIO, Silvio. *Apostolicamente*. Rio de Janeiro: Casa de Cervantes, 1926.
- JULIO, Silvio. *Idéias e combates*. Rio de Janeiro: Revista de língua portuguesa, 1927.
- JULIO, Silvio. *História e localismo*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1928.
- JULIO, Silvio. *Cérebro e coração de Bolívar*. 3º edição. Salvador: Livraria Progresso, 1957, (1ª edição: 1931).
- JULIO, Silvio. *Toda a América*. Rio de Janeiro: Gráfica Alba, 1939.
- JULIO, Silvio. *Venezuela*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1940.
- JULIO, Silvio. *Escritores da Colômbia e Venezuela*. Rio de Janeiro: Academia de Letras do Brasil, 1942.
- JULIO, Silvio. *Escritores antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944.
- JULIO, Silvio. *História, literatura e folclore na América Espanhola*. Rio de Janeiro: Editora A. Coelho Branco Filho, 1945.
- JULIO, Silvio. *José Enrique Rodó e o cinqüentenário do seu livro "Ariel"*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.
- JULIO, Silvio. *Centenário de nascimento de Zorrilla de San Martín*. São Paulo: SN, 1956.
- JULIO, Silvio. *Artigas*. Rio de Janeiro: Editado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara, 1960.
- JULIO, Silvio. *Ensaio sobre a história dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Nepec, 1961.
- JULIO, Silvio. *Nótulas de literatura espanhola para brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Universidade do Brasil, 1962.
- JULIO, Silvio. *Del estilo en la historia*. Lima: Universidad de San Marcos, 1969.
- JULIO, Silvio. *Folclore e diactologia do Brasil e hispanoamérica*. Petrópolis: Centrograf, 1974.

- JULIO, Silvio. *Aproximações folclóricas em português e espanhol*. Petrópolis: Indústria gráfica centrofag, 1975.
- JULIO, Silvio. *Achêgas peruanas à literatura de Iberoamérica*. Rio de Janeiro: Revista Continente, 1983.
- JULIO, Silvio. *Sobre história, arqueologia e lingüística*. Rio de Janeiro: Continente editorial, 1983.

2. Outras obras de Silvio Julio (em ordem cronológica de publicação):

- JULIO, Silvio. *A covardia*. Colégio Militar, Rio de Janeiro, 1914.
- JULIO, Silvio. *Espelho*. Livraria do Globo, Porto alegre, 1919.
- JULIO, Silvio. *Fundamentos da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1930.
- JULIO, Silvio. *Conexões folclóricas e literárias na poesia do Brasil*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1930.
- JULIO, Silvio. *Penhascos*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1933.
- JULIO, Silvio. *Terra e povo do Ceará*. Rio de Janeiro: Carvalho, 1936.
- JULIO, Silvio. *Relações da língua portuguesa com a literatura brasileira*. Niterói: Diário Oficial, 1936.
- JULIO, Silvio. *Projeção universal de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro. Liv. H. Antunes, 1943.
- JULIO, Silvio. *Duas velhas danças gaúchas*. Petrópolis: Museu Imperial, 1951.
- JULIO, Silvio. *Estudos gauchescos de literatura e folclore*. RN. Editora: Clube internacional do folclore, 1953.
- JULIO, Silvio. *Fósseis no frigorífico*. Petrópolis: Agisa, 1954.
- JULIO, Silvio. *Três aspectos do drama na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: Teatro brasileiro, 1957.
- JULIO, Silvio. *Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca no Brasil*. Rio de Janeiro. A. Coelho Branco, 1962.
- JULIO, Silvio. *Elegias e Lastênia*. Petrópolis: Imprensa Vespertino, 1976.

JULIO, Silvio. *O conto em Mellilo Moreira de Mello*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1981.

3. Artigos sobre Silvio Julio (em ordem cronológica de publicação):

FALCÃO, Rubens. *O Precursor Silvio Julio*. Jornal “O Globo”, 29 – 05 – 1962.

ORNELLAS, Manuelito. *Prosa das Terças – Semblantes*. “Correio do Povo”, Terça – feira , 3 de outubro de 1967.

DUARTE, Dioclésio Dantas. *Peru deslumbra com paisagens*. “Diário de Notícias”, 1 – 11 – 69.

DRUMOND, Pizarro. *Silvio Julio e o Americanismo Brasileiro*. Separata da Revista da Academia Carioca de Letras. Junho de 1977.

LEVISKY, Fernando. *Tudo & Todos*. Jornal “Israelita” do Rio de Janeiro, 21 – 12 – 69.

MIRO, César. *Así se escribe la Historia*. “El Comercio”, Santos Domingo, 21 – 08 – 71.

BERAS, Elpidio. “*Listín Diario*” – V Ecos de un Congreso Internacional, República Dominicana, 9 – 09 – 71.

FALCÃO, Rubens. *Perfis em mangas de camisa*. “O fluminense”, 25 – 05 – 75.

BARCELOS, Ramiro Frota. *Folclore e Diactologia*. “Correio do Povo”, Quarta – Feira, 22 de Janeiro de 1975.

JUNIOR, R. Magalhães. *Folclore e Dialeto*. Leitura Dinâmica, “Manchete”, 14 – 06 – 75.

MONTELLO, Josué. *Um espadachim octogenário: Silvio Julio*. “Jornal do Brasil”, 13 – 03 – 84.

VASCONCELOS, Francisco de. *O Pernambucano Silvio Julio*. Centro de Estudos Folclóricos, Recife: Pernambuco, Junho-Julho, 1988.

_____. *Silvio Julio – Um clarão na América*. Petrópolis, 1975.

_____. *Câmera Cascudo de Potengi ao Piabanha*. Natal – Petrópolis, s.e., p.172, 1989.

_____. *Arquivo Pessoal*. Juíz de Fora, 2005.

- Documento encontrado no IHGB redigido pelo secretário Max Fleiuss, que continha em anexo o texto de Silvio Julio publicado no Paraguai (*La Historia en Brasil*. La Unión. Asunción, Jueves 5 de Junio de 1930) In: Notação: Lata 491 Pasta 23 Título do Documento: Carta ao Dr. Max Fleiuss. Data da consulta: 29/07/2004

4. Entrevista:

- Realizamos uma entrevista gravada com o advogado Francisco de Vasconcelos.

Duração: 2 horas

Local: Belo Horizonte

Data: 04 de maio de 2004

5. Bibliografia Geral:

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: ANPOCS: TOPBOOKS, 2000.

AINSA, Fernando. *De la edad de oro a el dorado – Génesis del discurso utópico americano*. Fondo de Cultura Económica, México, 1992.

ANDRADE, Mário. *O banquete*. Ed: Duas Cidades, São Paulo, 1977.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1997.

AROCENA, Felipe. “Ariel, Calibán e Própero: notas sobre a cultura latino-americana”. IN: Presença: *Revista de Política e Cultura*. Rio de Janeiro, número 15, abril de 1990, pp. 92-109.

BACZCO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi, Anthropos – Homem*, v. 5, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: FFLCH-USP, 1998 (Tese de Doutorado).

_____. “Representações da mestiçagem no Caribe Hispânico Insular: uma aproximação comparativa”. In: Eduardo França Paiva e Carla Maria Anastásia (org.). *O Trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – Séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002, p. 63-78.

_____. *A questão nacional em Porto Rico: O Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP: ANNABLUME, 1998.

BANDEIRA, Manuel; VARGAS, Augusto Tamoyo & MEIRELES, Cecília. *3 Conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

BAITZ, Rafael. *Um continente em foco. A imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo, Humanitas – FFCH – USP, 2004.

BARBOZA Filho, Rubem. *Tradição e Artificio. Iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte, Ed: UFMG, 2000.

BASTOS, Elide Rugai (org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

BEIRED, José Luís Bendicho. “Revolução e Cultura Política na América Latina”. In: DAYRELL, Eliane Garcindo & IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1996 (Col. “América: raízes e trajetórias”, 4), pp. 437-444.

BELLOTTO, Manuel Lelo & CORRÊA, Anna Maria Martinez (org.). *Simon Bolívar*. São Paulo. Ática, 1983

BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

BOLÍVAR, Simón. Tradução: Jacques Mario Brand, Josely Vianna Baptista. *Escritos Políticos*. Campinas; São Paulo. Editora da Unicamp, 1992.

BOMFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro. Topbooks, 1993.

BOSCH, Juan. *De Cristóbal Colón a Fidel Castro. El Caribe, frontera imperial*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7º edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

CANDIDO, Antonio. Os brasileiros e a nossa América. In: *Recortes*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993, p. 130-140.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp, 2000.

_____. *A Globalização Imaginada*. São Paulo. Editora: Iluminuras, 2003.

_____. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CAPANEMA, Gustavo. *Pensamentos*. Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas Gerais, Secretaria de Estado de Governo, Coordenaria de Cultura, 1983.

CAPELATO, Maria Helena. “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: Ser ou não ser latino-americano”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000) A Grande Transação*. São Paulo. Ed. Senac. 2000, pp. 285-316.

_____. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispano-américa. In: *História*, São Paulo, Editora: Unesp, v. 22, número 2, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRERA DAMAS, Germán. *El culto a Bolívar*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1969.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Nossa América: a utopia de um novo mundo*. São Paulo. Ed: Anita Garibaldi, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade – A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 2º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. II.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COELHO, Teixeira. *O que é utopia?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte. Ed: UFMG, 2001.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa – literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

COUTINHO, Eduardo F. “A busca de um discurso ‘síntese’ na narrativa contemporânea da América Latina”. In: *Anais do 1º e 2º Simpósios de literatura comparada*. BH: UFMG, 1987, p. 184.

COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Belo Horizonte, MG, 2003 (Tese de Mestrado).

DORATIOTO, Francisco. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

DORELLA, Priscila Ribeiro. *A Nação Brasileira e a América Platina: Uma análise de discursos historiográficos da ‘ Coleção Brasileira’, na década de 1930, sobre a construção da identidade brasileira em relação à outra América, a América Hispânica Platina*. Belo Horizonte: Monografia de Bacharelado – Departamento de História, UFMG, 2003.

DOS SANTOS, Wanderley Guilherme. *Roteiro Bibliográfico do Pensamento político-social brasileiro (1870-1965)*. Belo Horizonte, editora da UFMG, 2002.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República – História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 2005.

FÁVERO, Maria de Lourdes de. (coord.) *5 depoimentos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da profecia ao labirinto – Imagens da História na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro. Imago. Ed: UERJ, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro. Editora Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: editora Vozes, 1972.

FUENTES, Carlos. *O espelho Enterrado – Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo. Edusp, 1998.

_____. *Latinoamericanos buscando lugar em este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

GARCÍA IRIGOYEN, Franklin Pease. Estado y universidad en el Perú: una reflexión. In: *Universidad y política en América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987.

GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 1991

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismos*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Ed. Gradiva, 1993.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si Escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2004.

HALL, Stuart. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. RJ: Vozes, 2000.

HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. *Historia de la cultura en la América hispánica*. México: Fondo de Cultura Económica (FCE), 13ª reimpressão, 1992.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBBSBAWM, Eric J. & Ranger, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. “Champ d’expérience” et “Horizon d’attente”: Deux catégories historiques. In: *Le Futur Passé*. Paris: EHESS, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Administração colonial luso-espanhola nas Américas*. Rio de Janeiro: CIA Brasileira de Artes Gráficas, 1952.

LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTÍ, José. *Nossa América – Antologia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria. Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808 –1912)*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.

MARSISKE, Renate. *Movimientos estudiantiles en América Latina: Argentina, Perú, Cuba y México*. Universidad Nacional Autónoma de México, 1989.

MITRE, Antonio. *O dilema do Centauro: Ensaio de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Edição:23 Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos – Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte. Editora, UFMG, 2000.

PAZ, Francisco Moraes (org.). *Utopia e modernidade*. Curitiba: Editora da UFPR, 1994.

PAZ, Octavio. *O labirinto e a solidão e Post-scriptum*. 2º edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil – entre o povo e a nação*. São Paulo, Editora Ática, 1990.

PERUS, Françoise. *Literatura y sociedad en América Latina*. México: Siglo XXI, 1976.

PIERRE-CHARLES, Gérard. *El Caribe Contemporáneo*. 4º Edição, México, Siglo XX, 1987.

_____. *El pensamiento sociopolítico moderno en el Caribe*. México, UNAM/ FCE, 1985.

PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Editora da Unicamp, 1994/1995 (Vol. II e III).

PRADO, Maria Lígia Coelho. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual, 1998.

_____. *América Latina no século XIX – Tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp; Bauru; Edusc, 1999.

_____. *O Brasil e a distante América do Sul*. São Paulo. Revista de História: Humanitas Publicações FFLCH/USP – abril/2002.

_____. “Bolívar, Bolívares”. In: Folhetim. Suplemento de *A Folha de São Paulo*, 24 de Julho de 1983.

_____. Repensando a história comparada na América Latina. In: *Revista de História*. Ed: Humanitas, USP – São Paulo, 153 (2º Semestre), 2005.

QUIJALA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre “América Latina” (o uma variação heterodoxa em torno al tema de la construcción social de la verdad). In: *Revista de Índias*., 1998, vol. LVIII, num. 214.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *A literatura de Wole Soyinka – Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. 4º edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

_____. *História e teoria – historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. I. Campinas: Papyrus, 1994.

RIVAS, Rodrigo Andréa. *Peru – Apontamentos histórico – Econômicos*. IN: América Latina: 500 Anos de Conquista. Editora Ícone, São Paulo, 1987.

ROCHA, João César de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: editora da UERJ, 1998.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

_____. *Ariel, Liberalismo y jacobinismo, Ensayos*. México: Editora Porrúa, 1979.

ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português*. São Paulo: Unicamp, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Projetos Políticos de Modernização e Reforma no Peru: 1950-1975*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

TERÁN, Oscar. El primer antimperialismo latinoamericano. *Punto de vista – Revista de Cultura*, Buenos Aires, Año IV, Número12, Julio – octubre, 1981.

TEMPLE, Ella Dunbar. *La Universidad De San Marcos En El Proceso De La Emancipacion Peruana*. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1974.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. RJ: Ed. Jorge Zahar, 1993.

_____. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo. 3ª Edição: Martins Fontes, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e Sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural; Ed. da Unicamp, 1989.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ZANETTI, Suzana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo; Campinas: Unicamp, 1994.

ZEA, Leopoldo (org.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI: Unesco, 1986.
_____. (comp.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica (FCE), 1993, 3 Vol.

6. Sites consultados:

www.apcl.com.br/noticias/colunasilviojulio.html 07/09/03

www.dec.ufcg.edu.br/biografias/joselnac.html 01/09/06

www.ifch.unicamp.br/anplhac/revista/numero_04arquivo_3.pdf 07/09/06

www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/96.pdf 07/07/2006

- Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 9, 1992, p. 84-96. (Tentamos entrevistar a historiadora Eulália Lobo, mas ela se recusou a falar sobre Silvio Julio)

7. Anexos: Imagens

Figura 1

Fonte: JULIO, Silvio. *Elégias e Lastênia*. Petrópolis: Imprensa Vespertino, 1976.

Figura 2

Fonte: JULIO, Silvio. *Três estudos sobre a Argentina*. Rio de Janeiro: Editora “O Norte”, 1923.

Figura 3